

Ailton Jesus Dinardi (Org.)

# EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO

A dimensão ambiental  
nas narrativas e trajetórias  
de educadores e  
educadoras na  
Fronteira



É com muita satisfação que apresento a vocês esse livro organizado pelo professor Ailton Jesus Dinardi com textos sobre a educação ambiental praticada e experimentada nas fronteiras do Sul do Brasil. Quando o professor Dinardi entrou em contato, me convidando para escrever esse prefácio, ele dizia que a proposta do livro tinha como base um dos meus textos. Efetivamente ao longo de minha carreira tenho desenvolvido, com outros colegas, a possibilidade da escrita de nossas próprias experiências, pautado basicamente no conceito de “sujeito da história” de Paulo Freire e na afirmativa dele que aprendemos com a própria história. Mais recentemente temos elaborado na Universidade de Sorocaba a noção “a aventura de desnudar-se”, que implica em trazer ao espaço público do debate educacional, político e ambiental as nossas entranhas, lidas e lutas cotidianas. Quando recebi o e-mail do professor Ailton eu só podia me sentir lisonjeado e orgulhoso com o convite e pensei na canção “Corsário” de João Bosco e Aldir Blanc, interpretada por Elis Regina, que se refere às mensagens lançadas em garrafas por todo o mar. Estávamos na ocasião (e estamos nesse momento em que escrevo) na pandemia que tantas vidas já ceifou no Brasil e no mundo, agravada com a indiferença com o meio ambiente natural, com as populações mais vulneráveis, com o negacionismo apregoado oficialmente, sem falar dos estarecedores comentários sobre Paulo Freire feitos por ex-ministros da educação de nosso país.

**Marcos Reigota**



## **Experiências de vida e formação**



# **Experiências de vida e formação**

**A dimensão ambiental nas narrativas e trajetórias de educadores e educadoras na Fronteira**

**Organizador**

Ailton Jesus Dinardi



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Ailton Jesus Dinardi e Luis Roberval Bortoluzzi Castro

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

DINARDI, Ailton Jesus (Orgs.)

Experiências de vida e formação: a dimensão ambiental nas narrativas e trajetórias de educadores e educadoras na Fronteira [recurso eletrônico] / Ailton Jesus Dinardi (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

165 p.

ISBN - 978-65-5917-083-8

DOI - 10.22350/9786559170838

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Socioambiental; 2. Educação; 3. Fronteira; 4. Formação; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 370

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação                      370

# Sumário

<b>Prefácio - Eu indo ao Pampa e o Pampa indo em mim .....</b>	<b>9</b>
Marcos Reigota	
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>13</b>
<b>Da guria curiosa à guia de trilhas ecológicas</b>	
Maria Elisabeth Valls de Moraes	
<b>Capítulo 2 .....</b>	<b>28</b>
<b>Educação ambiental como educação filosófica: ensaio (auto) formativo</b>	
Filipi Vieira Amorim	
<b>Capítulo 3 .....</b>	<b>47</b>
<b>Meu ambiente sem fronteiras</b>	
Argemiro da Rosa Rocha	
<b>Capítulo 4 .....</b>	<b>60</b>
<b>O caminho se faz ao caminhar: reflexões sobre a formação de uma identidade ambiental</b>	
Raquel Ruppenthal	
<b>Capítulo 5 .....</b>	<b>69</b>
<b>Percurso formativo de uma professora à luz da educação ambiental</b>	
Cadidja Coutinho	
<b>Capítulo 6 .....</b>	<b>77</b>
<b>Quem és tu guri? Trajetórias de um estudante que se apaixonou pelo Pampa</b>	
Luis Roberval Bortoluzzi Castro	
<b>Capítulo 7 .....</b>	<b>100</b>
<b>Quem tem fome, tem pressa</b>	
Maria Tugira da Silva Cardoso	

<b>Capítulo 8 .....</b>	<b>109</b>
<b>Registros da dimensão ambiental na docência</b>	
Álvaro Luís Ávila da Cunha	
<b>Capítulo 9 .....</b>	<b>122</b>
<b>Resiliência: condição para a transformação sócioambiental</b>	
Ailton Jesus Dinardi	
<b>Capítulo 10.....</b>	<b>135</b>
<b>Trajectoria ambiental e pessoal: a vida feita de oportunidades, escolhas e adaptações</b>	
Karina Braccini Pereira	
<b>Capítulo 11 .....</b>	<b>147</b>
<b>Uma relação de amor entre o campo e a cidade</b>	
Cristiane Trindade Botta	
<b>Considerações finais.....</b>	<b>161</b>
<b>Autores .....</b>	<b>164</b>



## **Prefácio**

### **Eu indo ao Pampa e o Pampa indo em mim**

*Marcos Reigota*

Prezadas leitoras. Prezados leitores.

É com muita satisfação que apresento a vocês esse livro organizado pelo professor Ailton Jesus Dinardi com textos sobre a educação ambiental praticada e experimentada nas fronteiras do Sul do Brasil. Quando o professor Dinardi entrou em contato, me convidando para escrever esse prefácio, ele dizia que a proposta do livro tinha como base um dos meus textos. Efetivamente ao longo de minha carreira tenho desenvolvido, com outros colegas, a possibilidade da escrita de nossas próprias experiências, pautado basicamente no conceito de “sujeito da história” de Paulo Freire e na afirmativa dele que aprendemos com a própria história. Mais recentemente temos elaborado na Universidade de Sorocaba a noção “a aventura de desnudar-se”, que implica em trazer ao espaço público do debate educacional, político e ambiental as nossas entranhas, lidas e lutas cotidianas. Quando recebi o e-mail do professor Ailton eu só podia me sentir lisonjeado e orgulhoso com o convite e pensei na canção “Corsário” de João Bosco e Aldir Blanc, interpretada por Elis Regina, que se refere às mensagens lançadas em garrafas por todo o mar. Estávamos na ocasião (e estamos nesse momento em que escrevo) na pandemia que tantas vidas já ceifou no Brasil e no mundo, agravada com a indiferença com o meio ambiente natural, com as populações mais vulneráveis, com o negacionismo apregoadado oficialmente, sem falar dos estarrecedores comentários sobre Paulo Freire feitos por ex-ministros da educação de nosso país.

Todo esse contexto nos leva a indagar: quando e como se iniciou, no Brasil, o processo de produção de ausência de sentidos, ou seja, da mais ampla indiferença com a vida no seu sentido mais amplo? Essas questões têm estado presentes nas minhas aulas e seminários, na minha escrita e nos meus afazeres cotidianos. Foi num desses dias mais difíceis que recebi do professor Dinardi os textos que aqui se encontram acompanhados da informação de que estava faltando apenas um e que este me seria enviado em breve. Comecei a leitura do conjunto dos textos (menos um) num sábado à tarde, na varanda de minha casa, espreitando os passarinhos e as plantas ao redor. Quando terminei a leitura do primeiro texto, precisei tomar fôlego, beber água, caminhar e ouvir um pouco de música. Ouvi o álbum “A Estética do Frio” do Vitor Ramil, que ganhei (lá nos idos do final do século XX e início do século XXI) de uma colega que trabalhava na Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul no governo Olívio Dutra. Ela foi muito ativa na Constituinte Escolar que ocorreu no Rio Grande do Sul de 1999 a 2002.

Embalado pelas músicas de Vitor Ramil retomei a leitura e fui encontrando no conjunto dos textos o som dos sotaques, nomes de cidades que desconheço e uma passagem ou outra que lembravam o livro “Incidentes em Antares” do Érico Veríssimo. A fictícia Antares podia ser Arroio do Tigre, Barra do Quaraí, Ibirubá, Itaqui... A poesia do Mário Quintana está impregnada em passagens que narram o chimarrão circulando de mão em mão nas cidades da fronteira com a Argentina e com o Uruguai. Cidades de nomes tão bonitos como Bella Unión e Monte Caseros. Encontrei educadoras e educadores ambientais que lembram personagens das crônicas do Caio Fernando Abreu, como a professora que apostava pintar de verde os seus cabelos, aguerridos ativistas que sonham atravessar fronteiras sem bandeiras nacionais e na ênfase dada à amizade (“minha amiga é quem digita o texto para mim”). Podemos nos deparar, nessas narrativas cheias de vida, lida, luta e solidariedade, com escritoras e escritores que marcaram nossos colegas: Eduardo Galeano, Clarice Lispector, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Machado de Assis, Zélia Gattai e não faltam

referências à música de Almir Sater e de Dorival Caymmi. Encontram-se também nomes de educadoras e educadores ambientais com os quais pude estabelecer laços de camaradagem e coleguismo desde longa data. Foi assim que ao ler uma narrativa que faz uma sensível homenagem ao Mauro Grun eu precisei (mais uma vez) ouvir vozes e escolhi “ Esquadros” da Adriana Calcanhoto na interpretação do Belchior.

Nessas narrativas encontramos professores e professoras, que podem ser também as mães, ou as tias dos autores e autora. Aqui também estão, ou pais e irmão, primas e primos ou pessoas que não apresentam nenhum laço de parentesco, mas que influenciaram as e os autores para que se tornassem (se identificassem) como educadoras e educadores ambientais. Gostaria de enfatizar a presença de outros mestres (apoiado na concepção de mestre de Paulo Freire), do vô Preto e da vô Júlia. Nos aspectos mais sociológicos nos deparamos com aspectos culturais do Brasil profundo que resistem bravamente como o ato de se enterrar o cordão umbilical, ou no cuidado e observação do lento fenecer de uma tartaruga atingida por tiros ( que não morre sem antes por os seus ovos), nos mutirões para o plantio de espécies nativas, no encontro das famílias na hora do almoço e nos momentos que provocam “alegria que não cabe num sorriso”.

Um ponto de fundamental importância presente no livro são as diferentes trajetórias escolares em diferentes contextos políticos, sociais e ambientais. Temos aqui testemunhos de como que pessoas de diferentes classes sociais tiveram acesso ao ensino superior e como e se tornaram professores e professoras marcados pela temática ambiental. Com elas e eles adentramos ao espaço e ao cotidiano das escolas rurais, das escolas agrícolas, dos institutos e das universidades públicas e comunitárias de grande prestígio e de reconhecida qualidade, e nos deparamos com o depoimento de que Paulo Freire não era estudado num curso de pós-graduação em educação.

Do Pampa fui voltando a São Paulo, acompanhado pelo professor Dinardi. Ele passa por Cascavel no Paraná só para ler, numa parede, uma

frase que movimentava as trajetórias e narrativas aqui presentes. Vamos nos aproximando de cidades que me são mais conhecidas: Bauru, Botucatu, Jaú, Lençóis Paulista, Pederneiras... e sigo mais lá para o Oeste (de onde, nascido e criado, iniciei o percurso). Encontro a imagem do meu pai na narrativa do professor Dinardi, portando o seu chapéu Ramenzoni, quando este não se encontrava guardado, com todo o cuidado, na caixa redonda de papelão. Imagem essa complementada com a lembrança de que “a vergonha é a herança maior que meu pai me deixou”, como canta o filósofo (ignorado nas nossas universidades) Lupicínio Rodrigues. Os dias se passaram e as anotações que eu havia feito repousavam sobre a minha mesa de trabalho: Faltava um texto... e eu aguardava sua chegada para iniciar a escrita desse prefácio.

Quando o último texto chegou eu me encontrava contando os mortos que a pandemia causou no Brasil. Entre milhares de mortos e milhões de infectados se encontram amigos e familiares, inclusive Ana Raquel Possas, professora da Universidade Federal do Amapá, que organizou o livro “Trajetórias e Narrativas Através da Educação Ambiental” comigo e com Adalberto Ribeiro. Nossa colega Ana Raquel Possas foi a primeira das minhas amigas a falecer. Pensando nela reservei o tempo para ler o texto que faltava e ao concluir a leitura senti que poderia escrever mais alguns parágrafos, mas prefiro enfatizar a imagem que me causou: Paulo Freire sorrindo de satisfação com a força e com a dignidade que a educadora ambiental Maria Tugira da Silva Cardoso, a dona tugira, nos oferece para celebrarmos a vida e combatermos a indiferença, a injustiça e a ignorância.

Que vocês possam encontrar nesse livro cumplicidades e solidariedades para seguir adiante.

09.10.2020.

## Capítulo 1

### Da guria curiosa à guia de trilhas ecológicas

*Maria Elisabeth Valls de Moraes*

Nasci em meados do Século XX na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, precisamente em Uruguaiana no Bioma Pampa. Primeira filha de oito, de uma família trabalhadora e dinâmica de classe média. Meu pai era veterinário e minha mãe, professora de anos iniciais. No lado materno, meu avô era médico e um de seus irmãos também, outro foi prefeito daqui da cidade, outro morreu na maturidade vítima de um acesso de tosse quando se recuperava de uma cirurgia no abdômen. No lado paterno, meu avô trabalhou em várias funções e quando o conheci trabalhava em um cartório. Minha avó paterna morreu quando meu pai tinha uns seis anos, vítima de falta de luz ao estar na mesa de operação em uma cirurgia de apendicite aguda. Depois o vovô veio a casar novamente e no meu entender errou porque a segunda esposa era muito chata, séria, autoritária e agressiva. Em contrapartida, minha avó materna, modista, criava fantasias de carnaval, vestidos de noiva e de quinze anos para o debut e a chamávamos de vosita. Era alegre, conversadora, autoritária e criativa. Cozinhas muito bem e todas as pessoas que porventura fizessem algum serviço em sua casa, ela os tratava muito bem servindo-lhes café da tarde na cozinha. Lembro da alegria que sentíamos ao espichar a massa de futuras tortas fritas que comíamos em dias frios e os bolinhos (sonhos) que ajudávamos a fazer e fritar em dias de chuva.

Meus irmãos decidiram ser profissionais de diversas áreas. Um é arquiteto, mora no Bioma Cerrado em Goiás e o outro é biólogo e,

atualmente, está vivendo no Amazonas. Outros três moram aqui em Uruguiana: um é engenheiro mecânico, outro agrônomo e o outro veterinário. Quanto as minhas irmãs, uma também seguiu a profissão do pai e mora em Santa Catarina, atualmente trabalhando no comércio com seu marido, a outra mora no exterior e embora sendo Química, atualmente trabalha como dona de casa. Eu, sou profissional de Educação Física (EF), estou trabalhando em escola rural de educação básica pública, atendendo alunos/as desde a educação infantil, nas etapas cinco e seis (de quatro a seis anos), nos anos iniciais (do primeiro ao quinto ano) e nos anos finais (de sexto a nono ano). Atuo também na educação informal como organizadora de trilhas e passeios na fronteira trinacional de Brasil, Argentina e Uruguai. Danço desde os 10 anos, pratiquei ballet clássico por vários anos, estudei piano, teoria e solfejo e desde bem pequenina, adoro andar de bicicleta e estar ao ar livre sem sentir, frio, muito calor ou fome. Estar confortável. Sinto-me aventureira, mas até por ali. Uma boa barraca com colchão de ar ou catre articulável com ventilador e remédio contra mosquitos, uma boa comidinha, um café quentinho e um transporte que não me deixe na mão são necessidades que considero fundamentais.

Voltando a minha família, o meu pai, além de veterinário engajou-se no exército, deixando um ótimo salário de vendedor de uma indústria farmacêutica para poder estar com a família que crescia rapidamente, além de ficar perto de meus avós maternos que eram muito afetivos. Logo que nasci, com uns seis meses rumamos para o Rio de Janeiro para o pai cursar a Escola de Saúde do Exército. Lá vivemos uns meses em uma pensão com vários hóspedes militares. Depois o casal achou um outro lugar mais tranquilo na ilha de Paquetá e aí o pai ia nos visitar nos fins de semana. Bem mais tarde, quando tinha uns dez anos, fomos eu e a mãe com outra amiga dela visitarmos nossa tia materna e pegamos a barca que levava à Paquetá e desfrutamos do passeio. Embora fosse tranquila a ilha, no quarto que morávamos, eu sofria e me irritava no berço, pois a mãe ficava atendendo a lavagem de roupas, a limpeza do quarto e a preparo da comida. Mas nos

fins de semana era mais tranquilo com a ajuda do pai. Depois ele foi transferido para a Corte, chamávamos São Simão, uma vila militar, pertinho de Cacequi. Lá moramos em duas casas, uma pequena que ao longe avistava-se uma plantação de eucaliptos e todos os dias ao olhá-la eu sentia uma vontade enorme de ir caminhando até lá e conhecê-la. Naquele tempo já tinha uma companheira fiel: meu triciclo verde. Adorava andar nele pelas calçadas da vila de casas pequenas, olhar as cercas, a plantação de eucaliptos ao longe, descobrir novos trajetos. Havia poucas árvores naquele bairro sendo um lugar seco e ensolarado. Diferente do ambiente da segunda casa para a qual mudamos. Tinha dois andares, era de madeira, muitas árvores frutíferas no pátio, um galpãozinho com uma pitiça chatinha que adorava derrubar a mim e meus irmãos e tentava morder-nos frequentemente. Havia também um galinheiro com muitas galinhas. Muitos eucaliptos no terreno a frente e na rua sem calçamento que havia ao lado da casa. Ela ficava na esquina e as outras do mesmo molde se localizavam uma ao lado da outra com os pátios separados com cerce de arame. Em frente havia outro bloco comprido de casas que acompanhava a baixada do terreno à esquerda até a estação de trem. Do lado direito, nos fundos do galpão cruzava outra rua que iniciava nos fundos da casa do comandante e em frente à escola e continuava, passando pelos fundos da nossa casa pela igreja e por um salão de festas. Em frente ao salão, do outro lado da rua, um restaurante. Uma vila bem pequena e de noite, já deitada, ouvia o barulho do trem na estação. Era muito gostoso.

Não estudei na escola porque não tinha idade para o primeiro ano, mas ia visitá-la, bisbilhotava o trabalho de minha mãe com vários alunos/as de adiantamentos diferentes, também visitava uma das minhas amigas que morava na frente da escola, era filha de um oficial. Tinha outra amiga que moravam atrás do restaurante, seus pais eram proprietários do único restaurante do lugar. Aprendi com ela a secar talheres de uma maneira rápida, embora odiasse as tarefas domésticas de arrumar a cama, lavar pratos e secá-los, mas com ela era divertido e não era obrigatório.

Eu adorava correr nos campos dos lados da vila com meus manos, subir em árvores no enorme pátio da segunda casa, brincar com minhas amigas nas ruas que raramente passavam automóveis, mas passavam carroças e pessoas transitando em seus cavalos, alguns jipes e caminhões militares. Utilizávamos a estação para brincarmos, principalmente com meus irmãos como espaço de confronto entre dois grupos. Uma vez até atamos (frouxamente) um dos meus irmãos nos trilhos. E deixamos ele lá que, comportadamente, não se desatou esperando ajuda de seu grupo. Subíamos a ladeira para a casa grande quando a mãe chegava com um vizinho perguntando pelo filho que faltava. Relatamos a brincadeira em que no grupo dele, ele tinha sido feito prisioneiro e apontamos o lugar. Ela quase entrou em pânico ao vê-lo nos trilhos pois, o trem passaria dali a poucos minutos. Com a ajuda do vizinho correram e desataram-no. Levamos uma boa bronca dela e do pai.

Eu me achava independente e importante por ser a primeira filha. Lembro de meus pais terem ido a uma festa com baile e à noite se dirigiram para o local a uma quadra de onde morávamos. Eu achei uma afronta terem ido sem mim, pois eu era a mais velha! Pois, coloquei a roupa que mais gostava e um sapato mocassim muito cômodo e com medo do escuro, mas com decisão rumei para a casa da festa. A rua ao lado da calçada em que caminhava era ladeada por enormes eucaliptos e de longe em longe, talvez uns 10 metros, havia uma lâmpada. Quando cheguei na festa foi um auê! Riam e conversavam comigo sem acreditar que eu tivesse ido sozinha a festa. Me achei o máximo! Minha mãe achou que a roupa não era adequada e sorria, meu pai fechou a cara e fez menção de me levar embora. Não deixaram...deixem-na ficar, diziam e apresentaram-me um menino da minha idade que tinha ido à festa com seus pais. Tiraram uma foto de lembrança. Acho que era uma festa tradicional gaúcha porque o guri estava vestido de gaúcho, pilchado!

Um lugar muito legal que íamos no verão era um lago onde nos refrescávamos. Íamos nós e outras famílias também. Falavam que tinha jacaré do outro lado do lago, mas nunca vi um. Algumas vezes, eu e os



manos recorriamos as laterais do lago para ver se encontrávamos algum, mas não vimos nada.

Uma vez fui convidada para dançar, provavelmente porque andava xereteando as aulas de minha mãe e aí me convidaram para aprender uma dança e apresentá-la com os/as demais alunos/as. A dança era o Pericón. Adorei dançar aquele ritmo e aprender os passos com os/as demais alunos/as. Gostava de estar em grupo.

Quando fomos embora de São Simão, pois o pai tinha sido transferido para Uruguaiana, senti-me diferente, fui ao campo em frente à casa grande e corri com os cabelos soltos ao vento, o que adorava fazer, mas não senti prazer nenhum. Senti tristeza e me perguntava o porquê da tristeza porque não a entendia, mas tinha ouvido que gente grande não gostava de correr...

Depois fomos morar em Uruguaiana e vivemos um tempo em um apartamento na Rua Santana, térreo, muito frio e um pouco escuro. Era frente sul. Um de meus irmãos ficou muito doente, teve bronquiolite. A mãe estava preocupada, mas o mano se recuperou. Tudo à frente do edifício era calçada ou pavimentado, tinham poucas árvores na calçada e elas eram pequenas e feias. Senti muita falta de São Simão...

Mudamos dali para uma casa antiga, grande e com pátio pertinho do Hotel Gloria. Os quartos eram grandes com o teto muito alto, grandes janelas para a calçada e um pátio que dava volta na casa. Tinha uma varanda com muitos vidros e se via o pátio. Fui lá com a mãe para olhar a casa em um dia que chuviscava, as plantas molhadas mostravam um verde forte ressaltando o colorido das flores. Havia várias árvores no fundo do pátio e um corredor lateral com portão baixo que desembocava na calçada. A porta da frente era grande e alta conduzindo a outra porta de madeira com vários vidros coloridos em um corredor largo.

Quando chovia o pátio concentrava um pouco de água e era uma delícia brincar. Em tempo seco subíamos nas árvores, a maioria eram de ameixeiras amarelas, de cima comíamos as ameixas e cuspiamos com força as sementes nos de baixo que passavam correndo para não serem

atingidos. O muro de trás dava para outra casa com um pátio menor e uma varanda quadrada. Conhecíamos os jovens da casa e os mais velhos e adorávamos subir o muro e ficar olhando com cara de totem indígena para eles, penso que com o intuito de assustá-los. Nos dias de chuva continuada, eu adorava correr e brincar bastante no pátio com água, depois entrar, me secar, tomar banho e comer um guisadinho com arroz e farofa quentinho. Que delícia!

Meu avô materno trabalhou por muitos anos na Colônia Rizícola 2 que o Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA) construiu em meados de 1943 para desenvolver a cultura de arroz irrigado. Nesta época não existia a BR 472, a mãe nos falava que era pequena, uns oito anos e no local que construíram a Barragem Sanchuri observava os homens trabalhando e os via muito pequenos. Para chegarem na Rizícola ela contava que abria e fechava uma porção de porteiras. Nesta época, meus avós adquiriram um pedaço de terra junto a Barragem que o IRGA disponibilizou à venda para interessados após a criação da Colônia. Íamos muitos fins de semana para lá. Meus avós tinham uma caminhonete Chevrolet branca e azul. Era grande e cômoda. Lá andávamos a cavalo, o vosito tinha um Percheron<sup>1</sup> que era só para adultos e nós, pequenos andávamos no Tordilho Negro<sup>2</sup> e na pitiça, aquela chata que vivia me mordendo e da qual eu caí muitas vezes. Havia também, uma horta e um pomar de cítricos. No verão tomávamos banho na Barragem. Com tempo foram comprando algumas vacas de leite, as holandesas. Eram lindas e bem tratadas. Ouvi o pai falar que para comer o queijo advindo do leite de vacas elas deveriam ser vacinadas. Tinham umas brabas que corriam atrás de nós...víamos lagartos e serpentes e uma vez matei uma cobra papa pinto<sup>3</sup>no susto e até hoje sinto tristeza e remorso.

---

<sup>1</sup>Raça de cavalo de tração com constituição robusta.

<sup>2</sup>Pelagem de cavalo com pelos brancos e pretos.

<sup>3</sup>Serpente papa pinto- é uma cobra grande, de hábitos diurnos. Alimenta-se de vários tipos de presas, inclusive pintos e outras cobras. Não é peçonhenta.

Até o quarto ano estudei em escola pública que se chamava Romaguera Correa. Tinha uma escada muito interessante com um corrimão em forma de um quadrado incompleto. Era ótimo escorregar por ele, porém não era aprovado pela direção e professoras. Anteriormente, no jardim de infância, estudei no Domingos José de Almeida. De lá tenho uma lembrança triste e uma alegre. A triste é que minha mãe solicitou a vosita, sua mãe para eu ficar em Uruguaiana para estudar e eu chorava quase todos os dias com saudades da família que estava em São Simão. Passado um tempo voltei para lá e somente vim para a cidade junto com todos. A alegre, foi ter assistido ao primeiro teatro de fantoches que amei. A sala estava na penumbra e os bonecos, suas vozes e a história me agradaram muitíssimo. Nunca mais esqueci este episódio.

Fui, então para uma escola particular e naquela época tinha um exame de admissão ao final deste ano. Chama-se Escola Nossa Senhora do Horto e aceitava somente meninas e moças. Era dirigido por freiras. Senti durante um bom tempo muito saudades do Romaguera onde tinha muitos amigos e amigas e me divertia no recreio. Nesta nova escola ficava retraída nos recreios e explorava os lugares para ficar. Tinha dois andares e uma visão do rio Uruguai belíssima. Naquele ano passei por média, não precisei fazer o exame de admissão e ingressei lá mesmo, no ginásio. Tive uma professora de Educação Física maravilhosa, ela era argentina e trabalhamos ginástica rítmica com cordas e saltos da ginástica artística. O grupo apresentou-se em um evento no Instituto União, pertinho da escola. Logo depois passamos a aprender um jogo em grupo chamado câmbio, mas a mãe achou que eu fazia muitas atividades extraclases, aí solicitou que eu decidisse entre a EF e a dança. Havia chegado um professor argentino de ballet clássico e ela havia inscrito meu nome sem me avisar. Mesmo assim eu aceitei e tive de deixar as aulas que adorava. A dança era um pouco mais solitária, mas reclamei e não adiantou.

Nesta época, viajávamos frequentemente, nas férias de inverno para visitar e conhecermos os parentes do pai. Era uma farra gostosa a viagem.

Compravam bolachinhas em Libres, doces e salgadas, faziam galinha assada com farofa, levavam suco e água, além de tijolinhos (doces de banana em pequenos retângulos). Quando a Kombi fazia a curva das Charqueadas, uns dois quilômetros do centro da cidade já queríamos comer as bolachinhas e tomar o suco. E o pai iniciava a reza. Tínhamos que acompanhá-lo rezando todo um terço, ou mais bem-dito, um rosário inteiro. Íamos para Três Passos onde morava nosso avô paterno e a madrastra, a Cruz Alta onde moravam um casal de tios avós muito alegres e afetuosos, além de Ijuí onde morava a tia, casada e com três filhos: três meninas e um menino. Lugares muito diferentes de Uruguaiana com campos limpos e planos. Lá tinha uma vegetação graúda, abundante, alta e muito bela que adornava campos e cruzava a estrada como se fosse um túnel. Porém, tinha um inconveniente para nós, crianças, era terra vermelha e nos sujávamos com mais frequência necessitando tomar 3 banhos por dia. Lá não andávamos a cavalo e caminhar ou andar de bicicleta pela cidade era mais difícil com grandes aclives e declives. Nestas viagens muitas vezes o carro ficava muito sujo de barro, pois as estradas, em sua maioria, não eram asfaltadas. O pai era um ótimo motorista, a mãe não apreciava dirigir. Muitas vezes era uma alegria porque o pai parava para ajudar carros atolados e nos chamava para acompanhá-lo. Era bárbaro! Empurrávamos o carro atolado e depois voltávamos felizes e embarrados para a Kombi seguindo viagem. Em Três Passos fui apresentada a obra de Érico Veríssimo. Meu avô tinha a trilogia do Tempo e o Vento e outras obras de Érico e me ofereceu para ler Clarissa, uma menina da minha idade! Adorei aquele encontro literário patrocinado pelo meu avô paterno.

Alguns anos mais tarde o pai de novo foi transferido, para o Coudearia do Rincão de São Borja, onde ainda se criavam cavalos, um lugar legal, mas também de terra vermelha. A família ficou dividida e nos juntávamos em feriados prolongados e nas férias de verão e inverno. Ali perto o rio Icamaguã era um local lindo e gostoso para nos refrescarmos com um rio de águas escuras e limpas com muitas pedras. Uma vez que outra, eu e meu mano subsequente íamos caminhando da casa até o rio. Penso

que distava uns 8 km. A casa onde ficávamos era antiga tinha uma borda ao redor de toda ela e adorávamos caminhar por ela grudados na parede externa. Tinham alguns morcegos no meio do telhado e tentávamos espantá-los imaginando serem vários dráculas. Todos tínhamos muito medo deles. O pátio da casa tinha muitas árvores frutíferas e comíamos romã, maçã, banana, laranja, limão e bergamota. As casas ficavam alinhadas de um lado e outro e no centro havia um outro pomar enorme todo cercado.

Terminei o ginásio e iniciei o curso científico no Colégio Santana, este era uma escola para meninos e na época de minha adolescência já aceitava meninas. Também era uma escola muito ampla e linda com uma varanda no segundo andar que tinha uma ampla e bela vista para a Ponte Internacional sobre o rio Uruguai e para a cidade de Paso de Los Libres na Argentina. Uruguaiana fica a cinco quilômetros desta cidadezinha. Esta ponte foi construída em colaboração com os dois países. Cada país construiu a metade da ponte. O local escolhido possibilitava a divisão de gastos e tarefas. Demorou muito tempo para ser finalizada, meu avô materno falava muito sobre sua construção. A ponte chama-se Getúlio Vargas-Agustín Justo foi inaugurada em 1942 e concluída em 1945 pelos presidentes Juan Domingo Peron e Eurico Gaspar Dutra. Evita acompanhou seu marido e presidente neste evento. Meus avós maternos contavam que foram apresentados a ela no baile a noite no Clube Comercial daqui de Uruguaiana. Meu avô dizia que não gostou da cor de Evita. Mais tarde ela veio a falecer de câncer.

Finalizei o Curso Científico em Porto Alegre na Escola Farroupilha no bairro Três Figueiras. Muito lindo o local da escola. Bairro tranquilo e muito arborizado embora longe do lugar que eu morava situado a meia quadra da Avenida Protásio Alves e do viaduto da Mariante. Mas pegávamos o transporte público, eu e minha colega de apartamento e de escola. Éramos colegas no Santana e combinamos de morarmos juntas com meu primo que na época cursava Engenharia na capital. Custei a me adaptar, havia muito barulho, poucas árvores nas imediações do apartamento, nenhuma terra, grama ou coxilha perto e um ar que não era puro. Na época

queria ir para a escola Anchieta que ficava perto do Farroupilha, mas a mãe não conseguiu vaga. Estudava de manhã, inclusive a EF era de manhã e aos sábados de tarde, estudava em casa, participava de aulas de ballet em uma academia próxima e algum dia a noite estudava inglês em escola especializada. A professora de Inglês do Farroupilha entrava na aula falando inglês, explicava os exercícios e se despedia também em inglês. O livro também era todo em inglês. Fiquei no início apavorada, mas aos poucos fui entendendo, e já vinha de Uruguaiana com uma base. Estudava muito. Mas não me sentia muito bem na escola no início, depois melhorou e fui me relacionando com colegas e professores da escola e do curso de Inglês. Não aceitava a atitude das professoras de EF que atendiam com mais atenção quem já sabia algo, principalmente, em relação aos esportes. Porém, organizaram uma apresentação de dança de final de ano e participei com gosto. Na época era considerada a única escola que tinha médico/a e enfermeiro/a, a disposição de toda a escola caso fosse necessário. Fazíamos o exame biométrico no início do ano com a dupla.

No início do outro ano, 1975, fiz o vestibular, o casal me acompanhou a Porto Alegre, fizemos uma pesquisa da escola onde iria fazer as provas para planejar horário de saída do hotel, tempo de viagem no transporte público e qual linha tomar. Fiquei assim tranquila para o vestibular. O que não aconteceu anteriormente, pois estava em dúvida sobre o que estudar para a futura profissão. No ano de 1974, eu e minha colega percorremos as faculdades que tínhamos interesse e pesquisamos as disciplinas que estudaríamos. Eu estava em dúvida entre Medicina e EF, mas decidi quase ao final do ano pela última, em vista de desejar estar ao ar livre, olhando céu, árvores, respirando ar puro e me movimentando junto a várias pessoas, fossem adultos, jovens ou crianças. Se optasse por Medicina teria que usar um jaleco branco, estar constantemente em lugares construídos e fechados. Não gostei muito das matérias de Medicina, já as de EF adorei todas, assim como gostei imensamente do prédio da faculdade no bairro Jardim Botânico.

Passei de primeira no vestibular e fiquei muito feliz, aí fui procurar com meus pais outro lugar, porque a parceria com o primo e a colega havia se desfeito. Conseguimos um apartamento na Venâncio Aires e logo em fevereiro tivemos que fazer uma mudança. Meus dois irmãos seguintes viriam fazer exame para ingresso no Colégio Militar. Moramos ali por vários anos, pertinho da João Pessoa, lugar com muito barulho, mas perto do Parque Farroupilha que era uma dádiva naquela cidade. Havia um lago, muitas árvores, um espaço central calçado com um monumento, várias alamedas, uma pista de atletismo, um teatro. Não havia portões, à noite não era seguro cruzar por ele. Para ir à Escola Superior de Educação Física (ESEF) eu tomava o ônibus Jardim Botânico e parava em uma esquina deste bairro e caminhava meia quadra até a ESEF. Ela ocupava uma quadra inteira com o prédio das salas de aula e um ginásio, com várias quadras, uma pista de atletismo e um espaço livre em frente ao Jardim Botânico que mais tarde construíram a piscina térmica. Havia árvores, muita grama e ar puro circulando por todos os lados. A vista do Jardim Botânico ao lado harmonizava algumas construções que havia na ESEF. O ginásio se ligava as salas de aula por dois corredores abertos e com escadas ao final, então nos intervalos das aulas práticas ficávamos nestes corredores abertos conversando, lanchando e apreciando estar ali. Algumas matérias pedagógicas estudávamos no prédio da Educação perto da Reitoria, anatomia e fisiologia, no de Medicina, inclusive com cadáveres. Depois de formada não fiquei muito tempo em Porto Alegre procurando trabalho, fiz um concurso para as escolas municipais, passei, mas custavam a chamar, então fui para Uruguaiana. Meus pais propuseram terminar de construir uma sala que ficava abaixo da casa em vista do terreno em declive e onde poderia ensinar dança e ginástica. Foi o que fiz. Iniciei em 1981 as aulas na academia de ginástica e dança e logo estava também trabalhando em EF no Instituto União. Em 1984 fui admitida em escola pública da cidade. Logo no outro ano me casei com um bancário argentino de Paso de los Libres e descendente de família paraguaia.

Estava feliz e bem acompanhada. Adorava dar aula de EF trabalhando todos os conteúdos: ginástica, esportes, dança, agregava conhecimentos de postura, alimentação e jogos recreativos. Era cansativo estar ao sol todas as tardes, naquele tempo as aulas aconteciam no contra turno. Muitos responsáveis de alunos não reconheciam a importância da EF e evitavam que o/a aluno/a participasse da aula para irem trabalhar. Então nos horários da manhã eu atendia os responsáveis e conversava com eles explicando as necessidades das crianças e adolescentes. Conquistei muitos. Trabalhei em várias escolas e em todas reservava tempo para esta conversa. A infraestrutura para a EF nas escolas foi melhorando e notava o interesse e curiosidade dos alunos. O desconhecimento sobre a EF foi diminuindo, inclusive entre as especialistas da equipe diretiva das escolas. Eu estudava muito e fazia muitos cursos. Desejava atender a todos muito bem e adquirir muita experiência na área de conhecimento escolhida assim como notava a experiência e conhecimento de meu pai em Veterinária e de minha mãe na sua atuação pedagógica na escola.

Em 1986 sofri um acidente de moto quebrando o fêmur direito. Foi demorada a recuperação. O que mais demorou a passar foi o pânico ao sentar no banco da frente do carro. Parecia que já ia ocorrer um acidente frontal novamente. Voltei a minha vida normal, mas decidi finalizar com a academia. Fiz e passei em outro concurso para professora na cidade. Então, trabalhava 40 horas nas escolas públicas.

Desde lá até hoje, época da pandemia do Corona vírus, continuo trabalhando em EF. Há dois anos busquei um curso de especialização e me decidi pela Educação Ambiental (EA), na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) - Campus Uruguaiana. Tinha muitos questionamentos em mente e alguns estou aprofundando.

O artigo final da especialização foi apresentado e versava sobre trilha, algo que iniciei após ter me aposentado de um período de trabalho na escola. Fiquei com tempo livre naquela época e resolvi fazer algo mais a tarde. Pensei em organizar trilhas pela região trinacional: Brasil, Argentina e Uruguai e em vários lugares interessantes e com uma história



comum. Na época em que estava casada viajávamos muito para a Argentina e eu sentia segurança e respeito pelo meu marido, em virtude de ele conhecer geográfica e historicamente seu país. Conhecia ervas e peixes. Seu avô paraguaio tinha uma horta em seu quintal e seu pai gostava muito de pescar e o levava junto nas pescarias.

Na Especialização de EA senti o quanto minha família gostava e entendia de seres vivos, vegetais e animais, e embora eu não demonstrasse interesse, notei que meu gosto por viagens e aventuras iniciava com eles. Minha mãe recebeu a granja de meus avós e ela e o pai reorganizaram uma plantação de laranjas de umbigo, falavam sobre doenças e declive de terreno, fizeram um buraco atrás da casa e da plantação de taquaras, onde colocavam os descartes orgânicos. Os outros, secos, juntavam e colocavam na frente da porteira que um caminhão semanalmente passava e recolhia. Via a vacinação das vacas de leite, anteriormente das ovelhas, falava-se de cavalos, de doenças de cachorros e gatos. Quando viajávamos pelo estado e pela Argentina visitávamos zoológicos, faculdades de veterinária, produtores, plantações, mas também museus, pontos turísticos, cinemas e parques de diversões. O pai era muito ativo e a mãe mais calma embora os dois adorassem conversar. As viagens pelo estado para visitar parentes relembro com carinho e entusiasmo. Eu, atualmente viajo pelo Brasil com uma gana para conhecê-lo e saber se o que ouço na mídia e das pessoas a minha volta, é verdade ou não. Um interesse enorme pelo meu país e suas peculiaridades. Aliás, sugeri em pesquisa feita pela Unipampa e na apresentação de um trabalho que fiz com colega ao final da especialização de EA que houvesse um espaço para que profissionais que trabalham com gado, com cavalos crioulos e com o agronegócio participassem juntamente com os /as professores/as e alunos/as do curso de um bate-papo ou seminário. Um debate assim seria muito elucidativo para os alunos do curso frente a complexidade dos problemas atuais. Há uma urgência de debate, reorganização de ideias, de entendimentos e práticas atuais, pois o planeta demonstra exaustão. Precisamos refletir para transformar nossa maneira

de viver, atuar, sentir e trabalhar. O Brasil precisa apropriar-se de suas riquezas valorizando e protegendo sua diversidade humana e ambiental.

Concluindo, notei em certos momentos de minha vida adulta que realizando pequenas intervenções e provocando reflexões sobre a realidade vigente como Profissional de EF, trilhaeira, dançarina e cidadã brasileira, posso contribuir efetivamente para a visão ampliada das pessoas em relação a vida sustentável na Terra. O primeiro momento aconteceu quando decidi fazer o que queria ver na realidade: evitar descartes de embalagens desnecessárias, de sacos plásticos e separar o lixo orgânico do descartável (seco). Após, quando notei na execução do projeto de conclusão do curso de especialização em EA denominado Trilha no Cerro do Jarau: um estudo com acadêmicos/as do Curso de Licenciatura em Educação Física que os/as acadêmicos/as mostraram na improvisação corporal uma forma bela e pertinente ao tema lembrando o Jarau, em Moraes (2018) “demonstrando a quebra de dicotomia humano e natureza, corpo e ambiente, natureza e cultura. Uma nova relação possível para uma sociedade sustentável”.

Um outro momento importante foi a realização do projeto de EA apresentado no III Encontro de Formação em Educação Física, Educação Infantil e Anos Iniciais promovido pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Estágio e Formação de Professores (GEPEF) da UNIPAMPA realizado em 2019 em que criei “estratégias de ensino-aprendizagem para alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental a partir da valorização de pequenos seres vivos visitantes ou moradores do pátio externo da escola”. Este mini-projeto:

Utilizando várias estratégias pedagógicas lúdicas, integrou alunos, professoras e funcionários, evidenciou como a motivação dos participantes cresce ao focar-se nos seus interesses e necessidades, nas suas falas e percepções conduzindo-se a professora como uma mediadora. Houve uma mudança no entendimento de alunos: eles, atualmente, observam pequenos seres vivos, ao invés de matá-los. Os funcionários construíram uma maneira de conviver com outros seres vivos nos ambientes da escola demonstrando respeito e a direção organizou-

se eficazmente com a ajuda dos responsáveis de alunos e da Secretaria Municipal de Educação para o corte de grama frequentemente. (MORAES, 2020, no prelo).

## Referências:

MORAES, M.E.V. de. *Expressão Corporal a partir da vivência na trilha do Cerro do Jarau*. [recurso eletrônico] In: VASCONCELOS, A.V.S. de; VASCONCELOS, T. N. S. de (Org.) *Ciências Humanas: características práticas, teóricas e subjetivas*. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. V.2. p.198 e 202.

\_\_\_\_\_. de. *Trilha no Cerro do Jarau: um estudo com acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física*. [recurso eletrônico] In: CASTRO, L.R.B.; CUNHA, A.L.A. da; DINARDI, A.J. (Org.) *Educação Ambiental: discussões ambientais através de práticas pedagógicas em Uruguaiana*. Uruguaiana, RS: EdUNIPAMPA, 2018.p.106.

\_\_\_\_\_. de. *O uso de materiais pedagógicos em Educação Ambiental no Anos Iniciais*.Uruguaiana, RS: EdUNIPAMPA, 2020. No prelo.

## Capítulo 2

### **Educação ambiental como educação filosófica: ensaio (auto) formativo**

*Filipi Vieira Amorim*

*Ao professor Mauro Grün.*

O desafio que a humanidade tem hoje é se preparar para as tarefas que lhe chegam rapidamente (GRÜN, 2007, p. 164).

A escrita, recurso humano que marca e registra tanto quando possível nossa passagem pela Terra, por sua característica intransponível quanto a ser datada e condicionada por conjunturas e contextos histórico-existenciais, coloca-nos diante de uma *tarefa* e de um *desafio* concomitantes na composição deste livro. A cada uma e cada um de nós cabe compartilhar sua trajetória e história de vida na diversidade daquilo que nos faz unidade: o engajamento, individual e coletivo, frente à problemática ambiental e suas bases de enfrentamento. A escrita, também uma forma de enfrentamento, é *tarefa* – em seu *fazer falar* ao *outro* sobre algo que lhe é conhecido ou alheio – e é *desafio* – em seu *fazer falar* o que, por vezes, se quer *silenciado*. Enquanto *tarefa* e *desafio*, a escrita pressupõe comprometimento ético e político: “uma vez escrito, um discurso sai a vagar por toda parte” (PLATÃO, 2011, p. 120).

Assim, neste livro, pela composição de cada capítulo somos interpelados pelo ato de fazer também conciliar o *risco* e a *oportunidade* imanentes à escrita. No *Fedro* (PLATÃO, 2011), Sócrates pontuou o *risco* de uma escrita que, interrogada, permanece calada. Ao contrário, a *oportunidade* da escrita assemelha-se, metaforicamente, à semente da palavra

que, cultivada na vida daquela e daquele que escreve e toma esta ação como compromisso ético e político, não se torna *discurso estéril* senão “contém dentro de si sementes que produzem outras sementes” (PLATÃO, 2011, p. 120). O outro lado da escrita é a leitura. Da leitora e do leitor que se metamorfoseia ao ler, converte-se em *outro*, interrogado pelo texto e por suas próprias questões.

Como se trata de uma escrita marcadamente personificada, estamos uma vez mais em contato direto e inevitável com o *risco* e a *oportunidade*. O *risco*, ronda-nos pela vaidade, humanos que somos, na *tarefa* do falar-escrever de si. Por isso mesmo, *desafio* outro, fazer disto, *oportunidade* mesma, confronto consigo mesmo: (re)ver, (re)viver, experimentar e expiar nossa própria história de vida e formação.

No campo da *oportunidade*, além de agradecer o honroso convite do Prof. Dr. Ailton de Jesus Dinardi para escrever um capítulo nesta coletânea, aproveito a ocasião para dedicar este texto ao Prof. Dr. Mauro Grün, Filósofo Ambiental com quem tive o primeiro contato com a Filosofia e a Educação Ambiental, no ano de 2010, quando o encontrei como meu orientador no Mestrado em Educação (PPGE-UNIPLAC). Uma década depois, é impossível (re)pensar minha trajetória no campo da Educação Ambiental sem que o sentimento de gratidão ao Professor Mauro venha à tona.

Assumidos o *risco* e a *oportunidade*, reconhecidos o *desafio* e a *tarefa* que a escrita impõe, utilizo como princípio metodológico para a organização deste texto, que chamo “ensaio (auto)formativo”, aquilo que Delory-Momberger (2014) destacou como movimento, a partir das histórias de vida, que vai *da invenção de si ao projeto de formação*. A escolha se justifica porque tal perspectiva estabelece, pela escrita configurada como *narrativa*, i) um fio condutor acerca da concepção de vida como história que se experimenta; ii) o narrar como oportunidade de ressignificação da experiência existencial; iii) a experiência como formação. Significa dizer que, ao recordar minha história de vida pela narrativa escrita, experimentarei os sentidos da minha formação e terei o registro, ainda que provisório, de

uma “figura de mim mesmo”, parafraseando Delory-Momberger (2014), ou daquilo que fui.

Para a escrita deste que será, então, um capítulo-narrativa, parto de uma *hipótese de mim mesmo* destacada “do meio da multidão de possibilidades que [me] constituem” e que considero “provisoriamente verídica” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 344). Trata-se do recorte estabelecido no título “Educação Ambiental como Educação Filosófica”, tema do qual me aproximo em função desta relação que constituía minha experiência antes mesmo que eu tomasse consciência disso.

Para a viabilidade da escrita-narrativa, vejo-me como “sujeito-hipótese” que intenta “*compreender-se como projeto* em todas as dimensões de sua história, passada, presente e futura” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 345, grifo da autora). Essa concepção resguarda o princípio de que a narrativa de uma história de vida, seja oral ou escrita, não obedece a linearidade cronológica da qual pressuporíamos pela ideia sequencial do tempo representado por passado, presente e futuro. A noção que nos remete ao “compreender-se como projeto” substitui o plano da causalidade fechada na qual o passado, unicamente, engendraria o presente e, por consequência, determinaria o futuro. O que se espera de uma narrativa assumidamente (*auto*)*formativa* é o oposto, ou seja, não mais uma noção de biografia e tempo lineares e sequenciais, mas a compreensão de biografia e tempo tridimensionalmente indissociáveis. Esta prerrogativa rompe com o plano sequencial que pressupõe exploração do passado e dos acontecimentos para dar lugar à seguinte compreensão:

A história de vida é a reconstrução de um passado *como projeto*, a *projetização* de uma vida, e cada acontecimento, cada personagem, cada palavra pronunciada encontra nela sua função e seu sentido segundo o lugar que ocupa na conexão do projeto de conjunto e dos projetos particulares que a conduzem para seu fim, isto é, para a realização hipotética daquilo que a *projeta* para frente, para o futuro, e que a justifica retrospectivamente. Assim a história de vida não é a história da vida, mas a *fábula* pela qual o sujeito se produz como projeto de si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 345-346, grifo da autora).

As provocações ao pensamento e à concepção sobre a relevância e o papel das histórias de vida no sentido (auto)formativo, como apresentadas por Delory-Momberger, levaram-me a optar pela análise do momento presente para as articulações com o projeto que faço de mim: o ano é 2020 e a sensação que parece comum a boa parte das pessoas que conheço, sentimento que partilho, é a de que a realidade vacila sob os nossos pés.

## II

O primeiro semestre de 2020 colocou-nos defronte ao abismo que começa no fim das certezas que mantinham a percepção da existência de alguma segurança sobrevivente nos ideais e princípios instituídos pelo mundo moderno. Entre outros, princípios como *democracia*, *justiça* e *liberdade* ainda estão na ordem do dia, mas, aos poucos, esvaziam-se de sentidos. Já não temos certezas e seguranças de que representam aquilo de que estávamos convencidos serem capazes de assegurar em nome da dignidade das nossas vidas. Experimentamos sensações variadas de incerteza, medo e ameaça. Os fenômenos recentes, por certo, marcarão a História e o destino coletivo da humanidade.

E o cenário de incerteza, medo e ameaça também tem nuances conspiracionistas, negacionistas e revisionistas como agravantes – digo isto porque este registro, daqui a alguns anos, ou décadas, mostrará *como* e *se* avançamos em termos civilizacionais. Como exemplos, entre outros tantos e não menos preocupantes, há quem defenda a teoria da Terra Plana,<sup>1</sup> há quem não acredite em vacinas,<sup>2</sup> há quem negue a existência do racismo<sup>3</sup> e há quem deseje o retorno de governos autoritários, a exemplo da ditadura

---

<sup>1</sup> Pesquisa mostra que cerca de 11 milhões de brasileiros acreditam que a Terra é plana, o que representa 7% da população: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/qual-e-o-perfil-das-pessoas-que-acreditam-que-a-terra-e-plana/>

<sup>2</sup> Cresce em todo o mundo o movimento antivacina: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-04/movimento-antivacina-cresce-em-meio-a-pandemia.html>

<sup>3</sup> A negação do racismo mantém a opressão: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2020/06/negro-continuara-sendo-oprimido-enquanto-o-brasil-nao-se-assumir-racista-dizem-especialistas>

militar.<sup>4</sup> O Brasil de 2020, em plena pandemia de COVID-19,<sup>5</sup> experimenta ameaças e retrocessos nos mais variados setores institucionais e sociais (econômicos, políticos e culturais), endossados particularmente por quem nos governa: na atual conjuntura, flertamos com a barbárie.

Por isso, mais do que uma narrativa sobre a minha trajetória, essa escrita serve para pensar sobre a razão de sermos *projeto* diante de um mundo que nos foi dado *a priori*, no qual fomos lançados à finitude. Não se trata de ignorar aquilo que nos foi dado pelo contexto histórico que nos antecede e do qual fazemos parte, mas de, conscientes desse passado e presente construídos, interpretarmos a atual conjuntura na tentativa de intervir em nossa história particular para a (re)tomada de um *projeto* que nos lance na (in)certeza do futuro composto pela História que se faz coletivamente. Pode parecer um jogo de palavras, mas é no reconhecimento de que há uma História que nos constitui que percebemos nossa história de vida particular inserida em algo mais amplo; é, igualmente, no reconhecimento de que somos formados pela História que podemos, ao mesmo tempo, formá-la e confrontá-la; não se trata de estabelecer a capacidade de acessar “por completo” os processos e produtos históricos, mas de reconhecer as situações históricas, contextos e conjunturas para gestar possibilidades e ações.

Em outras palavras, se o flerte com a barbárie se mostra como conjuntura, situação histórica do presente, não estamos a ela condenados senão parcialmente condicionados ao que esse projeto, em desenvolvimento, representa. A dimensão *(auto)formativa* da escrita-narrativa diz respeito a isso, uma vez que narrar a história de vida oportuniza que a *formação* seja revista para que façamos dela *autoformação* no momento mesmo em que assumimos a responsabilidade de compreender *o que, como e por que* nos tornamos quem somos.

---

<sup>4</sup> Manifestações pedem o retorno da ditadura militar: <https://valorinveste.globo.com/mercados/brasil-e-politica/noticia/2020/04/19/e-assustador-ver-manifestacoes-pela-volta-do-regime-militar-diz-ministro-barroso.ghtml>

<sup>5</sup> Enquanto escrevia esse texto, o Brasil somava 1.579.837 casos confirmados de Covid-19 e 64.383 mortes: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/05/casos-e-mortes-por-coronavirus-no-brasil-5-de-julho-segundo-consorcio-de-veiculos-de-imprensa.ghtml>



É importante notar que a expressão conceitual *(auto)formativo* (com o *auto* entre parênteses) é ambivalente: trata-se, por um lado, da noção que representa aquilo que é próprio ao indivíduo e que diz respeito a sua autonomia; e, por outro lado, inclui a noção de que nem tudo que é formativo é passível de controle e conhecimento ao sujeito – os elementos que nos formam, por vezes, escapam-nos. Por isso, toda escrita sobre si é provisória, pronta para ser revisada quando escrita. A escrita pode ser *auto*, mas sempre terá algo que *não sou eu*, embora me constituam: minha biblioteca ou as convenções narrativas de nosso tempo que limitam e possibilitam o dizer. “Ao final”, escreve Larrosa (2017, p. 55), “já não existe mais um eu substancial a ser descoberto e ao qual ser fiel, mas apenas um conjunto de palavras para compor e decompor e recompor”. Logo, a expressão conceitual *(auto)formativo* sugere a fusão paradoxal de noções complementares e antagônicas: nem tudo que é formativo tem origem na autonomia individual; nem tudo que nos forma passa despercebido sem uma intervenção autônoma para a projeção de nós mesmos. Foi pela ocasião dessa escrita-narrativa – dita *ensaio (auto)formativo* – que a ambivalência daquilo que pode ser nomeado *(auto)formativo* se mostrou.

Ao (re)visitar minha história de vida, fui provocado pelo que Josso (2010) denominou *momentos charneira*: acontecimentos que se mostram como divisores de água em nossas vidas; momentos que identificamos como articuladores da própria vida. Além de rememorar e identificar aqueles que para mim são *momentos charneira*, compreendi, igualmente, a presença do *outro* nesse processo que se mostra justamente na ambivalência do sentido daquilo que é *(auto)formativo*. Essa escrita-narrativa mostrou-me que a existência do *outro* é a razão pela qual se torna possível o próprio biografar-se, acontecimento factível *na e pela* presença do *outro* em nossas vidas.

O primeiro *momento charneira* que identifico como influente junto à minha trajetória no campo da Educação Ambiental se revela pela ambivalência daquilo que representa o *(auto)formativo* e a presença do *outro* no

processo de biografar-me. Em realidade, trata-se de *outros*, meus familiares, e *eu*, e de uma tradição comum na região onde nasci – observemos que isso denota a presença de vários *outros*, dado o contexto da tradição enquanto costume, hábito, cultura, e sobre o modo como isso nos *forma* independente do nosso desejo *formativo* imediato. Essa primeira referência ajuda a problematizar o prefixo *auto* no sentido de identificar e compreender minhas escolhas e caminhos de formação, sem que isso enseje autonomia plena, como já observei.

Trata-se (e isso pode parecer engraçado) da história do meu umbigo, enterrado sob os auspícios de “criar raízes” na propriedade rural da família, nos recônditos domínios da interiorana Paineira, estado de Santa Catarina, minha cidade natal. Recordo-me o lugar onde foi enterrado meu umbigo e antevejo a *narrativa* que não posso (re)construir senão pela presença de *outros* na minha vida e na minha memória.

Considero esse fato como *momento charneira* porque adveio dele minhas mais remotas recordações que simbolizam a conjunção humano-Natureza.<sup>6</sup> Talvez não se trate especificamente do ato “enterrar o umbigo”, mas a importância que tem o lugar onde está o umbigo (ou o que restou dele, se restou) na minha formação: se lá estou, sou tomado pela percepção de uma energia vital que me envolve; sou capaz de reconhecer uma Natureza mágica, encantada; sentir o pertencimento a algo maior do que a vida que me pertence; refletir sobre a pequenez da existência humana perante o cosmos. Em resumo, esse lugar me formou, certamente, pelas experiências e vivências com os *outros* que comigo lá estiveram; e a história do umbigo enterrado se fez narrativa formativa, partilhada.

Essa primeira referência ajuda a problematizar o prefixo *auto* no sentido de identificar e compreender minhas escolhas e caminhos de *formação*, sem que isso enseje autonomia plena, como já observei. Importa, ainda, destacar que o (*auto*)*formativo* identificado pela narrativa a partir da minha história de vida, ou a partir de elementos dessa história

---

<sup>6</sup> A palavra *Natureza* (com *N* maiúsculo), remete ao sentido daquilo que os gregos compreendiam como *physis*: o Universo e tudo o que existe, ou ainda, uma Natureza que existe por si mesma.

de vida, não assegura o domínio da vida como um projeto previamente estabelecido e sequer revela uma intenção originária que me trouxe “até aqui”. Antes disso, a narrativa mostra-nos, como alertou Legrand (1993), contradições de uma trajetória desarticulada socialmente que, entretanto, oportuniza a compreensão de si e a apropriação de algum sentido à vida, sem que isso signifique encontrar-se como uma espécie de fonte de si mesmo que negligenciaria outros condicionantes que contribuem com a formação.

Podemos notar que a trajetória de nossas vidas é, muitas vezes, desarticulada quando somos capazes de identificar as mudanças nas perspectivas que tínhamos sobre as coisas, os objetos, os acontecimentos, as memórias etc. Recordo-me que, por um bom tempo, não tinha as sensações que hoje tenho quanto ao senso de Natureza que permeia o lugar onde está enterrado meu umbigo. Insisto nisso porque essa percepção ajuda-me a justificar o que expus anteriormente: em outros momentos, não tive as mesmas perspectivas quanto à noção de Natureza que tenho hoje, representada por aquele lugar específico; ao mesmo tempo, em se tratando da ideia de Natureza enquanto *objeto* de estudo, também não faço da percepção que tenho de um lugar específico uma ideia universalizável. O lugar que hoje parece encantado, mágico, dotado de vida, em outros tempos era lugar para trabalho, para subsistência familiar, para ser instrumentalizado. E é curioso observar que esse descompasso compreensivo foi o que permitiu repensar as interpretações que faço sobre o que é a Natureza, em termos conceituais.

Para nós que trabalhamos no campo da Educação Ambiental, de modo geral, e no meu caso, em específico, no dos Fundamentos da Educação Ambiental, a compreensão sobre o conceito de Natureza é essencial às discussões, porque disso derivam os problemas, as justificativas, os objetivos, as hipóteses, as metodologias e todo o conjunto de formalidades que compõem os trabalhos técnicos, acadêmicos, educativos, pedagógicos, de lutas e movimentos sociais, de políticas públicas de todos os setores, grupos e indivíduos que se aproximam da Educação Ambiental. Portanto,

ressignifiquei o acontecimento relacionado ao umbigo em função da trajetória profissional. Se isso começou sem que eu pudesse intervir em algo, agora posso atribuir sentidos aos *momentos charneira*, o que caracteriza uma relação *(auto)formativa* a partir de minha história de vida.

A ideia que tenho de Natureza enquanto conceito perpassa outros *momentos charneira*, tal como a minha formação no Centro de Educação Profissional Caetano Costa, no Curso Técnico em Agropecuária, entre 2003 e 2006. Esse período marca tanto uma visão específica de Natureza quanto um sentimento latente acerca da Política. Em termos de concepção de Natureza, à época, bastava que se observasse normas técnicas de preservação e conservação (o mínimo possível, diga-se de passagem), e tudo o que sobrasse da exploração da terra para o plantio ou a criação de animais era a Natureza: uma percepção de Natureza que deveria permanecer intocada, mas nada romantizada porque, se possível, deveria ser utilizada. Quando optei por cursar o Técnico em Agropecuária, meu interesse era justa e unicamente a exploração dos recursos naturais para o aumento da produtividade das atividades agropecuárias desenvolvidas em família. Porém, lá encontrei *gente*, gente *diversa*, sotaques diversos, costumes diversos, gostos diversos, perspectivas diversas, opiniões diversas, hábitos diversos, interesses diversos. Foi, talvez, o momento em que percebi a diversidade das existências humanas e a legitimidade disso, o que desencadeou um interesse ainda tímido pelas noções de Política, razão pela qual considero esses acontecimentos mais um *momento charneira*. Não só a diversidade se mostrava, mas a desigualdade de condições materiais entre os colegas pelos relatos sobre vidas marcadas por dificuldades de acesso a coisas que me eram básicas. Como estudávamos sob o regime de internato, a convivência diária oportunizava inumeráveis diálogos, muitos colegas permaneciam meses na escola. Os três anos de Curso Técnico em Agropecuária foram algo como uma descoberta sobre a presença das pessoas no mundo. E esse mundo já não era mais aquele que eu conhecia, estático e dotado de alguma harmonia: mostrava-se injusto, desigual, violento e absurdo.

No sentido Político, essa época também ficou marcada em minha trajetória pela ascensão de um projeto de sociedade da *esquerda*, pelos programas sociais que beneficiaram a Agricultura Familiar, e a visibilidade dos movimentos sociais. Por isso, provavelmente também tenha sido um marco na vida de meus colegas e suas famílias, a maioria, filhos de pequenos produtores que sustentavam suas propriedades com base na Agricultura Familiar.<sup>7</sup> Outro detalhe que me acompanha como marco Político desse período é ter lido meu primeiro livro, aos 15 anos: *A Revolução dos Bichos* (George Orwell). Provavelmente, a dimensão política da fábula não tenha sido plenamente compreendida, dado que nuances me escaparam à época, mas a revolta dos animais, a organização para o domínio da fazenda e toda a sequência do enredo, na particularidade das personagens, animais falantes, mudaram de algum modo a minha perspectiva. Algum tempo depois, recordo-me que li meu segundo livro: *Anarquistas, Graças a Deus* (Zélia Gattai). Definitivamente, foi o momento em passei a buscar um sentido mais crítico ao que a Política até então representava. Desse último livro, guardo algumas lembranças, especificamente a menção ao desejo que temos de abreviar as grandes palavras, razão pela qual tornei-me quase que um inimigo das abreviações (no campo da Educação Ambiental, colegas costumam abreviá-la como EA. É engraçado pensar, e confessar, ainda sob a influência de Zélia Gattai, que não gosto disso – risos aqui).

Essa escrita-narrativa me mostra a permanência do meu interesse pelas questões ligadas à terra, à Natureza, aos animais, mesmo que, inicialmente, no sentido da produção agropecuária e da exploração dos recursos naturais em benefício econômico. Entretanto, minha passagem pela Escola Agrícola acrescentou elementos para a problematização dessa

---

<sup>7</sup> A Agricultura Familiar tem como característica principal a pequena propriedade rural que tem sua manutenção assegurada pela mão de obra familiar, que gera renda aos membros da própria família e produz para a sua subsistência e comércio interno. A partir de 2003, uma série de programas sociais foram implementados no Brasil, a exemplo do Programa Fome Zero, que se desdobram em oportunidades e outros programas que vincularam a Agricultura Familiar, tais como o Programa de Aquisição de Alimentos, o Programa Nacional de Alimentação Escolar e o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

perspectiva, principalmente a iniciação Política e a revelação da diversidade de formas de ser e existir no mundo. Também me dei conta de que a produção agropecuária gerava consequências ao solo, à água, às pessoas, aos animais, à flora e à fauna, de modo geral – por mais que isso pareça óbvio, vivi o processo de (re)conhecer a obviedade. Ainda assim, eu queria permanecer nessa área, motivo que me levou a prestar o vestibular aos Cursos de Medicina Veterinária e Agronomia – sem sucesso. Meio que por acaso, restou-me como opção mais próxima o Curso de Ciências Biológicas – Licenciatura. Enfim, naquele contexto, foi como as coisas se encaminharam, e em 2006, ainda em estágio supervisionado do Curso Técnico em Agropecuária, mas com o Ensino Médio concluído – os cursos eram simultâneos – ingressei na Universidade do Planalto Catarinense – UNIPLAC.

O ingresso na Universidade também foi um *momento charneira*, um acontecimento que mudaria o rumo das coisas e toda a percepção de mundo que eu sustentara até então. Se antes meu desejo era a produção agropecuária e a exploração máxima dos recursos naturais, no Curso de Ciências Biológicas me identifiquei com o oposto: a preservação e a conservação. Se antes entendia a Natureza como aquilo que sobrava das partes exploradas produtivamente pela agropecuária, nesse momento, tudo era Natureza, tudo era vida, a vida estava em todos os lugares: foi um divisor de águas. Agora, eu queria ser Biólogo: estar em florestas, matas, mares; coletar, identificar, estudar plantas e animais diversos; desejei trabalhar com tartarugas e finalizei o Trabalho de Conclusão de Curso com um levantamento florístico em remanescente de Mata Atlântica.

Se o período entre 2003 e 2005 me mostrou as possibilidades de uma Natureza a ser explorada, de terra mecanizável aos plantios, de melhoria na produtividade para a criação animal, a partir de 2006 vi uma Natureza outra. Porém, essa visão de Natureza dinâmica, holística, sistêmica, o desejo de simbiose na relação humanidade-Natureza, esmaeceu na medida em que adentrávamos aos laboratórios. De jaleco, instrumentalizando a vida, a Natureza perdia sua organicidade e o ser humano estava mais para parasita.

Além disso, outro *momento charneira*, descobri tardiamente que a palavra *licenciatura*, que acompanhava a nomenclatura *Ciências Biológicas*, significava que eu seria professor. Duas reflexões são imediatamente possíveis a partir dessa informação: a primeira, de que não fui um aluno exemplar, ou saberia o significado de *licenciatura* desde o início do curso; a segunda, de que o curso, talvez, não tivesse ênfase na docência. A segunda alternativa me absolve (?), a primeira me condena (?): mantenho a dúvida (!).

No ano de 2008, ainda na graduação, comecei a trabalhar como Técnico em Agropecuária – a descoberta da *licenciatura* se deu quase ao mesmo tempo. Foi uma fase peculiar: estava algo que seduzido pelas oportunidades de trabalho e, ao mesmo tempo, aproximando-me de uma crise existencial gestada em silêncio. O trabalho era em uma empresa de fruticultura da região de Lages, em um setor de produção a campo, em Painel. Conciliei por um ano e oito meses o trabalho e a graduação. Tivera outras experiências profissionais antes dessa, mas nenhuma tão marcante. Na transição para 2009, último ano do Curso de Ciências Biológicas (e eu seria professor, isso era assustador), as atividades de estágio começaram e tive minha primeira experiência em sala de aula. Confesso que no primeiro dia pensei em desistir antes mesmo de entrar em sala, mas estava na dúvida se passaria mais vergonha dando a aula planejada ou indo embora: fiquei... e não saí mais.<sup>8</sup>

Gestava uma crise: a experiência profissional era “promissora” e avançava com “sucesso”; e a sala de aula exigia que eu problematizasse os sentidos dessa experiência “promissora” que avançava com “sucesso”. A que custos avançaria com sucesso? O trabalho me tornava pragmático, objetivo, técnico, insensível aos *outros*; a sala de aula me puxava de volta à reflexão, ao desejo de (re)conhecer o *outro*, seus sonhos, perspectivas de vida e condições materiais de existência. O que eu vivia profissionalmente

---

<sup>8</sup> É curioso pensar, e na época jamais imaginei, que hoje, passados quase 11 anos dessa experiência, eu seria professor de uma Universidade Federal. E afirmo isso não apenas porque a sala de aula me assustava, ou porque eu não me imaginava professor, mas porque entre nós (minha família, meus amigos e eu) e a Universidade Pública havia uma distância abissal: não ousávamos sequer sonhar com isso.

era o oposto daquilo que desejava *ser e saber* em sala de aula durante os estágios. Foi curioso ter percebido isso porquê antes de iniciar essa atividade profissional eu tinha percepções antagônicas sobre as mesmas coisas, mas, estranhamente, não conseguia reagir ao que estava posto – não sei explicar como as coisas aconteceram desse modo, tenho a sensação de que me tornava algo que não gostaria de ser. Enfim, depois de quase não concluir o curso por conta de disciplinas atrasadas, recebi o título de Licenciado em Ciências Biológicas, em março de 2010.

Esses acontecimentos constituíram-se *momento charneira* porque foram responsáveis por toda a articulação das projeções seguintes da minha trajetória no campo da Educação Ambiental. Eu consigo identificar a presença de uma ideia de Natureza durante a minha formação nos cursos técnico e de graduação até determinado momento, mas há um ponto em que isso se perde para ser retomado depois, e aí sim posso identificar um projeto de formação. As experiências concomitantes de atividade profissional, estágio docente e trabalho de conclusão de curso mostraram outra possibilidade. Foi assim que, concluída a graduação, ingressei no Mestrado em Educação da UNIPLAC, de 2010 a 2012.

Uma oportunidade inesperada, porque pouco planejada, mas na qual me empenhei efetivamente. Ingressei com um projeto para estudar a Educação Ambiental na formação dos Licenciados em Ciências Biológicas, ainda que isso me parecesse algo dado como resposta para a pesquisa, já que eu era egresso do curso e antevia o resultado. Mais do que isso, com o andar do curso o projeto inicial foi perdendo o sentido: passei a ter interesse pela Filosofia, que respondia não só à necessidade acadêmica, mas ao desejo de uma compreensão mais alargada sobre o sentido da própria vida. No início de outubro de 2010, formalizamos a orientação do Prof. Mauro Grün e a mudança no projeto de pesquisa: pude juntar o interesse pela Filosofia e me manter no campo da Educação Ambiental.

Tenho a lembrança de que a ideia de estudar Educação Ambiental parecia ser uma justificativa para que um “biólogo” cursasse o Mestrado em Educação, mas eu já não me sentia “biólogo”, e tampouco professor de



Biologia. Só tive experiências em sala de aula após a conclusão do Mestrado, em 2012. A orientação do Prof. Mauro permitiu, além da incursão na Filosofia, a problematização sobre a formação no Curso de Ciências Biológicas, uma vez que sua área de estudo transitava entre a Ética e a Epistemologia modernas. Com ele, pude compreender a razão pela qual eu identificava nos laboratórios uma ideia de Natureza semelhante às noções apreendidas no Curso Técnico em Agropecuária. Hoje, não posso afirmar que minha Dissertação foi um estudo específico sobre Educação Ambiental, mas foi, sem dúvida, o primeiro movimento de *autoformação*, tanto pela escolha quanto pela oportunidade em repensar a *formação* até então estabelecida.

O mestrado foi uma espécie de revisão existencial, um *momento charneira* porque experimentei alguns desgostos compreensivos com a identificação de que representávamos o ideal do humano moderno – que domina a Natureza e se coloca hierarquicamente superior às outras formas de vida – e que minhas formações nos cursos técnico – domínio da Natureza viva em nome da produção – e de graduação – domínio da Natureza mecânica em nome do conhecimento – serviam como reforço do ideal ético, político e epistemológico da modernidade. Sob a orientação do Prof. Mauro Grün pude me situar no mundo e, mais do que isso, em um mundo de ideias construídas historicamente.

Concluído o Mestrado, comecei a me preparar para a seleção ao Curso de Doutorado em Educação Ambiental, na Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Consegui aulas de Ciências, Biologia e Matemática na rede estadual de ensino em Santa Catarina, e atuei como professor em Lages e em Painel. Embora eu pouco me identificasse com a Biologia (e ainda tive que assumir aulas de Matemática), e tanto mais aumentasse meu interesse pela Filosofia, a experiência de sala de aula foi fundamental para que eu mantivesse a projeção de seguir a carreira acadêmica. E foi um início de carreira acadêmica diferente do que costuma acontecer: não fui aluno de iniciação científica e também não produzi artigos durante o mestrado –

tive que correr atrás disso depois, quase que uma questão de sobrevivência. Em 2013, ingressei no Doutorado.

Cheguei na FURG com a intenção de cursar não só o doutorado, mas também o Curso de Filosofia, que se tornou meu interesse principal. Sou grato ao Prof. Mauro porque, talvez, sem a presença dele na minha trajetória eu não tivesse delimitado a Filosofia e a Educação Ambiental como centrais na minha formação. Além disso, a Filosofia e a Educação Ambiental me auxiliaram na compreensão da minha própria vida, das ideias que eu tinha, dos hábitos e costumes culturais aos quais estava ligado. O Curso de Filosofia não era mais uma necessidade acadêmica, era um interesse formativo, no sentido mais amplo da palavra. Concomitante ao doutorado na FURG, pude cursar a Filosofia na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, iniciado em 2014 e concluído em 2018, um ano após a conclusão do doutorado.

A experiência *(auto)formativa* do doutoramento foi significativamente mais ampla do que o que o curso em si poderia ofertar. Recém chegado na FURG, fui morar na Casa do Estudante Universitário, e conheci (ainda que tardiamente) a luta e a resistência do Movimento Estudantil. Nessa época, também passei a ler Paulo Freire e me indignava o fato de ter cursado um Mestrado em Educação e não o ler à época. Isso não foi de todo mal, pois o encontro com a pedagogia freireana me auxiliou na compreensão do aluno que fui e dos professores que tive para então projetar o professor que queria ser. Lembrava-me com frequência das metodologias tradicionais e autoritárias que marcavam as aulas no Curso Técnico em Agropecuária e pensava sobre como perdemos inúmeras oportunidades de problematização das relações de opressão em que viviam a maioria dos estudantes. A própria ideia de *campo* enquanto lugar de disputas, tensões e conflitos não era problematizada: éramos, sem que o soubéssemos, povos do campo. Ao invés de compreendermos a realidade, parece que nos adaptávamos a ela. Dominaríamos técnicas de produção agrícola e criação

animal para que pudéssemos nos adaptar as exigências que sobre nós recairiam em breve. Decidi que não seria esse tipo de professor, mas também não sabia bem qual professor seria.

Como professor, ainda que na condição de tutor de cursos de pós-graduação e graduação a distância, tive duas experiências significativas na FURG: no curso de Especialização *lato sensu* em Educação Ambiental (2013-2015); no curso de graduação Licenciatura em Ciências (2016-2017). Depois disso, atuei como professor substituto na Universidade Federal de Pelotas – UFPEL (2017-2018). Dessa atuação como docente lembro da insegurança inicial, quando atuei na Especialização em Educação Ambiental, e do dia em que senti que tinha ministrado uma aula completamente consciente da metodologia e dos objetivos que perseguia, na Licenciatura em Ciências, para a turma de Santa Vitória do Palmar: foi o exato momento de transição entre a perspectiva de insegurança e a consciência de que era possível contribuir, de algum modo, com a formação de professores e professoras.<sup>9</sup> Essa experiência na Licenciatura em Ciências permitiu, igualmente, rever a minha formação no Curso de Ciências Biológicas, pois tive a oportunidade de atuar, entre outras disciplinas, na Supervisão de Estágio: era como rever minha própria formação e nela poder intervir, tanto no sentido *autofornativo* quanto como contribuição à formação daqueles estudantes que em breve seriam professores e professoras de Ciências.

Concluí o doutorado, com a defesa da tese, em 18 de abril de 2017. A conclusão do curso foi motivo de satisfação em si mesma e de medo pelo que estaria pela frente. Em momentos como esse nem sempre é fácil projetar-se profissionalmente, pois as oportunidades podem não estar disponíveis de imediato. Só em 13 de setembro iniciei como Professor Substituto na UFPEL, permanecendo até 02 de setembro de 2018. Em agosto de 2018 retornei para a UNIPLAC para um estágio pós-doutoral,

---

<sup>9</sup> Pelos registros de e-mail, a data em que essa aula aconteceu foi 19 de agosto de 2016, na Interdisciplina de Filosofia e Sociologia no Ensino de Ciências.

encerrado em dezembro de 2019 pela ocasião de nomeação como Professor do Instituto de Educação, área de Filosofia, na FURG. Só para narrar as experiências desse parágrafo seria necessário mais um artigo, mas entre esses *momentos charneira* há um fio condutor que perpassa a experiência (*auto*)formativa: a busca pela compreensão da condição e da existência humana. É uma afirmação ampla, mas que esteve presente como elemento central na minha tese, na atuação como docente na UFPEL e no Estágio Pós-Doutoral na UNIPLAC. A partir da escrita da tese passei a ser influenciado sobremaneira pela Literatura que, a meu ver, historicamente tem auxiliado na compreensão da condição humana tanto quanto qualquer outra área (arrisco-me a dizer que a Literatura contribui, nesse sentido, ainda mais que tantas outras áreas). Na UFPEL e na UNIPLAC encontrei solo fértil para dar continuidade a minha formação enquanto pesquisador, mas principalmente como professor.

### III

Ainda que ao longo da escrita-narrativa as noções e representações de Natureza se tornem dispersas, não resta dúvida de que enquanto temática ela foi fundamental à minha (*auto*)formação. Acontece que durante o doutorado e depois dele passei a defender a ideia de que no campo dos Fundamentos da Educação Ambiental não necessariamente nosso ponto de partida deve ser a Natureza, mas sim a existencialidade humana que, por óbvio, não se dá fora da Natureza concebida como mundo vivido – ainda que esse conceito possa e deva ser amplamente discutido. Essa percepção se deu em razão da interlocução entre Filosofia e Literatura, sobretudo pelas obras que dialogam, de algum modo, com uma perspectiva existencialista. Ainda sob a influência do pensamento e dos ensinamentos do Prof. Mauro Grün (1996; 2007), justifico-me: não se trata de posicionarmo-nos antropocentricamente no mundo, tal como ele discutiu e denunciou em suas obras, mas de adotarmos uma perspectiva antropológica. Nesse sentido parece profética sua frase – “O desafio que a

humanidade tem hoje é se preparar para as tarefas que lhe chegam rapidamente” (GRÜN, 2007, p. 164) –, que adotei como epígrafe que iniciou este texto, praticamente um alerta sobre a vida humana inserida numa *crise dentro de outras tantas crises*: crises complexas, multifacetadas, incompreensíveis até.

O Prof. Mauro nos ensina que a problemática ambiental, como um todo, e a especificidade da Educação Ambiental, não pode ser tratada distante da Filosofia. Trata-se de pensarmos a Educação Ambiental não tanto como função técnica, porque disso resulta a ideia de aplicabilidade instrumental e acrítica, mas quanto ao seu sentido, porque disso emergirá sua razão de ser. Por esse caminho compreensivo e pela minha trajetória, defendo a ideia de uma Educação Ambiental como Educação Filosófica, ou seja, de que a Educação Ambiental nos sirva para a compreensão radical da nossa existência.

Para tanto, uma das possibilidades pode ser a de (re)pensar, lembrar e experimentar nossa trajetória desde o contemporâneo de nossa existência para reconhecermos o contemporâneo que nos habita. Faz-se urgente compreendermos a contemporaneidade em sua “singular relação com o próprio tempo, que adere a este e [...] dele toma distâncias” (AGAMBEN, 2010, p. 59). Por isso, também nós precisamos distanciar-nos de nós mesmos para que experimentemos nossa experiência e trajetória de vida.

## Referências:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida**: da invenção de si ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014.

GRÜN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental**. Campinas: Papyrus, 2007.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LEGRAND, Michel. **L'approche biographique: théorie, clinique**. Paris: Éditions Desclée de Brouwer, 1993.

PLATÃO. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2011.

## Capítulo 3

### Meu ambiente sem fronteiras

*Argemiro da Rosa Rocha*

11 de maio de 2020. Tempos de pandemia...

Em nome da ONG Atelier Saladero, solicitei uma reunião virtual no Comitê de Gerenciamento das Águas Estaduais da Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí. Tema: pesca predatória nos rios Uruguai e Quaraí.

Diversos órgãos participaram: a SEMA, Polícia Federal, IBAMA, Ministério Público, UNIPAMPA, PATRAM, EMATER, IRGA, dentre outros. Usei a palavra para dizer, com base em informações recebidas, que pescadores inescrupulosos estavam acabando com a vida nos rios Quaraí e Uruguai, nesta região.

-Numa estiagem histórica como a que atravessamos, com trechos do rio praticamente secos, esses pescadores fazem arrastões, “atoram” o rio com redes, noite e dia, e o peixe, “acuado” em pequenos lagos, não tem como escapar...

Eu estava com vários documentos sobre a mesa: a foto de um barco cheio de dourados e surubins, tirada recentemente; o comunicado da província de Corrientes, Argentina, proibindo a pesca no rio Uruguai; a informação de que a *Prefectura Naval* uruguaia não permitia pescadores na água.

Na minha Tríplice Fronteira, dois países embasavam meus argumentos.

E o Brasil?

-- O que peço é pelo menos um documento do Comitê, denunciando essas irregularidades aos órgãos competentes e cobrando mais fiscalização nesta zona.

Percebi que a proposta de formalizar um documento oficial gerou indisfarçável silêncio na sala virtual... e outros atores levantaram outros temas relegando a segundo plano a razão principal daquele encontro.

O rio não é apenas água. É vida. E nessa hora em que ele pede socorro, uma entidade representativa como o Comitê do Rio Quaraí deveria posicionar-se através de um alerta, de um comunicado, de um documento em defesa do rio.

Infelizmente, tenho razões para crer que esse documento jamais será feito...

Esse pequeno relato é uma tentativa de mostrar como me posiciono e me sinto enquanto militante ambiental atuando na Tríplice Fronteira mais ao sul do mundo: Brasil, Uruguai e Argentina.

Nas páginas que seguem, essa militância sempre irá aparecer em um contexto de ações impulsionadas pelos movimentos da sociedade civil integrada nas três pátrias. Por isso, se torna difícil, muitas vezes, dissociar a ação pessoal desse coletivo.

Foi neste território trinacional, lá pelos idos do ano 2000, que fundei a ONG Atelier Saladero com um grupo de amigos. Queria que ela tivesse uma marca própria, bem definida: cultura e meio ambiente deviam ser considerados termos correlatos. E devíamos olhar a região além dos seus limites políticos.

Como nasceu essa ideia?

Lembro que aos domingos eu tinha o costume de sair a pedalar para conhecer os recantos dessa pequena cidade que me adotava como filho. E, numa tarde me deparei com as ruínas do Saladero...

Estavam ali, às margens do rio Quaraí, aqueles destroços imensos. Por toda parte, entulhos e escombros à volta de um pobre e velho casarão abandonado, posto de lado por não servir mais.



Comecei a voltar ao lugar. Sentado nas pedras, parecia sentir o Saladero agonizar, sentir sua tristeza, seu abandono e esquecimento. Tudo ali ia se desfazendo aos poucos, lentamente, ano a ano até não existir mais...

Ninguém se preocupava com ele. Há pouco tempo, havia sido depósito de lixo municipal. Quanta história, quanta cultura soterrada pelo lixo. Andei pela vizinhança, conversando com os mais antigos e o passado foi aflorando.

Diziam que o Saladero foi construído por brasileiros, uruguaios e argentinos, com capital inglês, inaugurando uma época de fartura e prosperidade na região. Era a maior indústria de charque da fronteira: 200 cabeças de gado abatidas por dia. Beneficiaram-se desse empreendimento as cidades irmãs de Barra do Quaraí (na época distrito de Uruguaiana - Brasil), Bella Unión, (Uruguai) e Monte Caseros (Argentina).

Essa história fez nascer uma ideia em meu espírito. Se, no século XIX, nossos antepassados superaram fronteiras para integrar-se em um empreendimento econômico por que não nos unimos, hoje, por uma causa também importante para a região?

Nascia, então, a causa ambiental do Movimento Transfronteiriço de ONGs.

Comecei a entrar em contato com entidades de Bella Unión e Monte Caseros que tivessem o mesmo propósito que nós: trabalhar em prol da cultura e do meio ambiente.

Em fevereiro de 2004 reunimos sete organizações não-governamentais da Tríplice Fronteira (Brasil, Uruguai e Argentina), em Barra do Quaraí, sob o lema: "Meio Ambiente sem fronteiras".

O jornal Correio do Povo noticiou que o "Movimento Transfronteiriço criado por ONGs brasileiras, uruguaias e argentinas, é considerado um marco na cooperação entre entidades e intercâmbio na área ambiental e de gestão".

Estava criada uma rede internacional de ONGs com o objetivo de trabalhar em comum acordo em atividades que resgatassem a cultura e os

valores ecológicos das comunidades de fronteira. Começamos a nos reunir todos os meses, uma vez em cada cidade da Tríplice Fronteira.

Não havia a pandemia. Na roda de conversa, circulava de mão em mão o mate dos três países. Uma hora você sorvia o amargo argentino de forte erva cevada; outros momentos te passavam a cuia uruguaia, onde um sabor diferente, marcante enchia a boca. E quando menos esperava, você já bebia o doce chimarrão, gaúcho e brasileiro...

Não eram só gentilezas e amenidades. As reuniões aconteciam na época da crise das “*papeleras*” - termo usado para designar as indústrias de papel e celulose. Falar esse nome colocava em pé de guerra uruguaios e argentinos devido à construção de duas usinas de celulose, do lado uruguaio, na fronteira entre os dois países. As usinas estavam às margens do Rio Uruguai, cujas águas são geridas conjuntamente por Argentina e Uruguai, no âmbito da Comissão Administradora do Rio Uruguai, a CARU.

De repente um argentino falava em “*papeleras*”, olhando duro para um uruguaio.

Estava armada a celeuma! A discussão fervia, as vozes se alteravam. E nós, ali no meio - os brasileiros - tentando reestabelecer a ordem, as vezes recebendo, de graça, um “*callate, muchacho!*”. Por fim, se acalmavam os ânimos e a reunião voltava ao curso tranquilo de sua pauta...

Essa explosão de energia, esse choque de opiniões contrárias, de argumentos inteligentes e bem feitos, defendidos com tanta eloquência, tanta garra e paixão, sempre considerei uma das maiores forças do movimento. Debatia-se de verdade, discutia-se muito, mas, no final, por mais dividido que fosse, aquele grupo chegava à lucidez de um consenso.

Hoje percebo o quanto foi ousado reunir organizações dos três países em um espaço de trabalho sobre o meio ambiente. Podia ter frustrado nossos anseios, gerado inimizades profundas e terminado em fracasso. Cada dia do Movimento, eu agradeço pelos grandes irmãos de ideias e aspirações que conquistamos nessa trajetória. Confesso que tenho aprendido mais nas acirradas reuniões do Movimento Transfronteiriço do que em qualquer sala de aula de faculdade.

Naquela época ninguém usava a palavra “trinacional” enquanto termo de integração da sociedade civil dos três países envolvendo valores, cultura, história e ambiente. Socializamos o termo, popularizamos o termo e o tornamos moeda comum. Era a nossa bandeira enquanto os governos locais caminhavam em outra direção, muitas vezes, indiferentes à integração.

Um primeiro objetivo de consenso do Movimento Transfronteiriço foi trabalhar pela preservação do Rio Uruguai. Firmou-se esse compromisso de realizar tarefas que tivessem por eixo central a educação ambiental na região.

Em consequência, a regulamentação da atividade pesqueira. Expressamos a necessidade de que os governos dos três países estabelecessem leis de pesca de igual teor, e fomos enfáticos na unificação dessas normas. As leis diferentes criavam ainda mais obstáculos a preservação dos recursos naturais.

É daquela época uma anedota que circula ainda hoje. Por lei, de um lado do mesmo rio se pode pescar o dourado, do outro lado não. Apenas esqueceram de avisar o dourado de que lado ficar...

Com um time de ambientalistas altamente qualificado e uma robusta bagagem de estudos sobre o rio Uruguai, tivemos a ideia de escrever uma Carta aos presidentes do Mercosul e manifestar nossa preocupação com a situação do rio Uruguai. Escrevemos a carta ao longo das reuniões de 2006 e foi enviada no mesmo ano.

“A todo momento observamos ações de impacto ambiental: expansão das fronteiras agrícolas, nos três países, ocasionando uma enorme quantidade de agrotóxicos que acabam poluindo os rios; cidades que lançam, diariamente, esgotos sem nenhum tipo de tratamento; uso de água para irrigação obtida por bombas de sucção sem rede de proteção, ocasionando a mortandade de peixes” (Trecho da Carta). Somente um acusou recebimento...

Releio, por vezes, essa carta e chego a uma conclusão: como se avança pouco quando o tema é meio ambiente! As mesmas preocupações daquela

época continuam sendo as mesmas de hoje! Porém, a iniciativa repercutiu amplamente pela imprensa regional, evidenciando a rede de ONGs enquanto entidade de caráter inédito no panorama ambientalista.

Em fins de 2005, eu estava em uma reunião do Movimento Transfronteiriço na cidade de Mocoetá, na Argentina. Na roda de conversa, entregaram-me um pequeno galho de arbusto onde se viam umas casquinhas escuras incrustadas. Pareciam bichinhos. Perguntaram aos brasileiros presentes se sabiam o que era. Nenhum conhecia. A pessoa falou:

-- Levem para o Brasil e perguntem aos pescadores.

Chegando em Barra do Quaraí, reuni alguns pescadores e fiz passar de mão em mão aquele galho. Nunca tinham visto nada parecido. Tempos depois, um pescador voltou e me disse:

-- Aquele bichinho que a gente viu no galho, estamos encontrando em grande quantidade na barriga dos peixes...

Era o mexilhão dourado!

Após detectar a presença desse molusco invasor nesse ponto do rio Uruguai e Quaraí, a ONG Atelier Saladero chamou a si a tarefa de alertar as autoridades. Através da imprensa e da internet anunciamos: “Mexilhão Dourado nas águas da Tríplice Fronteira”.

“Ele tem apenas três centímetros, mas tem o potencial de parar uma cidade, causando a suspensão do fornecimento de energia elétrica ou de água. Na verdade, ele já é a causa de muito prejuízo, tanto econômico como ambiental” (Trecho do Alerta).

Esse alerta não ecoou como eu pensava. Recebia e-mails de pessoas criticando a ONG Atelier Saladero: “Vocês não têm competência, nem estudo, para divulgar na mídia uma matéria dessa natureza que exige competente parecer científico”.

O IBAMA também não levou a sério nosso alerta. Demorou, mas então enviou uma equipe de três técnicos para atestar a veracidade das afirmações de uma “ONG do interior”. Não imaginavam que por trás daquela inexpressiva organização, havia pesquisadores, técnicos, biólogos e

especialistas do Uruguai e da Argentina que nos municavam de informações sobre o assunto para os embates que travávamos.

A equipe do IBAMA pediu para falar comigo. Conversamos e eles solicitaram auxílio, pois, desconheciam os locais nos rios onde coletamos as amostras do molusco. Colaboramos com tudo o que precisavam para sua investigação, mas percebi que minimizavam nosso alerta e as consequências do impacto ambiental que o mexilhão dourado representava nesta região. As reuniões que convocaram geraram muita discussão. Em uma delas, em Uruguaiana, não nos deixaram falar...

Eu pensava que era preciso mais do que investigar. Era preciso esclarecer, fazer uma campanha de conscientização geral. Praticamente, nada foi feito com vistas à comunidade, sobretudo, para os pescadores, a fim de contornar a invasão biológica do molusco. Vieram para investigar...

Também não vi nenhuma universidade brasileira deslocar-se até a Barra do Quaraí, preocupar-se com o tema, realizar estudos, e produzir conteúdo esclarecedores para a comunidade. Vejo que falta maturidade intelectual e operacional nas investigações que nós, brasileiros, fazemos.

É muito cômodo realizar um estudo que descreve apenas as consequências, refere, simplesmente, o que já se sabe ou se constata. No caso do mexilhão, é importante fazer a investigação, apresentar os dados, mas, também é preciso proceder com aspectos de conscientização, controle e tratamento. Ou seja, descrever a doença, mas também indicar o que fazer nesses casos; isto é investigação reativa e curativa.

Desde aquela época e cada vez mais, um "tapete" de mexilhões cobre a bacia do Rio Quaraí e Uruguai. Pescadores me enviam fotos de pedras "coalhadas" de mexilhão.

-- Quando as águas descem, a gente anda por aqui pisando num tapete desses bichos...

Sobre esse tema, o melhor guardei para o final.

Em fevereiro de 2007 chegou a Barra do Quaraí um professor argentino, Gustavo Darrigram (Professor da Cátedra Biología de Invertebrados

da Universidad Nacional de La Plata), a maior autoridade da América Latina sobre mexilhão dourado. Havia tomado conhecimento do nosso alerta, na Argentina. Pediu nossa colaboração e ficou uma semana estudando a metamorfose do molusco invasor nas águas dos rios Quaraí e Uruguai. Nos raros momentos de folga do seu estudo, aproveitava para capacitar os membros da ONG Atelier Saladero e pescadores através de reuniões e pequenas palestras. Fez ainda mais.

Voltou meses depois com um Acordo de Cooperação Científica entre a ONG Atelier Saladero e a Universidad Nacional de La Plata para integrar esforços e ações de cooperação científica num projeto de investigação sobre o mexilhão dourado (*Limnoperna fortunei*) nas águas da Tríplice Fronteira. Assinamos o documento na cidade de Bella Unión.

“O projeto intitulado ‘Estudo Populacional de *Limnoperna fortunei*’ tem o propósito de estabelecer um marco de colaboração recíproca e articulação que contribua para a difusão e o enriquecimento mútuo com informações sobre o problema e o impacto ambiental que causa nas comunidades da fronteira” (Trecho do Acordo).

E durante um ano, seguindo rigidamente as orientações da Universidad Nacional de La Plata, a ONG coletou e enviou amostra de mexilhão dos rios Uruguai e Quaraí, anexando junto um formulário preenchido com a temperatura da água, o horário, o dia da semana e o mês, para efeitos de monitoramento.

Esse material – um frasco contendo água dos rios com exemplares do molusco – chegava rapidamente aos laboratórios da Universidad, em Buenos Aires, graças ao esforço voluntário de ONGs parceiras no Uruguai e na Argentina. Mais uma missão cumprida na trajetória da causa ambiental.

Em uma manhã fria de 2009, eu estava dando aulas de xadrez na Escola Estadual Nilza Correa Pereira quando um aluno olhou pela janela e exclamou:

-- Olhem, um incêndio!

No céu, ao longe, grossas nuvens de fumaça escura iam subindo em novelos imensos. Era um incêndio muito grande.

Meu celular tocou. Atendi e um membro da ONG avisou:

-- A Ilha Brasileira está pegando fogo!

Um santuário ecológico em chamas é uma cena triste de se ver!

Era o dia 7 de agosto de 2009. Apenas para situar: a Ilha Brasileira localiza-se na foz do rio Quaraí, entre os municípios de Barra do Quaraí (Brasil), Bella Unión (Uruguai) e Monte Caseros (Argentina). Do ponto de vista geográfico, é o centro da Tríplice Fronteira; também, o último pedaço de chão gaúcho, a oeste... poeticamente chamada por nós de “pôr-do-sol do Rio Grande”.

Sempre a consideramos um santuário ecológico ainda não estudado, símbolo da integração cultural e ambiental das populações brasileiras, uruguaias e argentinas que convivem na região e buscam mecanismos de proteger e preservar o tesouro ecológico que ela representa.

A corporação de bombeiros da Barra do Quaraí e uma pequena equipe nossa deslocou-se rapidamente pelo rio. Foi um dia inteiro de ariscado trabalho em meio às árvores que ardiam. Todo esse esforço impediu o alastramento do fogo para outras áreas, porém, 40% da ilha ficou dizimada...

-- Foi um incêndio criminoso, comentou ao meu lado um pescador. Esses caçadores rondam por aí ateando fogo na ilha para perseguir os capinchos...

Dias depois, reuni os membros da ONG para avaliar a situação. Conversamos sobre as causas e consequências do incêndio, decidindo por lançar uma campanha: “S.O.S Ilha Brasileira” com um pedido simples: doações de mudas nativas para reflorestar a área afetada.

“A flora e a fauna da ilha foram tristemente dizimadas pelo sinistro ambiental. O lugar tem sido um refúgio para diversas espécies animais. Também é considerado um viveiro de árvores e plantas que não existem

mais no continente em razão das lavouras extensivas que, durante décadas, exercem uma ação destrutiva sobre as matas nativas” (Trecho SOS Ilha Brasileira).

Em uma das reuniões, alguém fez a pergunta:

-- E como saber quais mudas nativas são próprias da ilha?

Boa pergunta! Ficamos horas sem chegar a nenhuma conclusão. Por fim, resolvi dizer:

-- Eu poderia muito bem consultar um biólogo brasileiro. Mas, apesar de existirem muitos por aí, quantos conhecem a Ilha Brasileira?

Eu conhecia apenas um. Mas, sabia de muitos uruguaios e argentinos que haviam feitos estudos no local. Decidimos, então, que a relação das árvores nativas da Ilha Brasileira não seria decidida apenas por brasileiros. Iríamos convocar uma reunião para que, juntos, brasileiros, uruguaios e argentinos indicassem quais árvores nativas deveriam ser plantadas.

A reunião aconteceu em Bella União. Somente a partir daí, com a relação em mãos, começamos a divulgar os nomes das árvores nativas que precisávamos como doação. Empresas de diferentes lugares do Estado enviavam 10 mudas, 15 ou 20. E nós ficávamos felizes com o resultado da campanha.

Em certa manhã, entrou pela avenida central da Barra do Quaraí uma carreta com 10 mil mudas de árvores nativas! Uma empresa de Recife, Pernambuco, com filial no Rio Grande do Sul – a Ouro Energética S/A – havia enviado essa incrível doação, intermediado pelo DEFAP (Departamento de Florestas e Áreas Protegidas).

Foi um assombro para a cidade e, mais ainda, para a pequena ONG. Era um absurdo de plantas! Onde guardar tudo aquilo?

Correu-se todo o dia. Precisávamos de todos os voluntários. Cada um fechou seu comércio, seu escritório, seu negócio, arregaçou as mangas e se foi ajudar a descarregar o caminhão. A CORSAN nos cedeu uma parte do seu terreno e ali organizamos as plantas.



Nos meses seguintes, começou o reflorestamento da Ilha Brasileira. Criamos uma logística quase militar com embarcações do Exército brasileiro, Prefeitura Naval do Uruguai e barcos argentinos para permitir que voluntários vindos de todo lado pudessem participar do plantio. Chegamos a transportar mais de 100 pessoas em uma manhã. As embarcações destinadas à travessia chegavam à costa brasileira pelas 9 horas da manhã. Às 10 horas, todos já estavam na ilha empenhados na tarefa de reflorestar as áreas demarcadas.

É bom recordar para agradecer. Ao longo do ano de 2010, atenderam ao do SOS Ilha Brasileira e colaboram com o plantio, além do Exército Brasileiro, a Polícia Federal, a Polícia Civil, a UNIPAMPA, a PUCRS, a UNOPAR, a CORSAN, as escolas municipais e a Prefeitura Municipal da Barra do Quaraí.

Ao longo de vários meses os rios Uruguai e Quaraí foram percorridos por embarcações que levavam, além de grandes quantidades de plantas nativas, voluntários, acadêmicos, policiais e militares para fazerem o plantio.

Ainda estávamos plantando as últimas mudas nativas na Ilha, quando recebi um e-mail do Movimento Transfronteiriço convocando para uma reunião e pedindo um tema para a pauta. Havia um assunto que eu carregava há anos e poucas oportunidades surgiram para se fazer algo: o abandono do Parque Estadual do Espinilho.

Ninguém desconhece a importância desse parque em nossa região. Em todo o território brasileiro, é a única savana-estepe que existe, concentrando diversas espécies ameaçadas. Hoje, maio de 2020, a situação dele é precária. Naquela época, era deplorável. Levei o assunto ao âmbito do Movimento Transfronteiriço.

Decidiu-se por estudar o caso, analisar melhor as causas da não implantação efetiva do Parque Estadual do Espinilho e o seu abandono pelas autoridades competentes. Um grupo de brasileiros, uruguaios e argentinos visitou a unidade por diversas vezes.

O Parque foi criado com o objetivo de preservar o ecossistema da região e sempre defendemos um Parque aberto ao público para gerar mais interesse e consciência ecológica na sua preservação ambiental.

Mas, a falta de infraestrutura não permitia a visitação pública, somente algumas pessoas com finalidades científicas tinham acesso para elaborar pesquisas. E tais pesquisas sequer permaneciam no Parque em acervo para consulta da comunidade local. Portanto, a falta de estrutura gerava um verdadeiro descaso ecológico.

Artigos e pequenos documentários começaram a aparecer em nossos canais de divulgação com títulos provocantes:

- O Parque Estadual do Espinilho está abandonado há 39 anos...
- Parque Estadual do Espinilho, uma Unidade de Preservação Abandonada.

O trabalho gerou polêmica.

Sei dos esforços e dedicação ímpar de gestores que vieram depois. Mas, em linhas gerais, a situação que denunciávamos em 2010, não é muito diferente do que vemos no Parque hoje em dia...

Pelas páginas do jornal Zero Hora, chegamos a debater com o então Secretário de Meio Ambiente do Estado que tentava desmerecer nossas afirmações sobre o abandono do Espinilho.

Fiquei satisfeito com a repercussão. Conversei com o pessoal do Movimento Transfronteiriço sobre a possibilidade de chamarmos ainda mais atenção para esse tema, envolvendo agora a comunidade dos três países. Dessa forma, surgiu o primeiro Pedalando Trinacional, em 2011, para protestar contra o abandono da única reserva natural de Algarrobo e Inhanduvá do Brasil.

Mais de 100 ciclistas dos três países partiram do porto de Bella Unión, rumando até o Parque Estadual do Espinilho, no município da Barra do Quaraí, percorrendo aproximadamente 15 quilômetros.

Concluimos o Pedalando e nas reuniões do Movimento Transfronteiriço já se trabalhava nos fundamentos de um dos maiores projetos de integração ambiental que conheço: o Corredor Biológico Trinacional.

A elaboração desse projeto demandou longas horas de discussão virtual. Cruzavam as redes digitais dos três países páginas e páginas de notícias, mensagens, textos, documentos que eram lidos, relidos, alterados, excluídos, modificados e novamente lidos. Geravam calhamaços de escritos que, depois, cada um levava para as reuniões do Movimento, onde outras tantas horas eram dedicadas a sugerir, acrescentar, avaliar e alterar o texto.

Havia muita esperança em realizar esse sonho trinacional...

O projeto propõe uma gestão compartilhada do Parque Estadual do Espinilho (Brasil), Parque Rincón de Franquia (Uruguai), a Desembocadura do Rio Miriñay (Argentina) e a Ilha Brasileira. Ou seja, otimizar a proteção ambiental dos ecossistemas de matas, bosques ribeirinhos e parques da Tríplice Fronteira, para promover a cooperação e o entendimento entre os três países sobre reservas ambientais através de uma integração regional.

E foi assim que eu cheguei até aqui, com uma marca muito combativa em toda essa trajetória. Da minha vivência na causa ambiental da Tríplice Fronteira, tiro um ensinamento: esta fronteira avança sem as bandeiras. É a sociedade civil organizada, entrelaçada, independente de nacionalidades, que vem indicando o caminho, apontando os rumos e fazendo acontecer, sem os impasses, os vacilos e a morosidade dos governos. Exatamente como aconteceu com o Saladero, no século XIX, que inaugurou aqui, neste canto do mundo, um Mercosul antes do Mercosul e favoreceu o desenvolvimento econômico das três localidades.

Sintetizei a verdade do Saladero em um lema para a ONG Atelier Saladero: “Três pátrias, três cidades e um só povo!” Toda esta região foi, outrora, a grande estância de Yapejú, dos charruas, dos guaranis e dos padres Jesuítas. Esse é o nosso berço, a nossa história, o nosso ambiente e a nossa luta.

## Capítulo 4

### **O caminho se faz ao caminhar: reflexões sobre a formação de uma identidade ambiental**

*Raquel Ruppenthal*

Cada um percorre um caminho único durante sua vida pessoal, acadêmica e profissional. As trajetórias de diferentes pessoas podem ser semelhantes, porém jamais iguais pois cada um reage de formas diferentes nas mais diversas situações e escolhas que a vida apresenta. No entanto, muitas vezes em nossos caminhos encontramos outros caminhantes, que agregam à sua maneira novos olhares. Também importa dizer que por vezes, esquecemos de olhar para trás durante nosso caminhar. E, a proposta na qual esse texto reflexivo está contido, é olhar e refletir sobre como nos constituímos como educadores ambientais. Assim, vou permitir-me contar algumas histórias com pessoas muito queridas para mim, que com certeza fazem parte da minha constituição pessoal, acadêmica e profissional.

Tudo começou em uma localidade, no interior do hoje município de Quinze de Novembro-RS, situado entre o noroeste e norte do estado. Crescer com os irmãos em meio ao arvoredo, matas e sangas certamente marca positivamente uma criança, de sentir-se parte do ambiente. Brincar com a curiosidade infantil de querer saber o nome das árvores que davam aqueles frutinhas deliciosos (pitanga, guabiju, sete capotes, guamirirm, gabiropa e outros) fizeram parte de uma infância bonita. E é importante recordar que as pessoas que nos iniciaram nessa “arte” de conhecer as matas: a vovó materna e a mãe. Ou seja, o conhecimento de plantas nativas

e suas propriedades medicinais ou mesmo, localizar as frutas nativas na mata na época certa incutiram em mim grande respeito pelas matriarcas da família e também pela mãe natureza. Reconheço também a importância de várias conversas com os anciões da família para eu construir minha compreensão sobre a dinâmica das relações humanos-ambiente. Como esquecer o tio Leo e suas histórias, que iam desde situações envolvendo o encontro com animais do mato até histórias de aparições de lobisomem e boitatá nas redondezas?

Hoje, quando olho para trás, também percebo que foram estas vivências que incutiram em mim a percepção de que somos parte de algo maior e que é possível conviver em harmonia, desde que nós, humanos, respeitemos a vida em todas as suas formas. Essas vivências junto a natureza também tiveram papel fundamental para a escolha do curso de Ciências Biológicas, ao final do Ensino Médio. Claro que essa escolha também foi marcada por vários professores que mantinham esse olhar para o lugar onde vivemos vivo e constante. Como esquecer as coletas para fazer o álbum de ciências? Ou as saídas de campo nos arredores da escola para ver os conceitos estudados em sala de aula? Ou o protagonismo da minha turma de 1º ano de Ensino Médio durante a campanha de esclarecimento para iniciar a coleta seletiva no município?

Reconheço a influência da minha família e familiares próximos na constituição de uma identidade ambiental, forjada nas vivências, diálogo e valorização das pessoas e do local onde estávamos inseridos. E, não há como não repetir a influência que nossos professores tem sobre a formação e desenvolvimento das crianças. Sou grata e reconheço o papel de todos os professores que fizeram parte do meu processo educativo.

Durante a graduação, foi um momento de aprofundar conceitualmente diversos aspectos relacionados a vida e ao ambiente. Desde criança tinha fascínio por entender os seres vivos e curiosidades sobre os diferentes ambientes. Na faculdade, pude me aproximar muito mais das diversas discussões acerca do que é vida e como os seres vivos estão interligados

entre si e com o ambiente. E nesses momentos, entendo que aquela identidade de valorização da vida e ambiente que construí na infância e adolescência ganhou uma nova camada de conhecimentos, que permitiu uma visão mais aprofundada sobre questões ambientais.

Os momentos mais marcantes da faculdade foram aqueles em que saíamos da sala de aula para ver o conhecimento na realidade, a campo. E assim, não dá para deixar de citar as aulas de sistemática vegetal, morfologia vegetal, zoologias, etologia e a tão esperada saída de campo, no qual elaborávamos um Estudo de Impacto Ambiental. Ou seja, o fato de essas disciplinas acontecer em contato com o ambiente natural teve uma consequência positiva para mim, uma vez que sempre tive essa ligação com a natureza real e não só registrada em livros.

Mas eis que o ciclo de formação é concluído e, após prestar concurso em Arroio do Tigre – RS, sou nomeada. Uma nova jornada inicia – a profissional – em um novo ambiente. E quando digo novo ambiente, me refiro ao fato desse município estar localizado na região Centro Serra, e dessa forma, o relevo era totalmente novo para mim. E por que cito a questão do relevo? Porque toda a vida, economia e organização social da população se adaptavam a esta realidade ambiental. Eu nunca havia visto uma lavoura de tabaco e todo o processo de produção e manufatura e, de repente, estou rodeada de alunos que vivenciam isso.

De repente, foi necessário me reconstruir. Ao mesmo tempo que aquelas estradas circundando morros me encantavam, também era necessário reconhecer as dificuldades que aquelas famílias tinham para manter-se. Em meio a mini propriedades rurais, entre 5 e 15 hectares em terrenos muito íngrimes, a cultura do tabaco parecia ser a solução para a manutenção familiar. No entanto, vários problemas ambientais decorriam, desde a utilização de agrotóxicos do início ao fim da cultura até a abertura de novas lavouras em locais que deveriam ser protegidos, como os morros com inclinação acentuada. Em meio a essa nova realidade e uma nova cultura me constituí professora. Dificuldades à parte, quero continuar registrando

como esse momento foi importante para a continuação da constituição de minha identidade ambiental.

No começo da vida profissional, atuei em duas escolas, localizadas em extremos opostos do município (a saber, Coloninha e Linha São Roque). Ir de uma a outra envolvia uma logística tumultuada de horários e transportes escolares. Ambas as escolas mantinham atividades e projetos ambientais, visando a qualidade de vida e a proteção ao meio ambiente. Esses projetos estavam vinculados ao Programa Socioambiental Verde é Vida, vinculado a Afubra. Esta pode ser descrita como uma associação que além do comércio de produtos típicos para a cultura e cura de fumo, fomentava uma espécie de seguro agrícola aos fumicultores da região sul do Brasil. Essa última atividade tem importância ainda hoje, para cobrir despesas nos casos em que as lavouras de tabaco são destruídas por eventos climáticos.

O Programa Verde é Vida tinha um caráter de formação continuada dos professores e incentivo a ações ambientais nas comunidades onde as escolas estavam inseridas. As ações ambientais desenvolvidas na escola e comunidade, tinham um caráter educativo e de ações visando a melhoria dos ambientes. Logo que cheguei na EMEF Martin Afonso de Souza na localidade de Coloninha (hoje EMEF Jacob Dickel), acabei sendo envolvida nessas atividades. E dessa forma, compreendendo a realidade local, promovia-se diversas ações durante o ano. Estas eram registradas e documentavam-se as várias etapas do processo e quantitativo de pessoas envolvidas. Eram ações simples, que iam desde a construção de composteiras, cuidado com os jardins até campanhas sobre a importância do descarte correto das embalagens de agrotóxicos utilizados na cultura do tabaco. Esta última ação era realizada em conjunto com entidades que realizavam a coleta dessas embalagens.

Todas as ações tinham um caráter de educação e divulgação. Muitas vezes as iniciativas nasciam na escola, mas os alunos eram motivados a implementar as ações em seus lares. Quando era possível, as ações eram

planejadas a nível de comunidade, como era o caso do descarte de lixo durante eventos locais como festas da comunidade e os torneios. Nem todas as atividades obtinham o apoio e adesão esperados. Mas mesmo assim, enquanto escola, seguíamos fazendo nossa parte.

Na outra escola, a EMEF Ervino Konrad, a principal ação já em andamento quando lá cheguei, era a Gincana do Lixo. A proposta era simples: cada família selecionava os resíduos produzidos na propriedade, e em dias estabelecidos, estes eram trazidos para a escola, que intermediava a venda desses resíduos. Os valores obtidos eram revertidos para os alunos na forma de materiais e ajuda de custos em passeios de estudo que viessem a ser realizados. Mas essa ação tomou uma proporção enorme, quando se vislumbrou que as tubulações utilizadas nas estufas de cura do fumo podiam ser reciclados. A título de conhecimentos, essas tubulações precisavam ser trocadas a cada dois ou três anos. Dessa forma, após a troca desses tubos, os mesmos eram armazenados para a Gincana.

Os dias de Gincana eram bonitos. As famílias se envolviam e os resíduos eram trazidos para a escola com carroças puxadas a boi, carrinho de mão e outros meios. Era um evento na comunidade e que contribuiu para produzir o hábito de selecionar e guardar os resíduos, porque algum aluno passaria lá para buscar. Também cabe lembrar que resíduos outrora descartados de qualquer forma, acabaram sendo recolhidos e tiveram um destino mais adequado.

No ano de 2005, foram coletados um total de aproximadamente 4200 quilogramas. Naquela época, eu estava totalmente envolvida com essa atividade. E, como a Gincana estava em ascensão, no começo de 2006, tive a ideia de dar uma apimentada na ação. Sugeri, que se no final de 2006 alcançássemos 10 mil quilogramas de resíduos encaminhados para reciclagem, eu pintaria meu cabelo de verde. Não preciso dizer que a meta foi superada. Eu só não esperava que atingíssemos 14 549 kg de resíduos. E assim, passei com cabelos verdes por alguns dias, porque aposta é aposta.



Para muitos, essas atividades estavam longe de ser consideradas com ambientalmente corretas. Era comum ouvir que essa atividade fomentava o consumo. No entanto, ao pensar que era uma comunidade rural, onde não acontecia a coleta de resíduos, entendo que era uma maneira de evitar que resíduos plásticos, vidros, entre outros fossem descartados nos matos e rios. E, ao longo dos anos, essa atividade acabou por produzir a consciência de descarte adequado. Acompanhando as redes sociais das colegas que lá estão, sei que a atividade continua até hoje.

Outro acontecimento difícil de esquecer foi uma caminhada até uma nascente de um rio importante daquela comunidade. Conhecer a origem daquele rio, onde muitos de nossos alunos pescavam e tendo como guia o seu Pedro foi uma experiência interessante. Valorizar os saberes e conhecimentos de pessoas da localidade permite a aproximação destes com a escola e da escola com a comunidade em geral. E, nesse dia, em meio a uma caminhada bastante difícil por uma trilha que serpenteava a barranca do rio, escorreguei e cai nas águas nem tão superficiais do rio. Garanto que os alunos da caminhada recordam daquele passeio e dos conhecimentos agregados devido a esse episódio.

Em 2007, acabei nomeada professora do estado e passei a atuar em outra escola, no mesmo município. Nesta escola urbana, segui na lida ambiental. Não havia mais a gincana, mas foi a primeira vez que trabalhei com um grupo de alunos engajados nas causas ambientais. Era o grupo ambiental que promovia atividades como o descarte correto de pilhas e baterias. Confeccionavam-se “Papa-pilhas” com garrafas PET. Estes eram distribuídos em pontos de comércio da cidade e na escola, a fim de estimular a população sobre a necessidade de não eliminar esses resíduos com o lixo orgânico.

Outra atividade foi a coleta de óleo de cozinha. Essa ação fazia parte do Programa Verde é Vida. O Programa contava com um projeto-piloto de produção de biodiesel a partir do óleo de cozinha. Dessa forma, todas as escolas parceiras do Verde é Vida se engajavam na retirada desse material

do ambiente. Pensando no potencial poluidor dos óleos de cozinha, hoje diria que foi um projeto de visão e grandioso para os idos 2008.

Destaco que o Programa Verde é Vida abrangia várias escolas, de diversos municípios do RS, SC e PR. Cada estado estava dividido em regiões de atuação, cujas coordenadores de escola se reuniam a cada três meses. Nesses momentos, além dos estudos, as escolas participantes compartilhavam experiências ambientais, que muitas vezes eram reorganizados em nossas escolas. Ou seja, eram momentos ricos em ideias e projetos, que eram adequados para nossas realidades. Dessa forma, sempre estávamos inovando fazeres ambientais.

Mais ou menos por essa época, voltei à vida acadêmica. Continuei me envolvendo com atividades relacionadas a educação ambiental, mas talvez com um perfil menos ativo. Participava das semanas ambientais, auxiliava na organização de atividades direcionadas aos anos iniciais e também da organização de gincanas culturais relacionadas a temática ambiental e de saúde. E essa volta a vida acadêmica aproximou meu caminhar de outros caminhantes e, em alguns momentos, da realização de atividades ambientais com um viés de pesquisa.

Em 2014, peço minha remoção para perto da terra natal e passo a trabalhar em Ibirubá, em duas escolas. Tempo de parar e refletir sobre a nova realidade. Enfim, já haviam se passado quatorze anos desde que saí para estudar e trabalhar. Sabe a sensação de voltar para casa, após muito tempo fora de casa? Foi mais ou menos assim, porque tudo era novidade para mim. Talvez fossem os anos dedicados a outras comunidades ou talvez a maturidade. O fato é que era bom estar lá. E a acolhida na EEEF Ibirubá, num momento que profissionalmente eu estava mais madura, fez espaço especial no meu coração de educadora.

É nesse ambiente, que volto a ativa em relação a atividades voltadas à educação ambiental. Ao conhecer uma ambientalista e voluntária da ONG MiAjuda (a Mari), conheci um projeto de reciclagem de diversos materiais, como escovas de dentes, tubos de creme dental, esponjas entre

outros. Estes eram encaminhados para uma empresa, que para cada unidade enviada para reciclagem, destinava um valor em dinheiro para alguma instituição. No caso, todo o valor era revertido à ONG MiAajuda, que tirava cães e gatos abandonados das ruas ou de situações de maus-tratos. Encabecei a organização da coleta desses resíduos na escola e em pouco tempo, as coletas passaram a ser mensais. Nessa atividade, contava com o apoio da gestão da escola e do Grêmio Estudantil.

Trouxe a Mari para conversar com os alunos da escola, uma vez que ela havia conseguido o status de voluntária do Greenpeace. Um aluno questionou por que ela se envolvia em causas ambientais e até hoje, ouço a resposta dela em meus pensamentos. “Eu não posso ser uma super heroína nos filmes da Marvel, mas eu posso fazer a diferença no lugar onde eu moro”. Não preciso dizer o quanto essa fala foi emblemática nos dias que se seguiram, inclusive nas discussões sobre o documentário “A história das coisas”, que questionava nossos padrões de consumo.

Concomitante a ação de coletar resíduos e encaminhar para reciclagem, passei a aplicar atividades com um cunho de pesquisa, com o objetivo de conhecer o perfil ambiental dos alunos da escola e assim, possibilitar ações mais concretas a fim de promover uma consciência ambiental. Dentre estes, indico a utilização do pentáculo ambiental e a elaboração de mandalas. O primeiro tinha como objetivo conhecer as percepções dos estudantes em relação aos cinco Rs; a segunda, utilizava a construção de imagens para perceber como os alunos se percebiam em relação ao ambiente. Ao mesmo tempo enquanto professora de ciências, sempre que possível, saía da sala de aula com minhas turmas. Em parte, porque na constituição da minha identidade ambiental, esse contato com o ambiente natural e real sempre teve um efeito positivo e eu esperava que esse contato com o ambiente real pudesse de alguma forma despertar os alunos para a consciência de pertencimento ao ambiente.

Com esses relatos, gostaria de salientar a importância das escolas e professores para pensar ações de educação ambiental. Quando se fala em educação, é importante ressaltar que esta é um processo que permite que

nos tornemos pessoas melhores. Ao pensar em educação ambiental, espera-se que os indivíduos desenvolvam habilidades e compreensões que favoreçam decisões e hábitos sustentáveis. E muitas vezes, a escola pode ser o único local que favorece atividades e reflexões com esse objetivo. Enquanto escola, é possível favorecer o pensamento de comunidade e de que cada ação que realizamos interfere na vida de outras pessoas. Nesse sentido, cada vez que a escola realiza um projeto ou ação pelo ambiente, colabora-se para que pessoas com maior criticidade possam de fato viver a cidadania.

No entanto, também é importante ressaltar que nem tudo foram flores. Assim como na caminhada ambiental encontramos companheiros, também nos deparamos com pessoas que não consideram qualquer ação ambiental como importantes, e muitas vezes acabam jogando baldes da água fria nos sonhos e projetos. Por vezes, caminhamos sozinhos; outras vezes encontramos companheiros para dividir trabalhos e frutos das ações ambientais. Nessas ocasiões, fortalecemo-nos. E ser educador ambiental é um exercício de esperança tal como a inflorescência do *Taraxacum officinale* (popularmente conhecido como dente de leão). Cada vez que essa plantinha mostra sua flor e está madura deixando à mostra suas sementes, ela não sabe qual será o destino de cada semente. No entanto isso não a impede de lançar suas sementes ao vento e quem sabe, gerar novas plantas longe dali. Ela apenas se preocupa em realizar a sua parte. Assim, também somos nós educadores ambientais. Fazemos nossa parte, apesar das adversidades e obstáculos, sempre na esperança de alcançar novos horizontes. Porque podemos fazer a diferença no lugar onde vivemos.

## Capítulo 5

### **Percurso formativo de uma professora à luz da educação ambiental**

*Cadidja Coutinho*

O percurso desta escrita inicia considerando o desafio ou dificuldade, e uma certa resistência do meu lado “acadêmico” em tornar as memórias e os diálogos em palavra escrita e conexas com o propósito de relatar como as questões ambientais se aproximaram de mim.

Talvez fosse necessário romantizar minha infância no campo, mas esta por si só traz muitas lembranças do contato com a terra, a água, os animais, as plantas e tudo que uma morada interiorana possui. Tenho registro de uma criação humilde, mas muito afetuosa e de relação íntima com a simplicidade que a natureza nos ofertava. A horta para as refeições, o plantio em minifúndio como fonte de renda, a criação de animais para consumo, e principalmente, os recursos naturais disponíveis e em equidade com a sobrevivência da minha família. Com tempo, e a “modernidade” chegando, o trabalho rural passou a contar com máquinas, insumos agrícolas e também com os tais agrotóxicos. Vi minha comunidade se transformar, no lugar da beleza pura e original, surgiam lavouras e monoculturas com produção em larga escala.

Talvez meus interesses da época não estavam atrelados ao meio ambiente, e como uma típica adolescente me preocupava com questões mais mundanas e superficiais. Com o passar do tempo eis que conheço uma professora de Biologia, que em sua lúdica e dinâmica prática docente no ensino médio, me conquistou e me fez acreditar que eu queria ser assim!

Nesta fase começo a atentar para toda a biodiversidade que me rodeava e a conhecer, mesmo que através de imagens e textos, outros biomas e paisagens tão diversas. Ao olhar sonhador e bonito também me deparo com as inúmeras ações danosas provocadas pela ação antrópica. Começava então um caminho para minha profissionalização.

Decidi que gostaria de ser professora de Biologia. Ensinar e transpor toda riqueza da natureza, como também sensibilizar os sujeitos para um empoderamento mais crítico e reflexivo da relação homem *versus* ambiente. As múltiplas atribuições de um professor, alvo de diferentes fontes de cobrança e comparação (por exemplo, gestão escolar, pais, sociedade em geral, avaliações nacionais e internacionais) mostram que se constituir educador não representa uma tarefa fácil. O importante é o profissional docente apropriar-se da sua ciência como base para o enfrentamento dos desafios impostos à atividade.

Precisei então buscar meu objetivo de ser uma professora de Biologia, e numa vivência cheia de histórias fui morar na cidade, e não foi em qualquer cidade e sim, a cidade universitária de Santa Maria/RS. Neste município me instalei em uma moradia coletiva, a Casa do Estudante da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), local onde aprendi muito sobre partilha, respeito e empatia. Hoje relembro desta fase com carinho e considero uma etapa muito sustentável da minha vida. Havia divisão de recursos, economia, socialização e discussões ricas em prós e contras que um contexto universitário requer.

Em 2011, concluí o curso de Ciências Biológicas pela UFSM, e apesar de perpassar quatro anos de formação para o bacharelado, com iniciação científica atrelada à zoologia, os princípios da educação já faziam parte da minha realidade. Durante o curso tive a oportunidade de participar do Programa de Educação Tutorial (PET), o qual desenvolve ações de ensino, pesquisa e extensão. Ao longo da vigência da bolsa, no PET Biologia, participei de diferentes iniciativas de ensino, até que as vésperas do ano de formatura, o grupo foi convidado a assumir a disciplina de Biologia no

projeto extensionista - Alternativa pré-vestibular da UFSM, e minha primeira ação como educadora surgiu aí, assim como, outras oportunidades para o exercício docente se apresentaram.

Tal integração ao projeto Alternativa e à docência fomentou a necessidade de aperfeiçoamento à prática, e logo tracei metas para o retorno à graduação em Licenciatura Plena, concluída em 2013, concomitante a um mestrado em Educação em Ciências, também finalizado neste ano. Desde a conclusão do curso de Ciências Biológicas em 2011, atuo como docente, inicialmente na rede privada de educação básica de diferentes municípios, e com tal, o papel da formação continuada tornou-se sempre essencial e pertinente.

Nesse sentido, resolvi buscar uma especialização, paralela à realização do mestrado, com o curso de pós-graduação *lato sensu* em Educação Ambiental (EA), também na UFSM. Neste período, manifestam-se, então, as temáticas que me fizeram refletir e repensar os rumos da minha trajetória como pesquisadora. Junto com a especialização, e para o embasamento teórico da mesma, tornou-se necessário a leitura de duas obras, que entre tantas, foram inspiradoras para a construção da monografia, como também para a tese de doutorado e para os projetos de pesquisa que sigo elaborando e orientando até hoje. Sendo estas, a obra - Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico” de Isabel Cristina de Moura Carvalho (2012); e - Educação Ambiental: Pesquisa e Desafios de Michele Sato e Isabel Cristina de Moura Carvalho (2005).

Ambas sinalizam a necessidade de reconhecer a EA como intercessora do processo de aprendizagem da temática ecológica, além de repercutirem a importância de uma dimensão crítica para o ensino da EA. Os atributos da EA relacionam-se à complexidade do saber ambiental, estreitando relações entre os conceitos e a realidade (LEFF, 2012), ou seja, a apresentação da terminologia associada aos aspectos da ecologia, da ecologia humana e da sustentabilidade, bem como, os mecanismos para resolução de problemas, de forma a alfabetizar ecologicamente os indivíduos (CAPRA, 2006).

O curso e as leituras me oportunizaram desenvolver e aplicar estratégias para promoção do desenvolvimento sustentável através de uma alternativa sustentável para o pós-consumo do papel na escola – papel semente. A atividade consistiu em oficinas de reciclagem de papel e transformação em papel-semente através do reaproveitamento do material descartado na escola. Com o desenvolvimento da monografia e análise dos dados foi possível aproximar a Universidade e a educação básica, além de divulgar a metodologia proposta através do artigo “Papel semente: uma alternativa para inserção da Educação Ambiental na escola” e apresentar diversos resumos em congressos, simpósios, entre outros. E confesso, sigo até hoje fazendo papel semente nas mais diversas oportunidades que surgem e que me convidam!

Com esta especialização surgiram as temáticas para elaboração do projeto de doutorado, explorando os aspectos da Educação Ambiental em diferentes contextos, e em 2014 iniciei o doutorado em Educação em Ciências. A pesquisa considerou a tese de que a constituição de um sujeito ecológico passa pela elaboração de uma EA crítica, com a formação de um indivíduo capaz de autocompreender o mundo e agir nele de forma reflexiva. Além disso, de que o ensino para uma sensibilização ambiental precisa estar presente nos diferentes cenários (docente, discente e do material didático), e promover a geração de educandos com um perfil sensível às questões ambientais.

A importância de a Educação Ambiental ser efetivamente trabalhada nas escolas, apontou para a pertinência de diagnosticar as diferentes noções que professores têm a respeito deste tema e a contribuição dos livros didáticos. Além disso, a necessidade de elaborar alternativas didáticas de abordagem do assunto como o Pentáculo Ambiental e os desenhos em forma de mandalas. Em suas diferentes facetas, meu caminho foi de denotar a importância em pensar numa Ciência mais sensibilizada com os parâmetros ambientais.

Os resultados foram organizados e apresentados na forma de artigos e de manuscritos, atrelados aos objetivos específicos da pesquisa, e com



suas próprias delimitações teóricas e as referências correspondentes. Por exemplo, no artigo “Reflexões sobre a dimensão e os aspectos pedagógicos da educação ambiental em um grupo de educadores” pude descrever as principais estratégias pedagógicas adotadas por um grupo de professores para trabalhar a EA no contexto escolar.

Os dados deste artigo se mostraram relevantes, e foram precursores para traçar os demais objetivos da minha pesquisa, uma vez que revelaram o envolvimento dos professores em adotar práticas da temática ambiental em sala de aula, e a necessidade de planejar e de disponibilizar novas alternativas didáticas para uma EA crítica.

No artigo “Estratégias pedagógicas para formação de um ideário ecológico no ensino de ciências” expus metodologias para implementação da EA nos diferentes contextos de ensino formal, com a utilização de situações contextualizadas e práticas pedagógicas de fácil reprodução. Penso que as sugestões podem servir de opção para observar mudanças nos níveis explicativos dos alunos antes/após a aplicação das estratégias propostas, bem como, os fatores que podem interferir na construção de um ideário ecológico no ensino de Ciências.

O artigo “Pentáculo Ambiental: instrumento para verificação das atitudes ambientais de estudantes de Ibirubá/RS” se mostrou uma ferramenta para a identificação das atitudes ambientais de um grupo de estudantes, norteada pelos 5R’s. O processo metodológico perpassou pela elaboração do instrumento – Pentáculo Ambiental para verificação dos comportamentos ambientais individuais e coletivos; e a aplicação do mesmo em um grupo de alunos dos anos finais do ensino fundamental. A partir disso, observei que os alunos participantes apresentam atitudes favoráveis à prática da redução e dificuldade quanto à reciclagem e recusa de materiais. A ferramenta pode ser aplicada em diferentes contextos e perfis de participantes, de modo a esboçar considerações sobre os valores e as atitudes dos indivíduos nas suas ações rotineiras, além do impacto das mesmas para a problemática ambiental.

Com o exercício docente no ensino superior, tornou-se possível a reflexão e retomada do embasamento teórico obtido via mestrado e doutorado em Educação em Ciências, e a interligação com a prática na formação de professores. Do mesmo modo, foi possível compartilhar saberes através de palestras, cursos de formação continuada à rede municipal e estadual, oficinas temáticas, cursos de aperfeiçoamento e organização de eventos científicos.

Neste contexto ainda, desde 2014 tenho a possibilidade de orientar acadêmicos na elaboração de seus trabalhos finais de graduação, suas monografias e dissertações na pós-graduação. Como resultados deste trabalho de orientação, destacam-se as publicações advindas de metodologias associadas ao Ensino de Ciências e as questões ambientais. Para exemplificar, no curso *lato sensu* em Licenciamento Ambiental orientei a produção do artigo “Gestão ambiental na escola: Estratégias pedagógicas para a formação docente e discente”.

Percebo que venho ocupando parte da minha trajetória acadêmica e profissional com a EA. Nesta continuidade, muitos projetos surgiram e surgem até o momento! No projeto “O ensino da Educação Ambiental crítica através de contextualização e oficinas pedagógicas” tive como intuito investigar a função de estratégias didáticas para o desenvolvimento de temas ambientais e a formação do sujeito ecológico no Ensino de Ciências. A pesquisa visou também integrar a universidade à comunidade que está inserida, articulando os objetivos do trabalho aos princípios de Educação Ambiental estipulados pela filiação do município de Santiago/RS (local que atuava na época) as Cidades Educadoras.

O projeto “O ensino de Educação Ambiental através de contextualização e oficinas pedagógicas – Plantas medicinais: um estudo de aplicação e da promoção da saúde” visou contribuir para a formação de cidadãos plenos, conscientes e participativos. As minhas atividades de extensão universitária também estão associadas a questão ambiental. Através de projetos como a “Mobilização universitária: Todos contra o Aedes e a favor do meio ambiente”, me propus a elaborar e utilizar jardins verticais como

ferramenta multiplicadora de informações acerca da sustentabilidade, na tentativa de sensibilizar e estimular a participação da comunidade escolar na proteção ao meio ambiente.

Neste caminho de ensino, pesquisa e extensão percebo que em tempos contemporâneos e diante dos avanços tecnocientíficos nas diferentes esferas (social, econômica, política e educacional), muito se têm debatido para alcançar a harmonia das ações humanas e para viabilizar a apropriação de conhecimentos relacionados ao Ensino de Ciências, estimulando o desenvolvimento do pensamento crítico, criativo e científico. As características de uma abordagem pedagógica da Ciência demandam a compreensão, em termos práticos e objetivos, da realidade social aliada à dimensão científica e ao movimento ambientalista.

Apesar das limitações nos processos educacionais, a docência, em especial no Ensino Superior, representa uma forma de atuação significativa perante a sociedade, e viabiliza a correlação com as questões ambientais. Estabelecendo as relações entre as fases da minha formação acadêmica e profissional saliento que todas as etapas foram e são vivenciadas com muito otimismo, acreditando que quando há dedicação o resultado almejado será encontrado, a realização pessoal alcança seu nível de maturidade em cada etapa vivida na vida.

Com essas premissas alguns pontos merecem destaque. O primeiro é que, a atuação profissional do professor exige que ele constantemente, se atualize. Particularmente, na área das Ciências da Natureza e suas tecnologias isso fica ainda mais evidente, em função dos avanços científicos. Cabe salientar ainda, o papel relevante que as universidades podem exercer nesse cenário, pois, como centros geradores de conhecimento, essas instituições têm grande potencial para disponibilizar ações que promovam a interação dos professores da Educação Básica com os avanços científicos e tecnológicos mais recentes.

Por fim, considero que a aplicabilidade da EA depende também do âmbito educativo, ou seja, do letramento ambiental através de contextualização, tecnologia e cientificidade. Para tanto, trago o Poeminho do Contra de Mario Quintana,

*Todos esses que aí estão  
Atravancando meu caminho,  
Eles passarão...  
Eu passarinho!*

Que sejamos passarinhos do ambientalismo!

### **Referências:**

- CAPRA, F. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: SONE, M.; BARLOW, Z. (Coord.) **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. 1. ed. São Paulo: Cultrix. 2006. cap. 02. p. 47-58.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: a formação do sujeito**. 6. ed., São Paulo: Cortez, 2012.
- LEFF, E. **Aventuras da epistemologia ambiental: da articulação das ciências ao diálogo dos saberes** / Tradução de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez, 2012.
- SATO, M.; CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental: Pesquisa e desafios**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

## Capítulo 6

### Quem és tu guri?

#### Trajetórias de um estudante que se apaixonou pelo Pampa

*Luis Roberval Bortoluzzi Castro*<sup>1</sup>

Começo a presente escrita com alegria, surpresa e com a necessidade de confessar. Alegria de contar um pouquinho da minha humilde trajetória, surpresa devido estar compondo um livro com narrativas de mestres da academia e mestres da universidade da vida dos quais muitos são meus amigos e pessoas que admiro. Quanto a confessar, trago um desabafo, jamais imaginei que escrever sobre a minha história seria algo tão desafiador chego a comparar com a escrita de uma dissertação, pois surge a síndrome da folha em branco.

Acredito que a síndrome confessada, seja o diagnóstico de algumas “impossibilidades” provocadas pela vida, devido não pararmos para analisar os caminhos que trilhamos e em muitos casos oriundos da formação da qual quase sempre a nossa história está alicerçada na trajetória de outros pesquisadores.

De certa forma, a história de qualquer pessoa é alicerçada na de outras, sejam das mais próximas como pais e irmãos, vizinhos, amigos e colegas, enfim em pessoas referências.

Por acreditar na importância de pessoas referências na construção do cidadão, jamais conseguiria contar (um pouco e ou parte da qual tenho resgatada na memória) a minha história sem ao menos mencionar alguns

---

<sup>1</sup> Biólogo, Professor, passarinho, apaixonado pelo Pampa e Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa, Campus Urugaiana.

dos sujeitos que estão completando esse quebra-cabeças (neste caso uso o futuro e o gerúndio simplesmente pelo movimento de continuidade).

Começo o título com uma pergunta da qual fui confrontado por muitas vezes e pretendo responder ao longo dessa escrita. No subtítulo trago a palavra estudante, primeiro por considerar que enquanto somos curiosos e estamos buscando apreender isso indiretamente submete ao “estudar”, quando escolhemos uma profissão e buscamos estar sempre atualizados estamos a estudar e quando vamos além da nossa profissão e escolhemos o caminho da troca, conhecida como ensinar, ou seja, quando escolhemos a docência concretizamos o eterno estudante, pois jamais poderemos deixar de praticar o verbo estudar.

Assim busco contar um pouco da minha trajetória que passará pela infância de momentos marcantes, o trajeto na educação básica, a graduação e os caminhos trilhados até o momento.

Quanto a minha trajetória ambiental, praticamente iniciei-a na graduação quando cursei ciências biológicas, mas preciso descrever um pouco do percurso antes disso, a final, muitas pessoas referência passaram nesse caminho.

Minha trajetória iniciou bem antes do que vou contar, pelo menos 9 meses antes do meu nascimento (mas estes detalhes não vou aprofundar). Nasci no meio da década de 1980, sim! Na metade, pois o mês foi junho, na cidade de Uruguaiana/RS (a princesinha do Rio Uruguai), filho de João Clementino de Azevedo Castro e da Gladis Bortoluzzi Castro e irmão do Jean Bortoluzzi Castro (meu Mano).

Nessas poucas linhas as primeiras peças começam a ser adicionadas na minha bagagem, pelos sentimentos, pois João, filho de agricultor o Seu Donga, uma pessoa simples e trabalhadora que não teve a oportunidade de conhecer, ou melhor, conheci pelos sentimentos expressados por meus pais. E de uma Dona de Casa a Dorila, filha de fazendeiros que contava em suas histórias como havia sido sua infância e dentre elas a convivência com escravos. João o filho homem dentre vários irmãos, fora expulso de casa aos 14 anos, por simples bobagens da época. O mais surpreendente disso

tudo foi sempre ouvir: “isso foi o melhor que a vida poderia fazer”, pois construiu uma família com muita humildade e Amor. Falando em construção familiar e no Amor entra a mulher da minha vida a Gladis, filha do mestre de obras o seu Calo, (trabalhou na construção da Ponte Internacional Passo de Los Libres - Uruguaiana) descendente de Italianos. E filha da Neli uma Dona de Casa que se casou aos 12 anos, mãe de 4 filhos da qual a Gladis é a primogênita.

Até aqui já existe muita, mas muita história e o mais importante é que a probabilidade do João se unir com Gladis era muito baixa, pois haviam nuvens carregadas de preconceitos, mas a trajetória da vida mostrou isso de forma diferente, pois já se vão 50 anos de união com muita discussão das quais chamo de reflexão, reconstrução, humildade e principalmente de Amor.

Creio ter bons lapsos de memória, pois lembro de coisas quando tinha apenas 4 anos, como assistir à televisão (em preto e branco) e ver reportagens sobre a guerra fria, lembro da minha mãe a rezar e também da sacanagem do presidente, claro que sem entender o que acontecia, apenas de ouvir que pessoas estavam perdendo dinheiro.

Ao mergulhar no passado acabo por recordar da infância, onde morava em uma casa de madeira na periferia da cidade, durante o dia ficava com meu irmão que por muitas vezes foi um pai, pois o João, não tinha muito estudo e para sustentar a família era uma espécie de “Severino” fazia de tudo um pouco e a Gladis também “se virava nos trinta” trabalhava no horário comercial. Meu irmão como era escoteiro e estudava geralmente ficávamos juntos pela tarde, durante a manhã eu ficava com os meus Avós (separarei um parágrafo exclusivo para eles), não se tratam dos avós paternos e nem maternos, simplesmente avós que a vida me deu, pessoas colocadas no ponto geográfico milimetricamente exato. Na realidade a minha família que foi ao encontro deles, pois quando nossa casa foi construída a deles já estava lá.

Neste ponto entra o acaso e me atrevo a dizer que o início indireto da quebra de preconceitos por meio da possibilidade de valorizar as pessoas,

independentemente de serem familiares ou próximos, momento de significação, do respeito, da humildade e do Amor. Pois, fui acolhido pela Dona Júlia e pelo seu Preto, ela uma senhora Negra guerreira, e ele um velho tropeiro. Ambos haviam se mudado da zona rural devido à aposentadoria e estavam recomeçando na cidade. Como minha mãe precisava de alguém para me cuidar a Dona Júlia se prontificou e de lambuja, ganhei uma avó e um avô.

Pessoas que me acolheram como um neto antes mesmo de chamá-los de avós, carregavam uma bagagem que não existia bagageiro capaz de comportar, conhecedores de assuntos diversos dos quais foram os melhores desenhos contados que ouvi na infância (creio que por isso jamais reclamei de não assistir televisão). Eles nasceram no interior (de uma cidade do interior) com origem de famílias humildes que prestavam serviços aos grandes patrões de estâncias e tinham uma serenidade que encantava qualquer pessoa. Ela tinha viva as cicatrizes da escravatura e ele seguiu a vida “da lida” no campo se tornando tropeiro, ambos forjados/moldados para servirem os outros, diamantes brutos, ricos de sabedoria das quais me alimentavam.

Eram meus protetores, sempre tive a certeza de que eles dariam suas vidas por mim e creio que isso gerou nosso sentimento de amor, de seriedade e de sinceridade algo tão bom que acabo revivendo agora, por ter a oportunidade de recordar.

A vó Júlia era conhecedora de ervas medicinais como poucas pessoas que conheço na atualidade, o vô Preto conhecia um mundo, devido suas grandes andanças carregando tropas de gado pelo estado. Ambos eram analfabetos, alguns poderiam dizer que não eram letrados, não conheciam as letras realmente, mas tinham uma capacidade de ler a vida como poucos atualmente.

Com esses avós tive a oportunidade de viajar, conhecer histórias, descreviam localidades de onde passaram, dos rios, matos, os animais, o relevo, o desmatamento, momentos de chuvas, sol e frios intensos entre uma infinidade de informações que impulsionavam a minha imaginação a



um ponto de viajar sem sair do lugar e mais, tais descrições conseguem emocionar-me quando passo por tais localidades até hoje.

Acredito que foi nesse período que minhas visões abriram para a questão relacionada ao pertencimento local, da terra e das plantas. Dos animais nem tanto (ainda), lembro de ter muito aflorado o extinto de caçar, no final da década de 1980 e início da década de 1990 era muito comum as famílias se reunirem para caçar, nesses momentos, recordo de meus avós maternos e tias, quando se reuniam para “ir pra fora” (expressão usada quando a família vai para o interior), a finalidade era exclusivamente a pesca e a caça.

Quanto as atividades de caça recordo de animais como capincho (capivara), ratão-do-banhado, lebre, preá, marrecos e as perdizes que segundo o pessoal dizia, só poderiam ser caçadas nos meses do ano sem a letra “R”. Geralmente os animais eram caçados com armas e os peixes com linhas de mão e redes. Em uma dessas idas lembro de comemorar com um primo a morte de algumas marrecas depois de um tiro e também recordo de um momento que as crianças não puderam ir, pois era muito frio e no retorno trouxeram muitos ovos de quero-quero que foram lavados e colocados a cozinhar, penso que nesse dia tive uma das cenas mais marcantes da infância, além de lembrar de um cheiro fétido, os tais ovos estavam com filhotinhos dentro, foi horrível.

Em outro momento, recordo que não fui levado e no retorno trouxeram uma enorme tartaruga viva com um tiro na cabeça, foi mais uma cena chocante, como morava na periferia existiam muitas áreas de campo para todo lado e a tartaruga foi solta, mas acabou ficando em um terro na frente da minha casa. Levava água para ela todos os dias, em um desses dias observei-a cavando e logo depois depositou muitos ovos, por consequência do tiro a tartaruga morreu logo após depositar seus filhotes, foi um momento bem marcante onde mais tarde percebi a força do animal para proteção de seus filhotes.

Acredito que o período que acabo de relatar foi no inverno no ano de 1990, não lembro de ter ido mais em reuniões de caça e pesca, que ocorriam no inverno e no verão.

Entre a infância de ficar em casa, aprendi que existiam muitos afazeres, embora não tivesse muita disposição para isso, meu irmão me ensinou a limpar as coisas e não sujar, claro que a ideia era reduzir o esforço dele, e evidentemente nunca deu certo porque eu era muito destrambelhado.

Digamos que até aqui contei um pouco das férias da minha infância, pois basicamente, pela manhã eu ficava na casa dos meus avós, era uma casinha de madeira que lembro do cheiro até hoje, lá, tinha um galpão (celeiro) que para mim era gigante, tinha um poço com peixes e uma tartaruga, uma horta e não tinha banheiro era uma latrina, separada do quarto de banho.

Lá eu ficava importunando minha avó para contar histórias e em outros momentos o meu avó, foi o lugar mais importante que tive o prazer de saborear a pureza da vida, nesse lugar comi o melhor pão caseiro e a melhor chimia (geleia) de goiaba do meu mundo, o pão era sovado, batido sem a pressa de um mundo corrido era assado no formo de barro feito à mão, a chimia era mexida por horas e temperada aos poucos até ficar com uma leve crosta queimada tudo sem pressa, me parece hoje, que tudo era pensado milimetricamente, para atingir o sabor e o valor da simplicidade, tenho a maior certeza de todas, o ingrediente que não faltava era o amor.

Quando chegava o final da tarde era o momento que minha mãe chegava, ela era diretora em uma creche, basicamente eu já estava de banho tomado e devia estar um pouco alimentado, era a segunda jornada na minha mãe, que tinha de ouvir tudo que havia feito durante o dia, mais tarde chegava meu pai e novamente repetia tudo, enfim, acabava brincando e adormecia, e os dias eram assim.

Até chegar a possibilidade de ingressar no jardim de infância, como estava acostumado junto de meus avós, foi impactante, creio que não estava sociável, e os educadores não contribuíram muito, pois não recordo do nome nem da fisionomia de ninguém, apenas lembro de não querer

assistir televisão, queria estar no lado de fora da sala por isso ficava muito de castigo, além de lembrar de alguém me importunar pela minha fala, pois eu carregava na letra “erre”, (não falava o bravo, falava, o Brravo), até que um dia pedi ao meu pai para não me levar mais naquela escola e tive a oportunidade de ficar mais um ano com meus avós.

Basicamente a rotina era a mesma, porém, em alguns dias da semana era levado ao trabalho na minha mãe, que trabalha em uma creche, acredito que foi o princípio da minha domesticação, em outros momentos ia ao trabalho com o meu pai que era motorista na prefeitura e durante as noites a mãe se tornou minha fonoaudióloga, para corrigir a fala, aqui percebo que não desistir é o sucesso para atingirmos nossos objetivos.

Nesse período fui socializado e preparado para ingressar na pré-escola (1991) na escolas estadual Flores da Cunha, lá fiz amizades que até hoje lembro dos colegas, e da professora que me apresentou para outro mundo, literalmente nesse lugar aprendi a pintar e bordar, descobri que adorava conversar e isso seria um problema futuramente. Pois, descobrimos uma hiperatividade onde meu objetivo era fazer as tarefas o mias rápido possível para conversar com os colegas, logo eu não percebia que estava os atrapalhando.

Em 1992 ingressei na primeira série na escola municipal Cabo Luiz Quevedo, tive que fazer um teste para verificar qual turma deveria ingressar se para A ou B, fiz alguns desenhos, pinturas e respondi algumas perguntas e acabei ingressando na turma A, onde conheci a professora Nara, minha alfabetizadora uma das professoras mais importantes dessa trajetória.

Nessa época acabei fraturando o braço e fiquei 45 longos dias em casa, todos os dias uma colega deixava as atividades pra mim, hoje chamaríamos isso de aulas remotas “eu acho”, e de fato fiquei em quarentena, ficava observando o movimento aos arredores de minha casa que tinha muito campo, campos de espinilho onde os ciganos se acampavam e faziam enormes fogueiras.

Por escolha da família da 2<sup>a</sup> até a 4<sup>a</sup> série fui para outra escola Elisa Ferrari Valls tenho poucas lembranças da 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> series, mas da 4<sup>a</sup> série não perdi nada, conheci uma professora chamada Maria do Carmo, simplesmente ela me mostrou o estado do Rio Grande do Sul, todas as lendas e histórias que meus avós contavam foram consolidadas, essa professora abriu as portas para o meu mundo, ela contou, encantou e levou a turma para a cidade de São Miguel das Missões, me encantei com nossos índios sob a gestão Jesuítica.

Da 5<sup>a</sup> até a 8<sup>a</sup> série fui para outra escola estadual Marechal Cândido Rondon, foi quando descobri que teria vários professores(as) a escola era maior, fiz mais amizades reencontrei outros colegas e na 5 série conheci a professora Neiva de ciências ela tentava responder todas as minhas perguntas, e quando não conseguia me emprestava seus livros, isso era fantástico.

Posso dizer que o período nessa escola foi fenomenal, pois além de aprender sobre as informações básicas do ensino, aprendi sobre as relações, sobre as desigualdades, as professoras eram fantásticas, um ponto que não posso deixar de comentar é que a escola situa-se ao lado da APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) e a integração com todas as pessoas existia, estava vivenciando a inclusão, tive duas colegas surdas-mudas, eram as que mais conversavam nas aulas e não recorro de haver bullying com elas.

Mas o extinto animal ainda afluava, pois geralmente nas férias de verão meu pai nos levava (um amigo e eu) para o interior onde a pesca era uma das atividades básicas e as vezes a caça também, tanto que fazíamos manualmente estilingues para caçar passarinho.

Esses momentos terminaram com a finalização do Ensino Fundamental, muitos colegas foram para outras escolas e o Ensino Médio ingressei na escola técnica Cenecista, para fazer o técnico em contabilidade. Nessa escola conheci a professora de Biologia Nádia que me mostrou o laboratório de Biologia e isso chamou muito a atenção.

Como se tratava de uma escola particular, lembro de ter ganho meia bolsa e mesmo assim, meus pais tinham que pagar a mensalidade que era suada, então o pensava que o esforço deveria ser maior. Lembro que pela manhã tinha aula na escola, de tarde treinava futsal na associação municipal, estudava e jogava futebol com os amigos de infância e os amigos dos amigos, digo que tive um privilégio de andar por várias escolas de localidades diferentes, conhecer muitas pessoas, imagino que isso foi um diferencial.

Falando em dinheiro como estava no “2º grau” e meus colegas tinham um poder aquisitivo bem maior (muito maior), tinha vontade de ter roupas e tênis de marca, por sorte a escola tinha uniforme e isso não foi um problema, mas o capitalismo gritava.

Foi quando um dia ouvi no rádio que um supermercado estava precisando de empacotadores, convidei um amigo para irmos, enfrentamos uma fila no sol e fomos contratados.

Uma experiência indescritível, éramos empacotadores com um salário de R\$ 96,00 (noventa e seis reais), esse ano era 2001 e a moeda Argentina estava valorizada, acabávamos ganhando muito mais em gorjetas do que o próprio salário, foi um período importante de valorização.

Ainda na escola CNEC tive a oportunidade de participar do Grêmio Estudantil, e conheci um projeto chamado “Uruguaiana conhece tua história” onde estudantes de escolas públicas eram levados em um trajeto de ônibus para conhecer um pouco da história da cidade por meio de seus pontos e marcos, histórico e turístico. Foram momentos de aprendizado da cultura e de contato com pessoas de diferentes lugares.

Neste período, fui apresentado as feiras de ciências, chamadas de sarrandeio das águas, oferecida pela concessionária de distribuição de água da época (CORSAN), onde as escolas levavam os trabalhos dos alunos para expor, eram momentos de ver novos experimentos e conhecer novas pessoas.

Durante o ensino médio mais precisamente no segundo ano professora de biologia teve de se retirar da para um tratamento médico, para os

que gostavam da disciplina como eu, foi uma perda considerável. Nesse período despertei para leitura, pois a professora de literatura era minha tia (Glauce), lembro que não poderia fazer por menos e tive que me dedicar, na escolha do primeiro livro de literatura, pela ingenuidade (devido à novela) escolhi Tieta, tive um leve choque com o tamanho do livro, foram dois meses de leitura, porém, um trampolim para outras obras como Helena, Dom Casmurro, Isaú e Jaco, enfim aquilo que era um absurdo de adolescente, quem sabe, me direcionou para outros caminhos, ou seja, a ideia de tentar fazer e focar, tornou-se um diferencial.

Devido a muitos colegas estarem se organizando para prestar o vestibular surgiu o convite e a pergunta o que eu gostaria de fazer, em um primeiro momento creio que todos imaginavam que as opções seria contabilidade, administração ou quem sabe até matemática, pois era uma disciplina que eu gostava.

Porém, minha resposta foi Fisioterapia, pois quando no final do primeiro ano do ensino médio, em uma seleção (peneira) para poder treinar Futsal acabei torcendo meu tornozelo seriamente, fiquei 60 dias no fisioterapeuta, que era um ótimo profissional, aprendi muita coisa de anatomia e isso me despertou o interesse na profissão. Aqui faço um link com um professor de educação física que tive que era um ótimo treinador e ele lecionava tínhamos aula de anatomia era um grande diferencial.

Como segunda opção tinha a educação física, mas nenhum desses cursos havia na minha cidade, acabei prestando vestibular na cidade próxima de Alegrete, enfim, acabei aprovando, porém, fisioterapia era em Bagé e Educação física em Alegrete, na verdade, não tínhamos dinheiro para custear todas as despesas e surgiu a possibilidade de prestar o vestibular em Uruguaiana, onde imaginavam que eu iria escolher a contabilidade, optei pelas ciências biológicas ou medicina veterinária, segundo a minha mãe, seria melhor fazer na cidade, pois poderia ser mais fácil conseguir dinheiro para pagar o curso.

Estou falando do ano de 2003, onde se ouvia que o biólogo seria a profissão do futuro, mas na época ninguém sabia o que um biólogo fazia

(inclusive eu) e quase 20 anos depois apostaria em dizer que ainda não se sabe.

Ingressei no curso, fui acolhido por professores(as) e colegas fantásticos, o primeiro semestre passou e aí veio o primeiro obstáculo, o pagamento, a cada semestre além da mensalidade tinha a matrícula, aí quebrava qualquer família como a minha.

Durante o curso, percebi que havia a possibilidades de concorrer por uma bolsa de estudos, então comecei a estagiar em um laboratório chamado NUPILABRU (Núcleo de Pesquisas Ictiológicas, Limnológicas, Aquacultura da Bacia do Rio Uruguai) foi ali que aprendi coisas que dentro da sala de aula seriam impossíveis de serem ensinadas. Fiquei um ano estagiando voluntariamente, no término daquele ano recebi o final de uma bolsa de estudos de um formando, foram apenas 3 ou 4 meses, como auxiliava o projeto pude finalizar o estudo e ganhar a bolsa, lembro que eram R\$ 250,00 e uma alegria que não cabia num sorriso.

Por ter uma boa relação com os professores e com muitos colegas, ajudava em vários projetos de pesquisa e nas saídas de campo. Alguns meses depois, fui convidado para auxiliar na assessoria de pesquisa da universidade, era a possibilidade de recurso financeiro fixo e isso livraria a minha família das despesas diárias, foi um setor muito importante na minha vida. Acompanhava todas as pesquisas do curso de Ciências Biológicas, auxiliava na parte administrativa de organização de bancas de qualificação e defesas de monografias. Tinha como chefe imediato o biólogo Enrique Querol e o professor Marcus Querol estes foram e são amigos importantes nesse caminho, compartilhavam seus conhecimentos e histórias, momentos ímpares como eles mesmos dizem.

Nesse período fui apresentado aos representantes dos cursos para compor a representação da biologia e discutimos muito sobre os altos custos cobrados pela Universidade, lembro de passar pelos corredores e observar em uma sala de aula para 50 alunos a presença apenas de 3 alunos. Como estudantes pensávamos que uma simples postura da Universidade poderia deixar as salas de aula lotadas, bastava cobrar 50%

dos valores, acreditávamos que isso resolveria o problema das salas vazias, mas acredito que a Universidade não tinha essa premissa, nem fomos ouvidos.

Isso resultou em um manifesto acadêmico os alunos por dias trancaram a Universidade, como trabalhava para Universidade e, ao mesmo tempo era estudante, não deixei a força estudantil na mão, sempre após cumprir com minhas obrigações de trabalhador, ia fazer cumprir meus deveres de estudante, pois pensava que ali estava o dinheiro suado de muitas famílias, acreditava (em minha ingenuidade) que era dever da Universidade repensar os valores das taxas cobradas.

A moral dessa história foi de que não reduziram nenhum valor, mas renegociaram com os alunos que podiam e os outros provavelmente não conseguiram o sonho da graduação.

Para surpresa após as manifestações, ou melhor ao final daquele ano, fui chamado pelo meu chefe imediato que informou não conseguir mais negociar com a direção e devido as minhas participações na manifestação a Universidade estaria me dispensando. Foi um baque, mas em nenhum momento pensei que tinha feito algo errado, ali percebi, que a liberdade vendida pela Universidade era uma ilusão, como não era amigo do rei, voltei a estaca zero.

O fato de perambular por todos os cantos da Universidade e estar pronto para ajudar, posso dizer, que foi um diferencial, mais uma vez consegui finalizar um período de bolsa de um projeto em andamento, foi um projeto com monitoramento de animais silvestres atropelados em rodovias, trabalho que por hobby faço até hoje.

Logo após, os meses de férias, fui convidado pelos colegas veteranos a elaborar em conjunto um projeto para concorrer a uma bolsa de estudos, o projeto era sobre o monitoramento de arroios por meio da análise da fauna de macroinvertebrados aquáticos (insetos, moluscos, crustáceos). Cada veterano já tinha um projeto específico, relacionado com a pesquisa da monografia final do curso, embora minha pesquisa fosse com a biologia



alimentar de um peixe, esse projeto fugia de tudo que o laboratório já havia desenvolvido.

Depois de muita conversa de modo a convencer os meus orientadores (Enrique Querol e Marcos Querol) submetemos o projeto que foi aprovado e iniciamos parceria com o Pelotão Ambiental da Brigada Militar e com o IBAMA, para irmos aos lugares e fazermos as coletas.

Após as coletas tinham os trabalhos de laboratório a identificação dos organismos, tenho certeza que no primeiro dia que me deparei com uma infinidade de animais minúsculos dos quais não conhecia quase nada, iniciou uma grande aflição “não entrei em depressão, pois o tempo não permitia”, o material que tínhamos para identificação não era oportuno e nem o professor de entomologia (Vicente Simas) da universidade sabia identificar todos aqueles organismos, mas me oportunizou um estágio básico e ainda me passou o contato do professor Elio Corseiul que imediatamente me direcionou para outro professor da Universidade do Vale dos Sinos Gelson Luiz Fiorentin, que ao perceber toda minha aflição ofereceu-me estágio em seu laboratório.

Essa conversa (via e-mail) numa sexta-feira, e na noite deste dia na sala de informática da Universidade ouvi um grupo de estudantes dizer que estavam indo para a Universidade do Vale dos Sinos para um congresso e tinha vaga no veículo. Não pensei duas vezes e confirmei, só deu tempo de enviar um e-mail ao professor informando que estaria no laboratório na segunda-feira, onde fui recebido pelo amigo hoje Ricardo e pelo professor Norberto Strieder, foram sete dias intensos de muito aprendizado, dormia no alojado da Universidade e me alimentava durante os intervalos do congresso de informática que estava acontecendo (para economizar dinheiro).

Esse projeto me oportunizou desbravar uma área ainda não percorridos na nossa região, tive a oportunidade de aprender muito sobre os ecossistemas locais, a macro fauna e conhecer muitos pesquisadores e laboratórios onde fiz estágio como o laboratório de Carcinologia da Universidade Federal de Santa Maria com o professor Sandro Santos, o

peçoal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Como a professora Georgina Buckup, o peçoal da URI como o Professor Luiz Hepp, o laboratório de Limnologia da Fundação Universidade do Rio Grande (FURG) os professores Cleber Palma e Edétil Albertoni além do Laboratório de Insetos Aquáticos da Universidade Federal de São Carlos com a professora Suzana Trivinho Strixino.

Paralelamente as descobertas sobre os macroinvertebrados ajudava os colegas de laboratório e todo mês tínhamos coletas relacionadas aos estudos da ictiofauna da região, área que também me apaixonei, com a diversidade da fauna de peixes da região, essa parte da biologia contarei em um outra oportunidade, pois também existem inúmeros pesquisadores e amigos dos quais contribuíram com a minha formação. O projeto de monitoramento ambiental me garantiu uma bolsa até o final do curso (2006) e seguiu com outros colegas até o fechamento da Universidade.

Ao relembrar desse tempo, tive a ilusão de que os dias eram maiores, pois, fazia de tudo um pouco da limpeza e manutenção do laboratório, participação em cursos de sistemática de peixes, taxidermia de animais, atividade a campo auxiliando outros colegas na coleta de peixes (pesca elétrica, pesca com rede), saímos na quinta ou sexta-feira e retornávamos no domingo ou na segunda-feira, o veículo da universidade nos levava e nos buscava, quando o retorno era na segunda-feira, íamos direto para as aulas que ocorriam as tardes.

Em muitas vezes estudávamos em barracas em tempos chuvosos com frio, nos revezávamos para revisar as redes colocadas no rio. Os tempos de chuva e frio eram quase insuportáveis, recolher as redes na madrugada ou no amanhecer com geada eram momentos de resistência, quando falo no coletivo é porque fazíamos as coisas em grupo, dividíamos os custos, as tarefas a comida e sempre um ajudava o outro entre os colegas não posso deixar de citar o Alexandre (Catarina), o Luciano (Pato), o Thiago (Boca), Luciano, Edward, Claudia, Maykol, Diogo, Ivan (Marinheiro), André (Golden), das Colegas, Paulinha, Fernanda, Mahaussen, Jaciane, Sheila, Alexandra, Liane, Andrea, Juliane, Camila, Andriéli (nesse tempo conheci

o meu amor e parceira de vida onde desde então estamos compartilhando simbioticamente nosso conhecimento) e dos Mestres Enrique e Marcus, não posso deixar de mencionar os nossos salvadores, os motoristas, Rubens, Adão e Elton, Creio que nesse período aprendi a força e a importância do trabalho em equipe, com esse grupo íamos a um local chamado de Cantão na beira do rio Uruguai, frente com a Argentina, próximo ao Parque Municipal de Uruguaiana chamado de Formosa, nesse lugar aprendemos sobre um pouco da ictiofauna do Rio Uruguai, dos ecossistemas regionais e principalmente da importância de um grupo.

Estava sempre alerta e preparado para ir em qualquer saída de campo, pois a minha teoria era que “na última hora sempre alguém desiste”, além de todas as possibilidades locais regionais, tive a oportunidade de conhecer na época locais que jamais pensara em ir, como o Pro Mata (Centro de Pesquisas e Conservação da Natureza Pró-Mata), Aparatos da Serra, Litoral, Parque do Turvo, Região da Mata, Região Central, tenho quase a certeza que estava presente em todas as possibilidades de viagens e o mais interessante sem ter dinheiro.

Tudo era aprendizado, a unificação dos trabalhos de campo e de todo aprendizado eram consolidados nos salões de iniciação científica, durante o período da graduação participei de todos foram aproximadamente 30 apresentações de trabalhos, eram momentos que hoje chamo de “assustadores”, eram noites escrevendo, dias analisando dados, mais dias revisando, análises estatísticas, revisão sistemática, escrita, até a elaboração da escrita e depois tinha a elaboração do banner que era um horror de caro, como tínhamos uma equipe, descobrimos que a impressora do laboratório imprimia em formato de banner, projetava em 9 folhas, ou seja, nossas preocupações acabaram e a produção científica aumentou.

Diante de tantas informações tento situar-me no espaço-tempo, no ano de 2005 minha turma tinha como missão a organização de um evento que viria a ser a 5ª Semana da Biologia e chamamos de Semabio com o tema “Bioma Pampa o Futuro em nossas mãos”, esse evento construído

por estudantes despertou um amor pela minha terra que não consigo explicar, o Pampa acabava de ter sido oficializado pelo IBGE.

Lembro que entre os colegas de turma o nome do evento havia sido discutido, pois um grupo não queria, estavam cansados da temática porque havíamos passado parte do ano discutindo. Mas a postura foi de levar o conhecimento para a sociedade e não nos importar o que havíamos escutado ou estudado e o tema se fortaleceu, o evento contou com representantes do Ministério de Meio Ambiente, do Ibama, da UFSCAR, do Parque estadual do Espinilho e da Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul FZB (atualmente extinta pelo atual governo gaúcho), era para ser um evento local que tomou uma proporção fora de nossos alcances, diante da nossa simplicidade.

No ano seguinte (2006), fui convidado para participar de uma ONG chamada Maricá e no interior do município organizamos um outro evento denominado de 1º seminário estudantil, “O bioma Pampa na perspectiva regional” e nesse ano acabei fazendo um estágio no IBAMA, onde pude colocar a mão na massa, vivi a prática, e também percebi que o Ibama não tinha muita infraestrutura para atender a fauna, também vivenciei alguns experimentos de atender o IBAMA em parceria com a Universidade em projetos de análise do impacto das bombas de sucção sobre os peixes, nos deparamos com centenas de peixes triturados, foi onde observamos que desde o ano de 1982 já existia normativa técnicas que orientava os produtores de instalarem telas de proteção para evitar sugar os peixes, mais isso, se arrasta até os dias atuais.

Nesse período também, participei em uma audiência pública que previa a instalação de uma hidrelétrica na nossa porção do rio Uruguai, desse episódio lembro que a audiência terminou antes do fim e as outras audiências previstas não ocorreram até hoje.

Ainda em 2006 fui apresentado ao conselho municipal de meio ambiente de Uruguaiana onde comecei a participar como convidado, ali estavam muitas das pessoas importantes da área ambiental e social da cidade, um trabalho voluntário.

Assim foi a minha graduação, posso dizer que primeiramente fui acolhido em um Laboratório de Ictiologia pelos professores Airton, Marcus e Enrique esses me mostraram o caminho da ictiologia, no Laboratório de Entomologia o Professor Simas, mostrou a direção, no de Paleontologia o Professor Édson indicou os estudos com mamíferos, no Laboratório de Histologia as professoras Maria e Gilda mostraram outras possibilidades que poderiam corroborar com nossas pesquisas, no laboratório de Microbiologia e Parasitologia os professores Jorge e Picavea, ensinavam um microcosmos, no Laboratório de Bioquímica o professor Francisco, nos mostrava que não sabíamos nada de química e bioquímica menos ainda, e a única saída era ler, no Laboratório de Botânica a professora Gleice e o professor Galvani ensinavam o mundo vegetal. Não posso deixar de mencionar os professores, Selito, Eugênio, Flamarion, que mostraram a importância da educação o ato de ensinar e aprender. Enfim, fiz esse parágrafo para relembrar e frisar que não somos nada na vida sem nossos professores.

A formatura chegou, havia me tornado um profissional “do futuro”, ou o futuro havia chegado e com ele um profissional, desempregado, sem vínculo com a universidade, e, nessa altura bateu o desespero tinha muito tempo vago e nenhum caminho. Recebi minha última bolsa as férias chegaram, seguia indo na Universidade, mas como um “clandestino”, pois não tinha mais acesso.

Um dia sai da universidade (ano de 2007) e fui ao Curso pré-vestibular onde deixei meu currículo e ali lecionei por quase todo ano, manhã, tarde e noite, até que surgiu a possibilidade de concorrer a uma vaga para trabalhar junto ao IBAMA, era no administrativo, mas um sonho para qualquer biólogo, costumo dizer que neste lugar fiz amigos que fazem parte da minha vida, aprendi o valor da profissão para a sociedade e destes amigos menciono no biólogo Maurício de Souza que com os demais colegas aprendi realmente amar esse lugar chamado de Pampa.

Ainda em 2007 tive a oportunidade de estar presente no dia 17 de dezembro da solenidade que instituiu o dia do Bioma Pampa foi um evento

muito importante para nosso bioma. Na noite desse mesmo dia, recebi a notícia que uma das áreas mais importantes do Pampa o Parque Estadual do Espinilho estava pegando fogo, foram 150 ha, nesse momento percebi a fragilidade ambiental em nosso país.

No IBAMA foram quatro anos dos quais tive a oportunidade de seguir em contato com o meio acadêmico, conhecer cantos importantes do estado, além de conhecer todo rito administrativo de um órgão fundamental, participei de projetos relacionados a fauna, monitoramento de animais, soltura, encaminhamento para centros de tratamento, costume dizer que ali foi uma espécie de mestrado e também senti a verdadeira desvalorização ambiental desse órgão que sem dúvidas deve ser muito pior atualmente.

Nesse período paralelamente, participava de uma entidade civil Chamada Acudam (Associação Comunitária Uruguaianaense de Defesa ao Meio Ambiente) onde participava como suplente no Conselho Municipal de Meio Ambiente (Consemma), tive a oportunidade de participar da Comissão Binacional de Meio Ambiente Brasil-Argentina, onde e tive a honra de conhecer uma figura ilustre o Ambientalista Juraci Luques Jacques, ainda, desenvolvia atividades de educação ambiental e também realizei a minha primeira especialização em licenciamento ambiental.

Em 2011 acabei saindo do Ibama, pois havia passado em um processo seletivo para atuar em um projeto no município de Uruguaiana como coordenador ambiental coordenado pelo World Bank, uma experiência fantástica de consolidação da profissão, atuava em três frentes, desativação e recuperação do lixo municipal, aterro sanitário municipal e demanda socioambiental para com os catadores de resíduos da cidade.

Agora faço uma pausa, pois em agosto de 2011 recebi na sala onde trabalhava a visita do Sr. Juraci Luques Jacques que me levou uns livros, conversamos e ele me disse uma frase “ não podemos deixar o meio ambiente para eles” na hora não entendi, um mês depois da conversa, Juraci nos deixou, e gradualmente fui compreendendo o peso de sua frase.

No projeto da prefeitura de Uruguaiana trabalhava diretamente na Secretaria de Planejamento, neste local aprendi muita coisa, tive contato com pessoas importantes da região e do mundo como os consultores do World Bank, mas aprendi muito sobre a relação entre as pessoas, pois em um piscar de olhos a gestão municipal não quis atender as demandas do World Bank e cerca de 14 milhões de reais foram paralisados, e esse recurso era exclusivamente para a execução dos projetos mencionados.

Mesmo assim, tive a oportunidade de participar da elaboração do primeiro plano municipal de resíduos da Cidade de Uruguaiana construído em conjunto com a sociedade e com a voz dos catadores de resíduos, onde tive a oportunidade de conhecer muita gente dentre elas a Maria Tugira da Silva Cardoso, infelizmente este projeto finalizou no final de 2012.

Em 2012 acabei ingressando na universidade federal do Pampa para realizar a segunda especialização e nesse ano fui escolhido como presidente do conselho municipal de meio ambiente, lembro que foi me passado o bastão por um professor do qual admirava muito o biólogo Airton Batista que pediu para horar aquele posto. Tentei fazer o meu melhor, estar presidindo um conselho com profissionais dos quais sempre admirei, creio que não acontece toda hora. Neste período, pude me aproximar de professores da Universidade como o Dr. Francisco Renato Galvani, meu eterno amigo.

No conselho tentei honrar e modernizar, criamos uma página da “web”, criamos uma sua identidade, atualizamos resoluções as reuniões estavam acontecendo, posso dizer que fiz muitos amigos nesse colegiado, lamento muito a atual situação desde conselho, assim como a visão geral das administrações públicas, quanto as questões ambientais.

No ano de 2013 fui convidado pela administração do município de Uruguaiana/RS para ser diretor de meio ambiente, atuei junto aos setores de educação e licenciamento ambiental, na arborização urbana e junto ao setor administrativo, foi um momento muito importante de atuação profissional e principalmente de valorização da profissão tive experiências espetaculares com meus superiores e outras nem tanto, pude perceber na

pele que a importância do conhecimento técnico não está superior ao político. Nesse período, busquei auxiliar o município nos processos de licenciamento e regularização ambiental, na recuperação ambiental do lixão, na tentativa de aprovar projeto de um aterro sanitário e inserir os catadores de resíduos junto a coleta seletiva.

Desses projetos conseguimos dar início ao licenciamento ambiental de remediação ambiental do lixão, o aterro sanitário foi descartado pela administração devido não existirem recursos para a implantação e a coleta seletiva foi atribuída em parte as associações de catadores enquanto conselho de meio ambiente conseguimos ajudar uma das associações em adquirir uma área para instalar sua unidade de trabalho.

Aqui preciso fazer uma observação, pois acompanhei o caminhar de pelo menos 2 anos de uma catadora, onde sua associação havia sido contemplada com um projeto para construção de um galpão de reciclagem de resíduos, essa catadora levou meses para conseguir um local, pois os valores de cerca de 700 mil reais eram para instalação e deveria haver uma contrapartida do município seja financeiro ou na cedência de uma área, existiam muitas possibilidades, mas as portas da sociedade se fechavam, até que surgiu um local próximo ao lixão, por muito pouco os catadores não perderam o recurso, mas no final deu certo.

Acabei percebendo que a solidariedade “humana” precisa/va ser exercitada, pois, ninguém quer/ia um galpão de “lixo” próximo de suas residências, mas todos queriam se livrar do “problema” lixo.

Nessa época ressurgiu uma empresa que se propunha em receber todo o resíduo gerado pelo município para transformar em energia elétrica, falo em ressurgir porque foi a empresa que havia indicado para a administração anterior tal possibilidade, fazendo a administração perder recursos do Banco Mundial. Pois bem! a mesma empresa apareceu prometendo “mundos e fundos” e que daria uma contribuição financeira para as associações de catadores, depois da administração novamente perder tempo, nada foi efetivado.



Em 2014 participei de tantas comissões e conselhos que não sei como dei conta do conselho de meio ambiente e da diretoria de meio ambiente, foi um grande aprendizado. Pois, analisando percebo que não existe a possibilidade de um colegiado ser efetivo se os seus membros participam de inúmeras comissões e/ou conselhos, isso para mim se chama de enxugar gelo.

Essa situação estava me deixando muito triste, pois não conseguia desenvolver a política ambiental do município, não conseguíamos gerir o fundo de meio ambiente, este apenas atendia das demandas da secretaria. Consegui aguentar até agosto de 2015 quando percebi que não estava produzindo como um servidor para a sociedade e sim perdendo tempo, tentando ajudar quem não queria ser ajudado e assim me exonerei.

Logo comecei a prestar consultoria ambiental ao Instituto Sollo de Porto Alegre onde novamente tive a oportunidade de trabalhar com pessoas que admiro muito e desenvolver trabalhos importantes pelo estado. Algo estava faltando, percebi que a consultoria era importante pela necessidade financeira, mas a minha mensagem não estava chegando na sociedade, foi quando prestei seleção para uma especialização em educação ambiental na UFSM e fui aprovado, porém, devido há cortes financeiros o curso foi paralisado. No final de 2015, estava indo para casa e me encontrei com um grande amigo o professor Edward Pessano, quando desabafei que saíra da prefeitura e estava buscando me comunicar com a sociedade de forma diferente pela educação.

Foi nesse momento que ele informou que estaria havendo seleção para mestrado na UFSM no PPG em Educação em Ciências e a prova seria em novembro tinha dois meses para estudar. Prestei seleção, sendo selecionado e pude desenvolver no período de 2016 a 2018 uma pesquisa sobre o olhar dos estudantes do ensino médio a respeito no bioma Pampa e para a surpresa e tristeza constatamos que nossos estudantes não conhecem nosso bioma e ainda constatamos que os livros didáticos não contribuem para o conhecimento do Pampa.

Neste período, tive novas oportunidades como a de conhecer muitas pessoas e dentre elas eu destaco o idealizador deste livro o professor Ailton Jesus Dinardi, uma pessoa com amor pelo que faz e aposta na educação e nos conhecimentos locais.

No final de 2017 prestei seleção para o doutorado na UFSM e no primeiro semestre de 2018 na Unipampa, porém, não fui contemplado, mas no segundo semestre de 2018 fui selecionado e estou buscando me reformular a cada dia para compreender o afastamento da sociedade para com seu local e assim buscar alternativas que sejam atrativas para nossos professores desenvolverem atividades significativas ao interesse dos nossos alunos, em busca de uma conscientização mais ampla desse bioma que clama a cada dia.

Acredito que essas caminhadas se alicerçam em todas as pessoas que contribuíram e contribuem com seus conhecimentos, junto as minhas inquietudes e amizade, certamente não mencionei nem 1/3 das pessoas que passaram nessa trajetória e nem conseguiria, mas mencionei algumas das quais surgiram e espero poder representar todas de alguma forma.

Hoje ao refletir o passado revivo os momentos quando visito as escolas pelas quais passei, percebo a defasagem do sistema educacional, mas vejo nos olhos dos alunos a esperança que ainda tenho, de um dia ser melhor. Jamais fui o melhor aluno da sala, pelo contrário tive muitas dificuldades, sinto que a insistência foi o diferencial, jamais estudei pela obrigação aprendi a gostar. Ao olhar o passado e lembrar da infância e das brincadeiras das quais adorava jogar bola, relembro dos amigos que tomaram rumos tortuosos (as drogas) e daqueles que já partiram desse plano, por isso, acredito que a educação seja a melhor direção.

Neste mesmo caminho, manterei erguida a bandeira do meio ambiente como o amigo Juraci sugeriu e procurarei sempre honrar a premissa ambiental como os colegas do CONSEMMA sempre o fizeram, busco um novo olhar de uma sociedade que sonhe e conheça seu ambiente, procuro levar a ciência e/ou traduzi-la para essa sociedade, tendo como objetivo sempre em honrar os professores, a família, os amigos e você que nos lê

(uso o plural por acreditar no coletivo). Sonho em uma educação transformadora e igualitária para um meio ambiente visto pelo ângulo do pertencimento e que este seja o caminho da tão sonhada conscientização.

Quanto a pergunta “quem es tu guri”, ela surgiu muitas vezes nessas caminhadas, mas creio que a resposta já foi dada, sou o Luis, filho do João e da Gladis neto da Maria e do seu Preto irmão do Jean, apaixonado pela vida, pelo Pampa e teu amigo.

## Capítulo 7

### Quem tem fome, tem pressa

*Maria Tugira da Silva Cardoso*

Chamo-me Maria Tugira da Silva Cardoso, nasci na cidade de Rosário do Sul/RS e migramos para Uruguaiana a quase quarenta anos, em busca de melhores condições de vida e de emprego. Na época, com quatro filhos, casada, por conta da pouca oportunidade de emprego e meios de sustentar minha família, viemos para Uruguaiana, onde conseguimos mais um meio de sobrevivência; pois meu marido veio empregado, então viemos em busca de sobrevivência e oportunidade. Aqui em Uruguaiana tive mais três filhos e a situação financeira foi ficando cada vez mais difícil, sendo necessária a busca por diversos meios de sobrevivência. O lixão foi a nossa principal forma de obter o sustento familiar, porém nunca aceitei as condições desumanas, que faziam parte da realidade dos catadores.

Já trabalhei como doméstica e na época doméstica não ganhava salário mínimo, ganhávamos o que queriam nos pagar. Comecei com atividade de catar lixo muito antes dos atuais recicláveis, pois catávamos ossos, ferros ou vidros e vendíamos (minha cunhada e eu); naquela época não se vendia garrafa PET Após chegarmos do serviço juntávamos ossos e ferros para poder vender, e dar alimento aos filhos, visto que eu já tinha muitos filhos e minha cunhada cinco; nós trabalhávamos juntas para garantir o sustento de nossas crianças.

Saía também, nos finais de semana, com o finado meu marido para juntar ossos nos campos, e era nossa forma de sobreviver. Interessante que poucas pessoas hoje em dia sabem sobre o comércio de ossos que era

muito comum, pois antigamente os ossos eram utilizados para fazer louças, rações e farinha de ossos. Por um tempo a coleta de ossos foi um meio de sustento e de alimento para os meus filhos.

Como éramos catadores, passamos para o trabalho no lixão, localizado no bairro Nova Esperança. Acompanhei os lixões da cidade! Lembro um de quando depositavam lixo na beira do rio Uruguai, no lugar chamado de Cacareu, depois o lixão foi para a área do antigo DNER nas vilas Proficar, Promorar, Chácara do sol, Área Verde, Nova Esperança, União das Vilas e ali era conhecido como a vila das moscas. No último lixão da cidade, comecei a trabalhar na década de 1990, mas essa história, contarei mais a diante.

Em Uruguaiana, tudo era lixão, até que começou a comercialização de papelão, garrafa pet, plástico em geral, modificando a situação econômica, inserindo mais um recurso. Visto que já estava sendo proibida a venda de ossos, pois causava até mesmo mau cheiro nas proximidades e quando foi proibida, inserimos os recursos plásticos e o papelão em nossos negócios, aumentando em parte nossos recursos; foi uma novidade para nós o comércio destes.

Durante muito tempo, não nos dávamos conta do nosso trabalho para o meio ambiente, não tínhamos aquela atenção em relação às políticas públicas, sobre a importância do nosso papel perante a sociedade. Acredito que os catadores nem imaginam a importância da sua ação de preservação ambiental. Através da coleta e venda de materiais, por meio da reciclagem, é possível atribuir novamente para o mercado, recursos que seriam descartados na natureza. A escassez era tanta, que os catadores não tinham tempo e nem forças para pensar em si mesmos, ainda mais em meio ambiente; todos os catadores sem saber, sem ao menos se dar conta dos benefícios de suas ações para com o meio, todos estes homens, mulheres, jovens e crianças, deveriam ser mais valorizados.

Agora em tempos de pandemia, ocorre o distanciamento social, porém o distanciamento social sempre ocorreu de certo modo, sempre nos

sentimos um povo separado da sociedade. Podemos parar e pensar e vermos o quanto sentimos na pele o preconceito e a exclusão, então a pandemia só refletiu aquilo que já acontecia constantemente. Na verdade, somos poucos os catadores que lutam para um resgate social e inserção da cidadania, e ainda somos muito subestimados, até mesmo pelos próprios catadores, que já se acostumaram em condições desfavoráveis por toda a vida, então não possuem mais nenhuma expectativa de vida.

Quando nós começamos os trabalhos de coleta no lixão no bairro Nova Esperança, disputávamos comidas com as vacas, porcos, e com todos os animais que estavam ali em cima do lixão, era uma grande quantidade de pessoas. Temos famílias que ainda trabalham no antigo lixão e são sustentadas a mais de quatro gerações pelo lixo. A tendência era só piorar, quando o lixão mudou para este local atual na pedreira, pois o desemprego era maior, as pessoas sem recursos de estudo e sem emprego vinham para o lixão.

As mães ganhavam os filhos, criavam os filhos, e os filhos criados tinham novos filhos, e assim podíamos considerar o lixão como uma parte desconhecida de Uruguaiana. Ao vermos relatos sobre a miséria da África e outros países, não ficávamos espantados, pois já era a realidade que estávamos vivendo aqui no país. Eu comecei a pensar em mudar aquela situação, e pensava: “nem que o lixão feche em um dia e eu morra no outro, eu estaria feliz”. Aquela situação começou a me tocar e incomodar profundamente.

Nós nos sentíamos como “bichos isolados da sociedade”! Nem em época de política (eleições), tínhamos um olhar voltado para nós, eles não entravam no lixão devido ao preconceito. Na verdade, quando eu comecei o movimento social dos catadores, no ano de 2000, começamos bem devagar porque naquele tempo a gente tinha medo das autoridades. Começamos a lutar, aprender a reivindicar nossos direitos como pessoa, cidadão e trabalhador.

Comecei a organizar o pessoal em cima do lixão para fundar uma associação. Nesta época comecei a coleta seletiva em Caxias do Sul com

festivais do lixo, eu participava e ficava pensando: “se tem lá porque nós não podemos fazer aqui”. Então começamos a organizar aqui em Uruguai-ana, embora as pessoas não acreditassem, pois eram descrentes e sem esperanças até nelas mesmo, não acreditavam no seu potencial de fazer outra coisa a não ser catar o lixo, vender, usar drogas, dar alimento aos filhos e voltar ao lixo. Era um ciclo vicioso que existia em cima do lixão, pois tudo que eles queriam, era só do lixo que vinha.

Eu dizia para o pessoal do lixo:

-A gente trabalha muito e nos judiamos tanto aqui no lixão, então pensei, vamos vender o que nós estamos produzindo aqui!

Mas não adiantava! A convivência do lixo já era cultural ali. Então comecei a ler todos os livros que eu encontrava no lixão; olhava todo aquele monte de gente, porque era muita gente, muita criança, muito adolescente e muita família. Eu olhava lá do meu barraco e pensava, mas o que eu posso fazer? E dizia comigo mesma:

-Se eu parar vai ser pior, e alguém terá que fazer alguma coisa, e não sei no que vai dar, mas eu vou fazer, eu vou tentar!

Então comecei no processo de conscientizar as autoridades e o grupo de pessoas do lixão. Eu acho que lidar com o povo era ainda mais difícil, pois quando se lida com pessoas que não acreditam em mais nada; os mais antigos mesmo não acreditavam em mais nada, pois já haviam sido feitas muitas promessas.

Havia muitas tentativas de fechar o lixão, porém não adiantava ordenar as regras, se não oferecesse uma solução para o nosso trabalho. Estávamos trabalhando conforme a Lei nº 12.305 de 2 de agosto de 2010, que instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos; então com medo de fechar o lixão, eu ia na prefeitura perguntar como ficaria a situação caso o lixão fosse fechado, se teria algum abrigo social. Na época, mandaram ainda uma assistente social omitir a quantidade de pessoas inseridas no lixão, como sendo o total de 17 pessoas no relatório. Era um relatório com a intenção de esconder a quantidade de gente que trabalhava no lixão.

Eu fui à defensoria pública e solicitei que eles fossem lá ao lixão, ver a degradação de pessoas, crianças, era uma degradação humana. Todo trabalho é digno, eu lutava, não pelo fato de as pessoas trabalharem no lixão, mas sim pela forma e condições de ambiente cruel que vivíamos.

Eu encontrei uma agenda da PUC (Pontifícia Universidade Católica) no lixão e comecei a organizar reuniões lá no meu barraco. Com eles sentados eu começava a falar, chegava o caminhão do lixo, saía todo mundo correndo e me deixava falando sozinha. Alguns catadores diziam:

- O lixo não vai acabar nunca, essa velha está mentindo, essa velha quer roubar para ela e para a família dela.

Com o passar do tempo, foi ficando cada vez mais difícil, porque era uma grande quantidade de gente que frequentava o lixão; pois antes éramos todos conhecidos, mas com o aumento do desemprego, começou a chegar pessoas que buscavam o lixão para usar drogas, refugiados da polícia, e o lixão começou a ficar perigoso. Nessa época parece que as famílias começaram a se conscientizar mais, talvez pelo medo, por conta do público que buscava recursos através do lixão que não era mais o mesmo.

Em 2005, fecharam o lixão. Entrou uma empresa cooperativa, que absorveu metade dos catadores, que foram inseridos na empresa, porém, metade ficou sem trabalho e descoberto de tudo. A empresa colocou alguns catadores na esteira, outros como encarregados, e começou muito mal, pois o certo era iniciar com uma formação aos catadores. Eles saíram do lixão após um ciclo vicioso de anos, não sabiam ler, não conheciam nada, a vida deles era o lixo, e entraram na empresa sem saber administrar seu setor de trabalho, sem saber ler e até mesmo administrar a própria vida.

A prefeitura então assinou um convênio com a cooperativa, que iniciou sua produção, em média com cinquenta e sete catadores. Porém não deu certo, pois os catadores não receberam nenhuma formação para manuseio das máquinas e administração do espaço de trabalho inserido. Após três meses, vários catadores foram saindo da cooperativa e a má gestão acabou resultando no fechamento da cooperativa e, vários equipamentos



e máquinas foram desativados e o galpão que era todo metálico desmontado.

Eu não cheguei a entrar na cooperativa, porque não me permitiram ler o estatuto ou o seu regulamento, me consideraram “meio esperta” e me recusaram. Tinha curiosidade de entender tudo que estava acontecendo, pois, a cooperativa decretou o fim do lixão. Eu queria ver a documentação, o regimento, os benefícios, direitos e deveres dos catadores.

Foi nesta época que comecei a trabalhar de carroça na cidade com meus filhos, até a fundação da Associação de Catadores de Lixo Amigos da Natureza (ACLAN). A única coisa que eu pensava era fechar o lixão, para que as pessoas percebessem que poderiam ter um novo meio de subsistência.

No final da década de 1990, comecei a ser mais participativa em atividades nacionais relacionadas aos Catadores e o sonho de ter a profissão valorizada, de forma coletiva aumentou. Comecei a organizar os colegas catadores que moravam no lixão, onde já estavam na quarta geração em cima do lixo, muitos não conheciam nem o centro da cidade. Nesse caminho ajudei a iniciar outra associação, porém não me identifiquei e retornei ao lixão, começando uma ação mais forte de aproximação dos catadores e com muita dificuldade consegui fundar a ACLAN em 2009.

Entre 2013/2014 consegui muitos cursos e projetos para meus associados, mas fui conseguir a estrutura de sua sede apenas no final de 2014, depois de muito esforço, conseguindo em 2015 administrar o espaço.

Devido ao fechamento do lixão, o município de Uruguiana, por força de lei começou a enviar o lixo para um aterro sanitário em outra cidade e em 2013/2014 contratou a ACLAN para fazer a coleta seletiva em parte da cidade.

Hoje abrigamos na ACLAN cinquenta e duas famílias, e até chegarmos aqui foram mais de dez anos e posso dizer, que diante de todo processo de organização, visando à visibilidade de todas as pessoas que trabalhavam no lixão, vimos a falta de apoio dos órgãos públicos. Pois eu

procurei todos os órgãos públicos de Uruguaiana, não havia nem secretaria do meio ambiente, em busca de regulamentar meu projeto. Embora eu buscasse apoio dos órgãos públicos, não éramos bem ouvidos, e a sensação de invisibilidade era cada vez maior. Era muito triste ver as pessoas morrendo no lixão, em situação de vulnerabilidade, fazendo “carreteiro de cavalo” para dar aos filhos, disputando alimento com os animais para alimentar e sustentar as famílias.

Durante essa época de formalização da associação, o meu objetivo era estruturar a ACLAN, no espaço onde desativaram a cooperativa. Mas não consegui, não teve jeito! Então conseguimos uma verba para estruturar o projeto, através da Secretaria de Economia Solidária do Estado do Rio Grande do Sul. Eu pertencia ao conselho desta secretária que não existe mais, e consegui a verba para investir, porém, não havia um local para construir a associação.

Minha intenção era ocupar algum lugar que estava parado, para iniciar o projeto, mas acredito que era por conta do preconceito; pois como uma catadora luta e consegue em torno de setecentos mil reais em 2006, pensando em coletivizar um projeto de coleta seletiva? Foi então o início de uma nova luta, outra caminhada.

Em meio a tantos lugares obsoletos pertencentes à união, estado ou até mesmo ao município, foi uma luta para conseguir um lugar. Foi necessária a construção de um dossiê, escrito, com detalhes e abordagens gerais sobre o lixão, para conseguir verbas para a estruturação do espaço e da compra dos equipamentos.

Nesta época conseguimos também uma verba em torno de trezentos mil, pelo Ministério do Trabalho e Emprego, ou seja, ao todo foram resgatados em média um milhão de reais, para a construção da ACLAN. Conseguimos ainda outras pequenas verbas para o processo de formação dos catadores em coleta seletiva, formação em autogestão; onde tivemos uma equipe multidisciplinar direcionada pela fundação luterana, sob supervisão do projeto catadores em rede enviado para a fronteira oeste.

Eu tentei manter meu caráter e perseverança frente aos órgãos públicos da cidade de Uruguaiana, em meio a tantas buscas sem sucesso eu sempre tentava manter meu interesse e disposição no projeto. Foi uma experiência muito burocrática, eu queria somente um espaço para iniciar meu projeto, como uma solução para o sustento de várias famílias; meu pensamento nunca foi individualista, sempre foi voltado no coletivo.

Hoje, as pessoas me perguntam se eu tenho consciência da minha importância na sociedade, eu digo que até tenho noção, porém minha luta é pelas famílias. Durante minha caminhada, recebi então uma proposta de emprego na prefeitura pelo núcleo de assistência social. Eu respondi:

-Até aceito se todos os catadores que estão naquela degradação, tenham a mesma oportunidade que eu, caso só tenha vaga para mim, não aceito.

Ainda assim, eles diziam que o restante dos catadores nem se importariam com o meu trabalho na prefeitura, acredito que esta proposta veio como uma forma de interromper minhas ideias; eu disse para a secretária que meu sonho anteriormente era ser empregada da prefeitura, porém eu não poderia permitir, que meus netos, filhos, filhos de vizinhos continuassem naquela situação desfavorável do lixão.

Hoje a ACLAN segue avançando, conseguimos a conscientizar as famílias, no sentido de que elas precisam acreditar na educação, na busca de uma realidade de vida e condições de um mundo melhor. Também foi possível conscientizar as mulheres sobre os seus direitos, hoje olhando para o que passamos; podemos observar os avanços.

É muito difícil administrar o espaço como uma associação de catadores, pois hoje em dia não temos verba, nenhum apoio, então se não tivermos um convênio mínimo com o governo municipal, a gente não sobrevive. Recebemos um repasse do município e o material reciclado é vendido. Os catadores dividem os recursos adquiridos, para manter as despesas mensais familiares. O catador não tem fome somente da comida, mas também de conhecimento, visto que alguns jovens estão inseridos no lixão por falta de oportunidade de emprego.

Alguns dizem que Uruguaiana possui universidade pública, mas até entrar no caminho para conquistar é muito difícil; muitos dizem que os catadores não mudam hoje em dia porque não querem, mas a realidade de vida é difícil para quem não tem nenhum grau de instrução.

Hoje quando vejo os catadores da ACLAN expor suas ideias na reunião, fico muito feliz, eu digo sempre que eles precisam ser protagonistas das histórias deles, garantindo os seus direitos primordiais.

Eu tenho passado aos catadores, que após a pandemia o trabalho será muito pior, visto que as vendas de diversos setores estão sendo substituídos do presencial para online, até mesmo as aulas estão sendo online; então os catadores terão dificuldades em aprender a utilizar novas tecnologias para sustentar os meios de sobrevivência. Hoje em dia, por exemplo, as redes de supermercados já possuem seus sistemas de reciclagem de materiais, então atualmente estamos competindo com as grandes geradoras; situação complicada para nossa profissão, pois não temos condições para competir com empresas de grande porte.

Em síntese, a ACLAN é a associação de catadores de lixo amigos da natureza, instituição sem fins lucrativos em um projeto de inclusão social; fundada por mim no ano de 2009 e para finalizar posso dizer que ainda não conseguimos ter uma margem de lucro, pois gastamos bastante com manutenção dos equipamentos de trabalho, veículo, motorista etc. Contudo já vivemos um grande avanço total, comparado à situação de anos atrás, hoje podemos dizer que a ACLAN é uma grande conquista coletiva.

## Capítulo 8

### Registros da dimensão ambiental na docência

*Álvaro Luís Ávila da Cunha*

Uruguiana, inverno 2020

#### Prólogo

Recordar: *Del latin re-cordis, volver a passar por el corazón* (GALEANO, 1989, p.1).

Foi fácil aceitar o convite para escrever e, neste caso, um compromisso profissional com o idealizador e coordenador da especialização em Educação Ambiental na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). Grato por tudo, professor Ailton.

Por outro lado, está sendo difícil começar. Gostaria de chamar cartografia este ensaio biográfico – um mapa, mostrando por onde andei e como me constituí professor de Educação Física (EF) que trabalha a dimensão ambiental e, por uma razão conceitual, não ficou à vontade com a denominação educador ambiental. Li em Foucault que não interessava o que as coisas são, uma definição; mas como se tornavam o que são.

Ao apresentar os caminhos, trilhas e cenários de minha docência não busco conceituar nem justificar as práticas pedagógicas construídas nos últimos trinta anos de ofício, embora estas ideias me assombrem.

Ser professor da educação pública em nosso país, neste final da segunda década do século XXI exige resistência e profissionalismo. Em um ano fomos nomeados por ministros da república de doutrinadores, esquerdopatas, vagabundos, maconheiros e parasitas. É deste contexto, até

certo ponto miserável do ponto de vista político e moral que nasce esta narrativa, em pleno distanciamento social, com mais de mil pessoas morrendo por dia da Covid-19, um milhão de contaminados, ensino remoto, fuga do ministro da Educação, um mês sem titular no Ministério da Saúde.

Talvez ao apresentar a versão da história deste professor possamos ver nesta, um pouco da história da educação brasileira e do próprio país onde vivemos que, como disse, condiciona a escrita. Como chegamos a ser este país que somos?

### **Registro familiar**

Poderia começar por qualquer fato, qualquer evento, rotina, recordação e tenho certeza de que este caco de memória pinçado ao acaso de minha vida pregressa conteria os elementos básicos necessários para identificar ali, naquele momento, a constituição de uma determinada docência; um comportamento, uma forma de se posicionar no mundo social indicaria a professoralidade latente.

Uma das imagens que me assaltam quando busco entender o professor que sou é a hora do almoço, durante minha vida escolar: Recordo a mesa onde nos encontrávamos ao meio dia para a refeição, nós a família, mãe, pai e dois irmãos. Vínhamos de universos diferentes. Seu Antônio, era dono de farmácia, o que lhe ocupava toda a manhã e a perspectiva do trabalho à tarde e à noite o tensionava a tal ponto de não falar, ficava quieto em seu silêncio opressor, afinal na mesa não era lugar de brincadeira. Dona Odete vinha das ocupações da casa, sempre tão necessárias para manter o ambiente limpo e organizado e, ao mesmo tempo, se preparando para assumir a função de professora no turno da tarde, o que a deixava rápida em seus movimentos, sempre servindo alguém ou oferecendo mais um pedaço, uma porção disto ou daquilo; ao lado dela meu irmão mais novo sempre atento, mais guloso de palavras e gestos, do que de alimento. Ele se divertia muito com meu irmão mais velho que sentava na cabeceira oposta à de meu pai, o primogênito possuía uma rejeição à autoridade que

se amplificou durante o serviço militar. Logo, o clima tendia a desequilibrar-se facilmente em contato com a autoridade patriarcal.

Eu sentava em frente à minha mãe e de costas para a televisão que permanecia ligada no canal 12 – RBS, o tradicional *Jornal do Almoço*, antes durante e depois da refeição.

Nesta configuração familiar, se destacava o meu dever de harmonizar um ambiente tensionado pelos vários vetores que compunham minha mesa de refeições. Tentava entender o que acontecia, quais motivações animavam aquelas pessoas que eu devia amar, pois tínhamos que conviver; um ambiente que o escritor Caio Fernando de Abreu chamou de “neurótico aconchegante”.

Este registro de família talvez explique em parte minha conduta na profissão e nas demais dimensões sociais. Conciliar interesses, evitar injustiças e algo que despertou um pouco mais tarde, na vida acadêmica – transformar o mundo, ajustá-lo aos interesses da maioria das gentes deste planeta. Outro aspecto importante nesta construção era o fato de minha mãe e minha tia, presença constante neste período, serem professoras que exerciam a profissão de forma envolvente, tornando o magistério algo próximo, familiar, não desconhecido e, conseqüentemente, lugar que me deixava seguro e me agradava. Somado a isto, possuía um interesse frenético pela atividade corporal (jogava tudo, a qualquer hora) o que fez com que no segundo ano, do hoje, Ensino Médio, declarava aos meus colegas de turma: serei professor de EF.

Aos 21 anos de idade já tinha alcançado meu sonho de adolescente, só que durante a graduação meus sonhos, necessidades, vontades e motivos haviam se multiplicado. Efervesceram utopias e paixões que não conseguiam ser aplacadas, estava em pé de guerra e louco para exercer a docência.

### **Registro graduação**

O ano era 1983 e entrava na universidade com o desprezioso objetivo de me formar professor e treinar um time de handebol, de

preferência na escola em que havia concluído o “2º Grau”. Então a vida resolveu diferente e ingressei na faculdade junto com uma das maiores greves estudantis da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Os estudantes queriam transporte gratuito para o campus e restaurante universitário subsidiado. Só mais tarde percebi que o regime militar estava exaurido e não conseguia manter as políticas públicas adequadas às necessidades educacionais do país. Continuamos sendo um dos países com maior *déficit* educacional do planeta. O movimento estudantil também percebia o momento de pressionar a ditadura de quase duas décadas no Brasil. E, naquela época, gritávamos “Vai acabar! O quê? Vai acabar! O que? A ditadura militar...Oba!!”

A luta contra a privatização do ensino foi apenas o início de uma década de confrontos com as instituições governamentais que travaria. A greve foi longa e o aprendizado radical, era natural para mim participar de todas as reuniões, assembleias, seminários e “papos furados” que envolviam o movimento e que me fez dividir um apartamento com outros quatro colegas, pois residia em Rio Grande, 60 Km de Pelotas.

Devido a toda esta participação, ainda enquanto calouro, fui eleito presidente do diretório acadêmico do curso de EF. Minha formação na universidade foi dedicação exclusiva à vida acadêmica. Neste ambiente encontrei os valores essenciais para minha prática profissional e atuação na sociedade, que sob meu prisma caracterizava como capitalista, injusta e bélica. Assim como Adorno, acreditava que o foco maior da ação educativa seria desbarbarizar as relações sociais e todos os demais objetivos educacionais ficariam em segundo plano:

A tese que gostaria de discutir é a de que desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia (...) Entendo por barbárie algo muito simples, ou seja, que, estando na civilização do mais alto desenvolvimento tecnológico, as pessoas se encontrem atrasadas de um modo peculiarmente disforme em relação a sua própria civilização – e não apenas por não terem em sua arrasadora maioria experimentado a formação nos termos correspondentes ao conceito de civilização, mas também por se encontrarem tomadas de uma agressividade primitiva, um ódio primitivo ou, na terminologia culta,



um impulso de destruição, que contribui para aumentar ainda mais o perigo de que toda esta civilização venha a explodir, aliás, uma tendência imanente que a caracteriza. Considero tão urgente impedir isto que reordenaria todos os outros objetivos educacionais por esta prioridade (1995, p. 155).

Inúmeras foram as reuniões, projetos, cursos, grupos de estudo, semanas acadêmicas, organizados por nós, naqueles três anos de graduação, digo nós porque éramos um grupo significativo de colegas que passaram a se chamar companheiros/as e juntos/as tentavam construir referenciais políticos pedagógicos em um contexto de autoritarismo institucionalizado. Desta forma, acabamos com o uso de uniforme obrigatório e a separação por sexo nas ditas aulas práticas de nosso currículo tecnicista, mas a luta pela democratização da universidade significava a batalha pela democratização do país. Lembro de ginásios lotados de jovens, grandes passeatas e românticas palavras de ordem, desta forma revivíamos um pouco o não vivido em maio de 1968.

Ainda creio que a qualidade de uma formação depende muito deste currículo paralelo que construímos, nestes espaços de socialização e convívio com o diferente. Esta pluralidade capacita o futuro professor a ficar à vontade frente uma turma de vinte ou trinta estudantes, relacionando-se com esta biodiversidade cultural enriquecedora para o processo pedagógico, tal como a biodiversidade dos ecossistemas, necessária para manter seus ciclos em equilíbrio dinâmico.

Fizemos parte de um movimento, na década de oitenta, que refletia práticas pedagógicas e concepções epistemológicas para a EF. Variados eventos ocorriam por todo o Brasil na perspectiva de repensar os conceitos em relação às práticas corporais e o corpo.

Este clima de efervescência era reflexo do próprio momento político. O regime militar não conseguia reprimir as necessidades democráticas da nação e o modelo econômico adotado pelo regime, que seguia cegamente os interesses internacionais, deixava muito a desejar.

Todos/as educadores/as procuravam neste momento outros referenciais, discutir teóricos proibidos e exilados, entre eles o marxista cristão

Paulo Freire. Afinal quem era aquele encantador professor anunciando que educar era um ato político e a Educação deveria se dar como prática da liberdade?

A EF, mais do que outras disciplinas, estava com sede de novos horizontes, até mesmo porque trazíamos em nossa matriz genética o militarismo cujo corpo disciplinado é fundamental no combate.

Valores como competição, individualismo, mecanização, rendimento, treinamento e *performance* foram colocados em xeque. Não podíamos encarar o corpo sob o ponto de vista hegemônico. O corpo obediente e maquínico, seria substituído pelo corpo autônomo e sensível; rompendo a visão dualista, nascida na ciência moderna, entre corpo e mente e que sujeitava o primeiro ao segundo. O corpo deixava de ser a casa ou casca onde residia o humano, assumíamos uma visão de pessoa integral, sem divisões e hierarquias. O corpo passou a ter memória, inteligência e afetividade. O processo de ressignificação poderia ser resumido no tema do I Encontro Gaúcho de Estudantes de Educação Física (EGEEF): O que é EF? Assim, procurava-se outra gênese, uma primeira resposta, negando o que até então nos era oferecido pelas Escolas Superiores de EF.

O perfil do professor de EF sofreu uma sensível alteração. Novos conteúdos e práticas pedagógicas começaram a constituir o cotidiano dos pátios, quadras e salas de aula; ruas e praças foram incluídas nos roteiros do trabalho. O ambiente em que a comunidade escolar ou universitária estava inserida deveria fazer parte dos currículos e, como professores formados para o espaço aberto, nos encontrávamos em posição especial para realizar estas jornadas socioambientais.

Conseguimos entender mais nossa função no contexto escolar e social, assim como o valor das aprendizagens e saberes do corpo na construção do conhecimento, rejeitando o papel secundário que ocupávamos, na maioria das vezes visto enquanto espaço onde estudantes aliviam as tensões das estruturas escolares com o jogo, a ginástica e, na época, com os ensaios de ordem unida para o desfile de 7 de setembro.

Paralelamente a esta “renovação” conceitual e praxiológica vivida na área, uma concepção corporal começava também a ser incrementada na sociedade mundial, principalmente pelo aparato midiático que transformava o corpo em objeto de consumo. Cunhou-se o termo geração saúde, um retorno modernizado da concepção higienista que via na saúde o único motivo para as práticas corporais. Só que desta vez, este apelo ao corpo significava e ainda significa um aumento de consumo. Proliferaram academias de ginástica e musculação; e um novo mercado se abriu na área. Este foi resumidamente o contexto de minha graduação que se encerrou junto com a campanha derrotada das *Diretas Já!*

### **Registro professor**

Finalmente podemos perguntar: como a escola organiza e transmite as representações do urbano? Qual o lugar dos lugares de memória nos processos educativos escolares? É preciso que perguntemos: que cidade estamos, ontem e hoje, dando a ver/ouvir/sentir/cheirar aos nossos estudantes? (FILHO, 2006, p.118)

Os primeiros anos de professor foram divididos entre duas escolas particulares e uma academia de musculação. O trabalho nas escolas havia conseguido depois de apresentar um projeto de ensino para a disciplina de EF a todos os estabelecimentos particulares na cidade do Rio Grande. Não sei se pelo projeto ou pelo entusiasmo com que falava, fui contratado. Acabei me envolvendo no sindicato e depois com a primeira greve de professores particulares. No final do segundo ano fui despedido junto com mais vinte e cinco colegas. No ano seguinte, ingressava no magistério estadual por concurso e, novamente, as greves.

Minha atuação na Educação Básica procurou sempre ir para além da perspectiva esportiva, marca registrada da EF escolar, potencializando as práticas corporais alternativas e as caminhadas pela cidade, começando pelo bairro da escola e depois por trajetos e locais significativos do ambiente geográfico, histórico, biológico, artístico e todas as demais

possibilidades transdisciplinares e socializantes que nos permite esta técnica pedagógica. Um trabalho visando cooperação, espontaneidade, descondicionamento e estima corporal, pertencimento e qualidade de vida.

Depois de dez anos de docência, volto a estudar e ingresso no curso de mestrado na Faculdade de Educação da UFPel, me afastando da docência. Havia trabalhado seis anos em escolas rurais de difícil acesso, o que me sensibilizou ainda mais aos ambientes menos impactados pela ação do humano, para além do referencial urbano. As caminhadas por ambientes de rica biodiversidade se tornaram mais longas e passaram a ocupar mais meus planejamentos escolares. A dissertação tratou da televisão, críticas e possibilidades de seu uso no campo educacional e realizei junto aos alunos de uma destas comunidades. Depois de um semestre de encontros onde estudávamos e assistíamos estímulos televisuais, montamos o vídeo *Imaginação* que encadeava imagens produzidas pelos estudantes do ambiente “natural” e da cidade, mostrando o paradoxo entre uma e outra realidade. O apelo as questões ambientais foram evidentes nesta produção.

Entre os anos de 1999 e 2002 atuei na Coordenação Pedagógica da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), em Rio Grande, onde assessorava quarenta e nove escolas distribuídas em quatro cidades. As políticas públicas desenvolvidas pelo governo democrático e popular eram caracterizadas pela participação direta, pelo diálogo com as comunidades escolares buscando radicalizar a democracia de baixa intensidade até então oportunizados por governos anteriores.

Esta dinâmica nos fazia visitar no mínimo três vezes ao ano cada escola, cada cidade e comunidade abrangida pela 18ª CRE. Foi essa experiência que me possibilitou mais entendimento de minha região e o significado geográfico/histórico de viver em uma restinga, em uma planície costeira gigantesca, cercada de mar, lagunas, canais, marismas, arroios, campos, dunas e imensos banhados. Compreendi melhor uma das categorias mais caras ao ambientalismo, qual seja o pertencimento.

Durante os quatro anos, prosseguimos o projeto de Educação Ambiental entre a 18ª CRE e a Universidade Federal de Rio Grande (FURG),

através do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PGEA), com a coordenação do professor Sirio Lopez Velasco. Foi meu primeiro contato com a proposta ecomunitarista no campo de formação de professores; os caminhos escolhidos coincidiam com a metodologia da Constituinte Escolar, política pública prioritária para renovação dos currículos, que anos mais tarde seria objeto de minha tese *Constituinte Escolar como processo político pedagógico e sua dimensão ambiental*; também no PGEA sobre orientação do mesmo professor Sírio.

No projeto eram apresentados às/aos educadoras/es a problemática ambiental e o aprofundamento teórico com textos, debates, seminários e palestras. Logo após, educadoras realizavam uma pesquisa socioambiental em suas comunidades e, a partir dos resultados, construíam projetos de intervenção escolar. Houve desde os tradicionais e necessários projetos de reciclagem do lixo até propostas interdisciplinares para o currículo.

Saio da 18ª CRE e atuo mais alguns anos no magistério estadual.

Nestes dezoito anos de Educação Básica, a dimensão ambiental sempre fez parte de minha prática pedagógica. A seguir, apresento uma síntese de como esta dimensão foi trabalhada em diversos contextos escolares na cidade do Rio Grande.

*Entendendo o Planeta e Construindo Identidade*, assim comecei a chamar o projeto que desenvolvia na disciplina de EF e seguramente foi a ação mais consequente em termos de Educação Ambiental por mim desenvolvida. Foi dentro deste projeto que criei o *Circuito das Águas*, uma série de caminhadas urbanas e pequenas expedições aos distritos do município que capacitavam o estudante entender as características principais de nosso ecossistema predominantemente aquático.

A cidade do Rio Grande é uma típica península, cercada de águas e por esta configuração geográfica as escolas urbanas ficam próximas aos mananciais hídricos, possibilitando que 90 minutos fossem suficientes para chegar e voltar destes locais. Quando visitamos o Balneário Cassino, a Ilha dos Marinheiros ou o município vizinho de São José do Norte precisávamos de um turno ou dois, e para isto utilizávamos o sábado.

Se andarmos 2km para leste encontramos o Saco da Mangueira ou a Ponte dos Franceses, passando pelos bairros Lar Gaúcho, Navegantes e Sta. Tereza; dois Km na direção contrária e surge a frente o Porto Velho, o Mercado Público e o cais, mais dois Km para a direita, cruzando o “Cedro” bairro Getúlio Vargas o Porto Novo detém nossos passos, nos resta os antigos clubes Honório Bicalho e Regatas para observar o canal da Laguna dos Patos, do outro lado a cidade verdadeiramente vizinha de São José do Norte; e se finalmente a intenção for sair “pelo seco” do centro histórico será necessário atravessar um canaleta, quase ilha. (Manuscrito em agenda datada daquele período)

O circuito teve como foco apresentar a cidade aos educandos/as a partir de novos pontos de vista e com ele a EF ampliou ao máximo a dimensão de espaço pedagógico, conduzindo os/as jovens a vários cenários estratégicos do ponto de vista geográfico, histórico, artístico, ecológico; levando, com registros escritos, fotográficos e gráficos, a construção de um conhecimento transdisciplinar. Nesta perspectiva segui trabalhando nas cidades de Pelotas e Uruguaiana em licenciaturas e outras graduações.

### **Registro formação de professores**

As políticas públicas de ampliação do ensino superior nos primeiros anos deste século no Brasil ampliaram o mercado de trabalho para professores em cursos universitários, públicos e privados. Com o doutorado em andamento, e atuando como professor substituto na FURG, fui convidado a compor o curso de Licenciatura em EF da faculdade Atlântico Sul, mais tarde comprada pela Anhanguera, um dos maiores grupos educacionais do país responsável pelo barateamento do ensino privado.

Foram cinco anos exercendo a docência com turmas numerosas, em sua maioria à noite com o componente *Responsabilidade Ambiental* e, no curso de EF, além de *Dimensões Sócio históricas* da EF, trabalhava *Movimento e Ambiente*, componente que cinco anos mais tarde ofertaria, já no curso de Licenciatura em EF da UNIPAMPA, em forma de disciplina complementar. Recentemente foi incluído como componente obrigatório em

nosso Projeto Pedagógico e junto ao *Grupo de Estudos Movimento e Ambiente* (GEMA), acredito serem dispositivos de ambientalização curricular “processo de inovação que realiza mudanças no currículo através de intervenções que visam integrar temas socioambientais aos seus conteúdos e práticas” (KITZMANN; ASMUS, 2012, p. 270). Além disso:

Considerando o corpo como ambiente, construímos aproximações entre o ritmo orgânico corporal e o ritmo do ambiente, possibilitando a percepção de que somos ambiente e cultura. A cidade se transformou em espaço e tempo de criação. Produzimos conhecimentos que emergem no movimento, em práticas corporais como caminhadas e pedaladas pelos bairros, regiões centrais e arredores; no contato com pessoas de outras instituições; no processo de vivenciar diferentes universos socioambientais; nos modos de habitar; na valorização e problematização dos lugares em que vivemos, moramos, estudamos, trabalhamos; no encontro com culturas, dentro e fora dos espaços institucionais de ensino (CUNHA, BALINHAS, et al., 2015, p.2)

Acredito que o caminhar pelas ruas com estudantes utilizando a cidade como currículo é uma alternativa pedagógica e curricular quando se pensa em Educação Ambiental.

Baseados na Política Nacional de Educação Ambiental – PNEA<sup>1</sup> (considerada por muitos/as educadores/as e ambientalistas brasileiros/as mais do que um avanço na política educacional do país, uma verdadeira conquista dos movimentos sociais, nos últimos anos ou mesmo décadas), foram elaboradas em 2012 as Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para a Educação Ambiental<sup>2</sup>, que prescrevem:

O reconhecimento do papel transformador e emancipatório, da Educação Ambiental torna-se cada vez mais visível diante do atual contexto nacional e mundial em que a preocupação com as mudanças climáticas, a degradação da natureza, a redução da biodiversidade, os riscos socioambientais locais e globais, as necessidades planetárias evidenciam-se na prática social (...).

---

<sup>1</sup> Lei Federal nº 9.795, de 27 de abril de 1999.

<sup>2</sup> Resolução nº 2, de 15 de junho de 2012 estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental.

O GEMA e o Componente Curricular Complementar de Graduação Movimento e Ambiente objetivam tornar mais visível o contexto e as comunidades escolares envolvidas nas ações educativas de licenciandos/as, favorecendo o processo de formação e atuação profissional. Buscamos oportunizar o contato, o conhecimento e a reflexão acerca das formas de habitar e viver a cidade, utilizando práticas corporais como a caminhada e a pedalada. A cidade vem constituindo o meu universo subjetivo e dos/as estudantes, permitindo fazer a articulação entre o global e o local, entre a Educação Básica e os cursos de licenciatura, entre o corpo e o ambiente.

Poderia falar de todos os lugares, destas ruas, daquelas casas, do cheiro de capim molhado e esterco, do vento e da chuva em nossas caras, no jogo mágico e sincrônico dos músculos e articulações nos fazendo movimentar, de nosso metabolismo alterado depois da primeira meia hora de trajeto, do som das águas, da força dos verdes, do silêncio da noite de luas. Confesso que meus *recuerdos*, minhas melhores e mais frequentes lembranças referem-se aos estudantes quase colegas trilhando vias, como se estas só existissem para que elas e eles desfilassem, as enchessem de cor, movimento, graça e um natural barulho. Os lugares precisam de nós para que continuem existindo, e nós precisamos dos lugares para nos tornar maiores, mais vastos, mais amplos mais e mais humanos, humanas. Educar é se oferecer à vida (CUNHA, 2014)<sup>3</sup>.

Além do estudo das comunidades escolares, lugares e ambiência, propomos o desafio de relacionar o conhecimento local regionalizado com o macro político. Acreditamos que no contato com diferentes contextos, os/as estudantes poderão visualizar mais atentamente os elementos culturais que sustentam uma possível identidade.

## **Narrativa interrompida**

Nossa universidade é separada em dez unidades espalhadas pela metade sul do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. O bioma pampa

---

<sup>3</sup> Discurso proferido na cerimônia de formatura do Curso de Licenciatura em Educação Física.



abrange quatro países; isto significa que transitamos em zonas fronteiriças com Uruguai, Argentina, próximos do Paraguai.

Acredito que a formação docente combina com estradas e caminhos, percursos que possibilitam a fabricação de conhecimentos e saberes.

Uma outra dimensão deste processo não conseguirei abordar aqui. Trata-se do reconhecimento que fizemos do bioma pampa através de jornadas de estudo as variadas regiões do estado do Rio Grande do Sul e seus diversos ecossistemas. Deslocamentos feitos pelo micro-ônibus da universidade e utilizamos o acampamento e a trilha como técnicas de imersão e sensibilização ambiental. Praias, cânions, grutas, cachoeiras, matas nativas, rios tornavam-se cenários de aprendizagem.

Percebo que as doze laudas propostas chegam ao fim e na narrativa/história ficam faltando pedaços, peças de um enorme *puzzle*, como não poderia ser diferente em se tratando de uma cartografia, um quase ensaio biográfico/profissional. Continua...

## Referências:

ADORNO, T. Educação e Emancipação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

CUNHA, A.; BALINHAS, V.; Barbosa, A.; Bar, F.; Dotto, M.; Gonsalves, V.; Santos, C.; Santos, C. (2016). *Grupo de Estudos Movimento e Ambiente: A ambientalização curricular*. 11 Congreso Argentino de Educación Física y Ciencias, 28 de septiembre al 2 de octubre de 2015, Ensenada, Argentina. EN: Publicaciones 11 Congreso (2015). Ensenada: Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Educación Física. Disponible en: [http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab\\_eventos/ev.7228/ev.7228.pdf](http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.7228/ev.7228.pdf)

FILHO, L M; de F. (2006). As cidades da cidade - Cidade, Nova Tecnologias e Educação: debatendo com Henrique Lins de Barros Belo Horizonte ed. UFMG.

GALEANO, E. El Libro de los Abrazos. Montevideo: Ediciones del Chanchito, 1989.

KITZMANN, D.; ASMUS, M. L. Ambientalização sistêmica - do currículo ao socioambiente. Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 1, p. 269-290, jan./abr. 2012.

## Capítulo 9

### **Resiliência: condição para a transformação sócioambiental**

*Ailton Jesus Dinardi*

*Ando devagar  
Porque já tive pressa  
E levo esse sorriso  
Porque já chorei demais.  
Almir Sater*

Gostaria de começar esta escrita com o registro de dois conceitos importantes e de grande significado para quem não nasceu, poderíamos dizer nas camadas mais abastadas da sociedade, que é a resiliência e o empoderamento. Resiliência é um conceito emprestado da física que significa a capacidade do indivíduo em lidar com situações adversas, superar pressões, obstáculos e problemas, e reagir positivamente a eles e o empoderamento tem a ver com um processo no qual, por meio da conscientização e da informação, é concedido o poder a uma pessoa ou a um grupo delas.

Pois bem, convivi na infância com uma certa tristeza, por não ter conhecido meus avós, Pedro e Francisca por parte de mãe e Francisco e Ana por parte de pai. Meu pai era o caçula de uma família de 8 irmãos e ficou órfão de pai, aos 9 anos de idade e minha mãe também ficou órfã de mãe, muito cedo, passando a morar na casa dos irmãos casados, que somavam ao todo 9 irmãos.

A infância difícil de meus pais, talvez tenha sido o fator mais importante para fazer com que fossem tão seguros, com relação aos gastos de

casa. Meu pai era muito controlador, porém em toda minha vida, nunca vi ou ouvi uma cobrança a “ele”, na porta de nossa casa. Registro isso, não com ar de soberba ou engrandecimento, mas porque, mais a frente, este tema será retomado. A imagem que tenho do meu pai é de um homem muito sério, firme em suas decisões, de uma inteligência singular, que até hoje lembro, com saudades e admiração. Sempre mantinha uma despensa cheia de alimentos básicos e amarrado com corrente e cadeado ao pé de uma jabuticabeira dois botijões de gás, que servia a nossa casa e aos vizinhos. Tinha sempre um dinheirinho guardado para servir a urgência dos familiares e amigos. Era um sujeito de estatura mediana, pele judiada pelo sol, nariz típico de italianos, um bigodinho bem aparado e cabelos com uma certa ondulação, que ele fazia questão de trazer sempre bem cortado. Gostava de andar muito bem arrumado, fazia questão de mandar fazer suas calças em alfaiate, na cidade de Jaú-SP e de usar chapéu “*Pelo de lebre 3X Original Ramenzoni Curi*”. Para ele não existia outra marca, se não essa, que era guardado naquelas caixas arredondadas em cima do guarda roupa, usado apenas quando saía para ir à missa, ao comércio, ou visitar parentes e amigos. Não tinha estudos, mas era homem de uma sabedoria que quando lembro, fico muito impressionado. Fazia questão de visitar asilos de idosos, de ir à igreja aos domingos e de visitar presos. Sim, visitar presos! Levava balas, cigarros e dispensava uma parte de seu tempo para conversar com estas pessoas. Homem forte, de braços grossos e mãos caalejadas, firmes, que até o final de sua vida foram sua ferramenta de trabalho, pois sempre lembro dele capinando a terra, plantando, fazendo cercas de arrame para os fazendeiros da região.

Minha mãe, era linda! Lembro de seus negros cabelos, sua boca pequena e de uma tristeza interior que a perturbava. Hoje tenho a impressão que diferente do meu pai, não conseguia se livrar das lembranças da infância, das dificuldades e dos sofrimentos passados. Viveu para a família, mas vivia a sombra da altivez de meu pai, que controlava tudo e a todos, com seu jeito sério e com a braveza típica de um calabrés.

Como disse, não conheci meus avós, mas se posso falar de alguma origem, posso dizer que a ascendência italiana, sempre se fez presente, pois me conheci primeiramente como o “calabrezinho”.

*-Este aí é filho do Pedro Calabrês. Aquele que mora ali na esquina da Rua Tibiriçá, 137.*

Ao lado de sete irmãos (6 meninos e 2 meninas), minha infância se constituiu neste espaço, nesta rua e neste número, que meu pai comprou e que se chamava chácara do Lazinho! Era uma espécie de cortiço, uma série de pequenas moradias, de tijolos e de madeira, com um banheiro central e um tanque de lavar roupas, que virava e mexia eram motivos de discussões sobre o direito de uso. Com o tempo, meu pai foi derrubando as casinhas e quando limpou uma área maior, construiu ali nossa casa. Uma casa azul, com venezianas e janelas de madeira, pintadas de verde, com uma linda mangueira a frente, que servia de local para o encontro das crianças e dos adultos, pois o pé de manga espada, produzia uma imensa sombra e muitos frutos, motivo de brigas e confusões, pois meu pai se embravecia com as pedradas da molecada, para derrubar as mangas, mas que acabavam por quebrar telhas da nossa casa.

Essa relação que as pessoas faziam com relação ao fato de ser filho do Pedro calabrês, sempre me encheu de orgulho, pois apesar de sermos uma família muito humilde de oito irmãos, meu pai e minha mãe sempre procuraram organizar e planejar os gastos para que nada nos faltasse.

Com relação a minha educação escolar, meu ensino fundamental se passou ao todo, na mesma escola, que ficava próximo de nossa casa. Neste tempo em Lençóis Paulista ainda não havia escolas particulares, fato que levava para as mesmas salas, crianças de diferentes classes sociais. Falo isso para registrar mais uma vez a tal da resiliência, que vai nos moldando, em função do cenário. Lembro-me de minha terceira série, turma com muitos alunos de classe social mais abastada que faziam questão de festejar as datas comemorativas. Um certo dia resolveram fazer um “amigo secreto” e no sorteio tirei a professora, Dona Neuza. Pensei logo, que minha mãe iria me matar, pois teríamos que comprar um presente, e não

poderia ser qualquer presente, era para a professora. Foi aí, que pensei em um plano já sai gritando:

*-Tirei a Dona Neuza! Tirei a Dona Neuza!*

E foi aí que alguém gritou:

*-Seu bobo, é um amigo secreto, não pode falar. Vamos voltar o sorteio.*

Graças a Deus, me livrei da professora e tirei um coleguinha, que presentei com um joguinho de três canetas esferográficas.

Ao final do ensino fundamental, com meus 15 anos, já estava trabalhando em uma empresa de fiação de algodão, mas meu pai queria que eu largasse a escola, para ajudá-lo em uma plantação de grama, em uma fazenda de gado.

Aí mora uma decisão que até agora não entendo. Sexto filho de uma família com pais semianalfabetos, decidi que iria desobedecer meu pai, que não iria com ele. E mais! Que iria embora de casa. Por vocação ou por acaso, peguei um ônibus e fui a Jaú-SP, distante 70 quilômetros de Lençóis Paulista e me inscrevi em um processo de seleção para entrar na escola agrícola da cidade. Passei no teste e voltei para casa com uma lista do que precisaria para morar na escola, já que esta funcionava em regime de internato.

A escola agrícola foi minha mãe e minha madrasta, pois ali aprendi a viver. Convivi com todo tipo de gente, fiz amigos e arrumei encrencas, bati e apanhei, mais aprendi a me virar sozinho, longe da segurança dos pais.

A vida em uma fazenda-escola e a liberdade nas decisões a serem tomadas, ajudou a moldar muito a minha relação com o ambiente, com o ambiente rural, próximo da natureza, das plantações, dos animais, que aprendi a amar e a cuidar. Ao lado do gosto de viver neste lugar, tinha uma proximidade com alguns professores e a predileção pela veterinária e zootecnia. Aprendi a calcular as rações, curar os machucados, a limpar as pocilgas, castrar os leitões e aparar seus dentes, vacinar, marcar, etc. Nas horas vagas datilografava, para o professor de zootecnia, as apostilas em papel estêncil e passava no mimeógrafo suas apostilas, o que rendia certa quantia para que pudesse me manter.

Cursar Técnico em Agropecuária me proporcionou viajar, conhecer outros lugares e outras culturas agrícolas. Aos 16 anos, estagiei no sul de Minas, onde conheci a cultura do algodão, da soja, do arroz de sequeiro, do trigo e principalmente da plantação de flores, que tinha seus bulbos exportados para a Holanda. Depois conheci a cana-de-açúcar e minha paixão, o café. Já no final do curso, com meus 18 anos, fiquei por meses tomando conta da classificação, despolpa, secagem e armazenamento de café. Foi nesta fazenda, na época a maior produtora de café do Brasil, que aprendi a dirigir. Morava em uma das casas da colônia e o gerente arrumou um dos moradores para me servir o café da manhã, o almoço e a janta, me dando como meio de transporte um Jeep, de três marchas, que não tinha a ré. Era uma loucura, pois para manobrar o tal do Jeep, exigia muito planejamento e sangue frio.

Já formado, meu pai, talvez saudoso de seu filho, me avisou que havia uma destilaria de pinga (cachaça), em Lençóis Paulista, precisando de um técnico para marcar as curvas de nível das suas fazendas. Voltei para Lençóis e fui contratado, passando a ser o responsável pelas medições e marcações topográficas. O salário era pouco, mas a satisfação de fazer o que se gostava era imensa!

Acordava muito cedo, minha mãe preparava a marmita e me dirigia para a fazenda. Neste emprego, foi que, na hora do almoço, pude conhecer na prática o que era apenas teoria, a “boia-fria”. Pois na hora do almoço, aquela comida estava gelada, parecia um tijolo no fundo da marmita. Espremer um limão por cima e remexer tudo, ajudava a esconder a frieza dos alimentos.

Posso dizer que sou um exemplo para a frase de Paulo Freire: “*Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda*”, ou seja, a educação foi a única saída para mudar um roteiro que estava pré-estabelecido. Pois a educação me deu as condições, mesmo que de forma “rudimentar” de refletir sobre o que estava posto. E aquele não era meu modelo de sucesso, apesar de ser meu primeiro registro de técnico, não conseguia visualizar progresso naquelas condições.

Sempre fui muito inquieto e mesmo empregado, mandei um currículo para uma grande empresa de reflorestamento que havia na região, com grandes fazendas de eucalipto e pinus. Por incrível que pareça, fui chamado para uma entrevista e acabei sendo contratado. Na Duratex Florestal assumi a vaga de chefe de uma seção técnica, responsável pelo inventário florestal, implantação de experimentos de campo, coleta de sementes e dei início ao processo de seleção de matrizes para o programa de clonagem na empresa. Era uma enorme fazenda com mais de 10.000 hectares, mas em qualquer lugar em que eu estivesse na fazenda, recebia na hora do almoço, minha marmita quentinha, vinda do restaurante, da sede da fazenda.

Foi um período de grande aprendizado e de sedimentação de amor a natureza. Vivia enfurnado no mato! A fazenda preservava grandes áreas de Mata Atlântica, Cerrado e Cerradão com sua rica biodiversidade, onde pude aprender muito. Conheci pessoas ligadas à natureza, caboclos que moravam na região, que conheciam a flora e a fauna como ninguém, e que em qualquer dedo de prosa, nos ensinavam muito mais do que qualquer sala de aula.

O salário era muito bom, tinha toda a questão da inflação que corroía nossos ganhos, mas não posso reclamar, pois morando com meus pais, comecei a levar uma vida um pouco melhor e pude comprar meu primeiro carro, um Fusca Marrom, ano 74.

Mas mais uma vez, não estava satisfeito com a formação técnica, com o salário e o bom o emprego, e resolvi buscar por um curso superior. O sonho era a medicina veterinária, mas como não tinha condições de me manter sem o salário, busquei pela biologia, em um curso noturno. Confesso que na época não tinha ideia sobre bacharelado e licenciatura, mas resolvi encarar a licenciatura em biologia, na cidade de Bauru-SP.

Não era fácil, pois saía de casa ainda de madrugada para ir a fazenda, voltando a tardezinha, com tempo suficiente para tomar um banho e ir para o ponto de ônibus. Época difícil, pois só havia uma empresa que realizava este transporte e com isso cobravam, quanto queriam, pois não

havia concorrência. Ou seja, uma parte do salário ficava no transporte e a outra parte ainda maior, com a universidade. Não aceitava esta situação do transporte e resolvi alugar uma Kombi, realocando mais 9 lugares, para um grupo de amigos e amigas, pois desta forma, como fazia o papel de motorista, não pagava mais o transporte.

A universidade me possibilitou entrar em contato com a parte teórica das questões ambientais. Não digo que foi uma transposição fácil, mas com a vivência em meio a natureza na fazenda e as discussões nas salas de aula, creio que fui moldando inicialmente, meus conhecimentos e minha formação ambiental.

No início dos anos 90, o salário na empresa, já não era tão atraente e como já estava terminando a licenciatura, um bichinho chamado “desafio” me fez pedir para sair da empresa e me lançar na carreira de professor. Lembro-me que no primeiro ano de docência, concomitante com a função de técnico agropecuário, consegui no processo de atribuição apenas 3 aulas, em uma escola (E.E. Prof<sup>a</sup> Maria de Campos Pires Maciel) que ficava em um distrito de Pederneiras, chamado Guaianás, distante 50 km de Lençóis. Tinha que ir duas noites até a escola, pois não se podia ministrar três aulas para a mesma turma, em uma mesma noite, ou seja, pagava para lecionar. Mas eu adorei a sala de aula, adorava os alunos, confesso que foi amor à primeira vista. Comprei um saveiro e no caminho, próximo ao distrito ia baldeando os alunos na carroceria da pick-up, que muitas vezes me esperavam com sacolas de milho verde, mandioca e bergamota poncã.

Já no próximo ano, após esta experiência, pude concorrer a uma vaga de professor substituto em uma escola estadual, em Lençóis Paulista, onde permaneci por dois anos. Em 1994 prestei o concurso para professor e fui aprovado, ingressando como professor da rede estadual do estado de São Paulo, na EE “Rubens Pietraróia”, onde permaneci por 20 anos, até pedir a exoneração, para assumir minha vaga de docente do ensino superior na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Uruguaiana.



O “Rubão”, como a escola era conhecida, foi meu espaço maior de formação. Foram anos maravilhosos, onde pude vivenciar a maior experiência da minha vida enquanto professor. Com uma direção que sempre me apoiava, com a segurança da efetividade do cargo e com uma predileção pelos alunos do ensino fundamental, pude experienciar e testar muitas concepções e teorias advindas da formação docente. E foi aí que as questões ambientais sempre foram as prediletas.

Como a escola ficava em um bairro periférico, me reconhecia nas crianças que frequentavam a escola, e por esta razão fazia questão de me doar para a formação destas. Fizemos projetos de arborização urbana para o bairro todo, soltura de peixes no Rio Lençóis, visitas a nascente e a foz deste rio, cálculo do desperdício de água nas praças tipo chafariz que existem na cidade e onde as “bicas” jorravam água sem parar. Calculamos o desperdício, por praça, o valor em metros cúbicos e marcamos uma audiência com o prefeito municipal para que este tomasse providências. Sabia que estava propiciando formação ambiental, mas não me via como um educador ambiental. Pensava sempre em proporcionar espaços de formação, que fugisse ao tradicional.

Mas foi nesta época que o café voltou em minha vida. Ganhei um torrador de café de um empresário e comecei a torrar e moer café, vendendo em embalagens plásticas aos vizinhos. Mas fui me contagiando com o negócio, fui pensando em crescimento, em produção em escala, em tornar o negócio mais rentável. Ganhei um terreno no distrito industrial, construí barracão, comprei torrador maior, uma máquina de beneficiamento e quando vi, já estava perdido em dívidas. Perdido daquela forma, onde as pessoas se afastam, onde o crédito some, onde os amores se vão. Meu pai tentou me ajudar, pagou inúmeras dívidas, mas tinha seus limites. Me vi, sem destino, sem rumo, em uma situação que não desejo a ninguém. Por isso é que disse lá no início deste texto, sobre a honradez de meu pai, pois se tenho algo que não me perdoo, diz respeito a este período de dívidas e de sofrimento, que acabou por envolver meu pai e minha mãe.

Demorou um bom tempo para me reerguer, vendi casa, carro, barracão, paguei minhas dívidas e busquei em um segundo cargo de professor uma saída para aumentar minha renda e reconstruir minha vida.

Foi nesta época que duas amigas me fizeram um convite para ingressarmos em um curso de Especialização em Educação Ambiental, no Instituto de Educação da Unesp, campus Botucatu-SP. Não queria, estava muito cabisbaixo, tudo ainda era muito recente, ainda doía muito, mas depois de muita insistência, aceitei. Posso dizer que a mudança de ares e a convivência com novas pessoas, em uma outra cidade, me fizeram muito bem e entendo este curso como um divisor de águas em minha vida.

Se a convivência com novas pessoas era importante, entender as questões ambientais, o histórico do movimento ambientalista, as questões epistemológicas, as tendências, as correntes e os principais fatos que marcaram o nascimento desta educação adjetivada pelo mundo e um pouco mais tarde no Brasil, me faziam entender que eu já praticava educação ambiental, mas que precisava buscar por reflexões e posicionamentos que tornassem minhas práticas com uma coerência de discurso que fugisse do senso comum.

Terminei a especialização em 2000 e a convivência, a volta para a universidade, o contato com os professores, me contagiaram. Ao terminar, já era outra pessoa! Comecei a buscar por um mestrado, pois passei a entender a formação docente como algo permanente, que precisamos enquanto educador, deste contato com o novo, com o diferente, com pessoas que pensam igual e que também pensam diferente, e que é a discussão, a reflexão e a ação que nos faz educador.

Nesta época já estava namorando a Renata, minha esposa e aconteceu uma gravidez que não estava nos planos. Foi uma época um tanto difícil, pois estava começando a me reerguer financeiramente e teria que me reorganizar, pois tinha um novo compromisso, a responsabilidade sobre esta vida que estava para vir ao mundo. Costumo dizer que o Pedro não foi planejado, mas foi amado, desde o primeiro minuto que soube de sua existência.

Continuava na escola pública, mas me ressentia da falta da universidade. Em 2003, depois de algumas tentativas, consegui entrar como aluno especial no Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência, da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Campus Bauru. Era só uma vaga de aluno especial na componente Educação Ambiental em Ambiente Terrestre, do Prof. Osmar Cavassan, mas para mim era a volta aos ares universitários. Conhecia o Prof. Osmar dos tempos da graduação e sabia que seria momentos de muito aprendizado. E foram! Me empenhei, participei das viagens de estudo, e me inteirei dos processos de seleção e em 2004, estava aprovado como aluno regular.

Na Unesp, conheci o Professor Aloísio Costa Sampaio que trabalhava com resíduos sólidos urbano e que aceitou me orientar. Juntos planejamos e desenvolvemos a dissertação de mestrado. Nesta época havia conseguido uma carga horária em uma tradicional escola particular e onde desenvolvi parte da coleta de dados. Claro que a outra parte, foi desenvolvida no Rubão e a dissertação acabou recebendo o título: “A Pedagogia Histórico-crítica como prática pedagógica em Educação Ambiental com enfoque em Resíduos Sólidos Urbanos” desenvolvida em duas escolas com diferente perfil socioeconômico.

A universidade foi me fazendo sempre bem! Houve em minha vida uma retroalimentação pessoal, pois a educação foi me proporcionando novas possibilidades educacionais, novos horizontes enquanto professor, que me trouxeram novos desafios que precisavam ser encarados com o auxílio da academia.

Com o mestrado e com o trabalho desenvolvido no colégio particular, me veio o convite para assumir disciplinas de gerenciamento ambiental em uma faculdade particular do mesmo grupo. Ali me desafiei novamente, pois fui propondo ações de implantação de cursos e de novas perspectivas e fui tendo respaldo da direção. Criei o curso de Tecnologia em Gestão Ambiental, assumindo sua coordenação, assumindo também a coordenação de um curso de Tecnologia em Bioenergia, ministrando componentes voltados para a produção de madeira.

Para contribuir com os cursos que coordenava, desisti de seguir um doutorado na área da educação e busquei por um antigo prazer, que era o reflorestamento. Procurei a Unesp, campus Botucatu e apresentei à Professora Magali Ribeiro uma ideia de projeto, para se testar clones de eucalipto em diferentes espaçamentos, com avaliação e corte aos três anos de idade. Sei que o eucalipto é criticado por muitos ambientalistas, mas penso que sempre temos que analisar o contexto. Nesta época o Estado de São Paulo havia aprovado a proibição das queimadas de cana-de-açúcar no estado, um avanço do ponto de vista ambiental. Porém o corte de cana-de-açúcar na palha exige colheitadeiras, tratores, caçamba de baldeio, um conjunto de equipamentos que não é viável para muitos dos pequenos agricultores, que estavam vendendo ou arrendando suas propriedades para os grandes usineiros. O objetivo de implantação de florestas adensadas, está no corte rápido, que poderia viabilizar economicamente a permanência dos agricultores em suas terras.

Na escola criei um bosque, com espécies da Mata Atlântica, dando nome ao lugar, de bosque “Mauro Mazzili”, nome de um grande amigo e Biólogo. Criei uma horta orgânica na escola, onde os alunos do ensino fundamental eram os protagonistas do processo de produção e comercialização, em uma feira na própria escola. Foi uma época muita rica em termos de experiências práticas, pois sempre que possível fazia questão de trazer para discussão escolar às questões ambientais.

Nesta época lancei um desafio para as crianças, para que o poder público municipal dedicasse um dia para se homenagear o Rio Lençóis, rio que dá nome ao município de onde retira mais de 60%, de onde e retira mais de 60% da água consumida pela população urbana e que na época recebia todo o dejetos do esgoto domiciliar *in natura*, sem tratamento. As crianças adoraram a ideia! Dentro de poucos dias tínhamos centenas de assinaturas, que foram organizadas e entregues ao presidente da câmara municipal. Se foi só por causa do abaixo assinado eu não sei, mas o que sei é que a câmara editou a Lei Municipal nº 3976/2009, que estabelece o dia

23 de novembro, como o dia dedicado ao Rio Lençóis, o principal recurso hídrico da cidade, que atravessa a área urbana e dá nome ao município.

Estava vivendo uma época maravilhosa, me sentia produtivo, útil, porém, vivia para as escolas e para a faculdade, pois saía cedo de casa e retornava à noite. Mesmo com tantos afazeres e demandas consegui defender minha tese de doutorado intitulada: “Influência do espaçamento sobre a produção de biomassa em plantios com clones de *Eucalyptus sp.* na região de Lençóis Paulista-SP” e como prêmio pelo doutorado, recebi a demissão da empresa.

Foi um baque! Pois como professor de Ciências, coordenador do ensino fundamental, do ensino médio, como professor e coordenador da faculdade, foram quase doze anos na mesma empresa. Me sentia sem chão, com dois filhos pequenos, fiquei somente com as aulas da escola estadual e com um salário que não cobria as minhas despesas. E foi nessa época que a Unipampa apareceu em minha vida.

Não sabia onde ficava Uruguaiana, mas me interessei pelo concurso pois havia duas vagas na área de Biologia, no Curso Ciências da Natureza e duas vagas em um concurso público, para o magistério federal, não é algo comum. Mas aqui me permito lembrar de algo que merece registro. Havia feito a inscrição para um concurso no Mato Grosso, na UNEMAT (Universidade Estadual do Mato Grosso), Campus Tangará da Serra e que as datas coincidiam com o concurso da UNIPAMPA. Comprei passagem para Cuiabá e avisei minha esposa, sobre a decisão. Foi quando a Renata se virou para mim e disse:

-Ailton, a decisão é toda sua! Mas não me peça para rezar mais para você. Pois estou vendo que o nosso futuro está em Uruguaiana. Mas você é quem decide.

Aquela pequena discussão foi como um tapa na cara e na mesma noite comprei as passagens para Porto Alegre, perdi os bilhetes de Cuiabá e na outra semana estava em terras gaúchas!

Aqui, me sinto em casa. Me sinto querido pelos alunos, pelas pessoas que conheci e que aprendi a admirar. A UNIPAMPA me proporcionou muito!

Nestes quase 6 anos de instituição, acredito que tenho contribuído com a formação ambiental da comunidade interna e externa da instituição. Com a colaboração de amigos, escrevi o projeto do Curso de Especialização em Educação Ambiental, que se encontra na sua segunda edição. Desenvolvi Projetos de extensão ambiental, na Praça do Parcão, projeto de formação continuada para os professores da rede municipal através do PEARME, projeto de pesquisa no Parque Estadual do Espinilho e através da componente Educação Ambiental no curso de Ciências da Natureza, espaços de discussão ambiental, regional, que possibilita reflexão sobre a interferências humana sobre o Bioma Pampa.

Costumo dizer aos meus alunos que somos impulsionados pelos nossos sonhos! E na UNIPAMPA, tinha um sonho. Almejava a orientação, à docência no Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Fui buscar esse sonho e em 2019, conquistei o credenciamento como docente permanente e assim, posso contribuir com a formação de Mestres e logo, logo de Doutores em Educação em Ciências para o pleno exercício de atividades de pesquisa, ensino e extensão na área de Educação em Ciências, sempre com uma pitada ambiental e regionalismo, pois ministro uma componente de Educação Ambiental no programa.

Para terminar gostaria de dizer que, nas férias, quando vou a São Paulo, passo por Cascavel, no Paraná, onde há uma empresa, na beira da rodovia, com um grande outdoor, que diz: *“Temos o direito de escolher o que plantar, mas seremos obrigados a colher o que plantamos!”* Baseando-se nesta frase, posso dizer que ao longo deste meio século de existência, tenho aprendido a plantar amizades, respeito, admiração, resiliência, empatia e amor. Não que o faça sempre! Que acerte sempre! Mas posso dizer que na maioria das vezes tenho colhido generosas safras de amigos e amigas, por onde tenho passado.

## Capítulo 10

### **Trajatória ambiental e pessoal: a vida feita de oportunidades, escolhas e adaptações**

*Karina Braccini Pereira*

Parece-me difícil escrever e refletir criticamente sobre nossa trajetória de vida, nós mesmos, nossa história, nossa formação, e não somente acadêmica e profissional, mas principalmente os fatos que nos influenciam como seres humanos. Sou uma mistura de famílias com algumas semelhanças, mas com muitas diferenças que se complementam. Meus avós paternos tiveram treze filhos, naturais de São Francisco de Assis e de condição financeira muito humilde; meu pai um dos mais novos. Devido a ser comum à época, os filhos casarem-se e levarem um irmão para “aliviar” as despesas, aos nove anos meu pai mudou-se para Santiago, parando os estudos e começando a trabalhar muito desde então. Essa característica me fez perceber que nem todos têm as mesmas oportunidades, e além de admiração, despertou um exemplo de dedicação e superação que levei para toda minha vida.

Minha família materna, avós e quatro filhos, têm nacionalidade Uruguaia. Também de origem humilde, mas com a valorização da educação à cima de qualquer sacrifício, já que minha avó era professora, estimulando à minha mãe e tias, as quais concluíram o ensino superior, e meu tio, mas este preferiu trabalhar como caminhoneiro junto ao meu avô. Em 1973, a família veio para Uruguaiana; meus pais se conheceram, ela 18 ele quase 29 anos, divorciado, em sete meses estavam “juntados” (hoje a 46 anos), e a única condição dela foi a de continuar estudando e trabalhar. Sempre

foi minha referência de esforço, determinação e inspiração. Nasci em 1979, o convívio intenso e diário com avós materno, me proporcionou aprender o idioma espanhol mesmo antes da alfabetização.

Acredito que alguns pontos transcorridos em minha trajetória acadêmica, início profissional e certamente pessoal e familiar foram extremamente fundamentais na minha caminhada socioambiental, até mesmo sem a percepção total de que estas “interferências” nos são fundamentais nesse crescimento.

Em um colégio Metodista, mais do que lições de aprendizado, tive lições de crescimento pessoal, humanidade, família e social, em diversas atividades proporcionadas. Minha trajetória escolar foi marcada pela motivação ao engajamento às ações sociais e respeito ao próximo; gostava muito de “Português”, de escrever, participar ativamente, era comunicativa, conversava demais em sala (o que me rendia algumas advertências); também de Biologia, de Artes e Matemática, adorava ir ao colégio, gostava muito dos professores (alguns meu exemplo; tenho contato até hoje e me estimulam em minhas conquistas), e dos colegas, com alguns convivo a mais de 30 anos. Para a formação de 2º grau pensei em fazer Magistério, pois sempre fui apaixonada e convivi com muitas crianças. Mas devido à grade curricular não ser “completa”, preferi optar pelo ensino regular, pois também pensava em cursar Ciências Biológicas na graduação.

Ser Engenheira Agrônoma não foi uma escolha, entendo como uma alternativa que surgiu subitamente, em um momento que era a única opção que surgiu e tive que decidir em poucos dias, aos 16 anos, apesar de querer ser Bióloga, como mencionado anteriormente. Principalmente devido a isso, os inúmeros estágios voluntários e monitorias realizadas ao longo do curso para conhecê-lo, me proporcionaram algumas percepções ambientais desde o início. Como no Laboratório de Análises do Solo, onde conheci pequenos e grandes agricultores, e percebi o quanto alguns utilizavam agrotóxicos em excesso, desnecessariamente, mesmo contrariando as indicações no laudo da análise de solo.



Como uma forte experiência social, tive a oportunidade de participar no Projeto Juventude Solidária, realizado em bairros com indivíduos em condições desfavoráveis. Realizávamos visitas a domicílio, efetuando um cadastramento com dados de perfil sócio demográfico (senso), onde se verificava as condições de desenvolvimento das crianças principalmente, se as famílias viviam em situação de risco, bem como, disponibilizávamos informações sobre saúde, prevenção de doenças, noções de higiene, preparo de soro caseiro, entre outros. Esta vivência foi muito impactante e construtiva, fez-me refletir e priorizar alguns valores, a partir da percepção de tanta desigualdade social e observação de pessoas vivendo em condições subumanas.

Também realizei estágio pela Secretaria Municipal de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, a partir de convênio da Universidade, através do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), centralizado nas estufas e viveiros do setor de Silvicultura da Faculdade, com ênfase na produção de mudas de árvores nativas e plantas ornamentais de arborização urbana, parques, praças, bem como, produção de flores para ajardinamento da cidade, horticultura e compostagem. Além disso, pesquisas no cultivo de morangos em distintos métodos, convencional, hidropônico e orgânico, sendo que estes últimos me provocaram verdadeiro encantamento quanto à qualidade, sabor e imensuráveis benefícios para a saúde e o ambiente.

No Laboratório de Análise de Sementes, também convivi com uma diversidade de agricultores e participei de pesquisas com sementes nativas e variedades cultivadas. Ademais, desenvolvi atividades na área de Botânica, no Herbário da instituição, onde aprendi a coletar materiais vegetais, a processar exsiccatas, noções básicas de identificação e classificação, através de chaves botânicas, a catalogar espécies, conhecer e valorizar especialmente as nativas.

Outra experiência muito marcante, que acredito ser o marco inicial efetivo e continuado nas questões socioambientais foram as atividades no Centro de Educação Ambiental Nova Esperança (CEANE), caracterizada como uma associação de catadores de resíduos. As práticas ocorriam com

estudantes de diversos cursos e profissionais de áreas distintas, como Biologia, Educação Física, Agronomia. Eram realizados cuidados com higiene e beleza, atividade física, plantio de árvores, controle de sanidade animal e zoonoses, recreações, lanches; além de ações beneficentes que arrecadaram fundos para aquisição de equipamentos que auxiliam em seu trabalho, como prensas e picadores de material.

Meu estágio final curricular foi realizado na área de Paisagismo e Silvicultura em Nova Petrópolis, Serra Gaúcha, supervisionado por um Engenheiro Agrônomo e Cachoeira do Sul, região central do estado, sob a supervisão de um Arquiteto, que cursava Biologia. Tinha como orientadores na universidade, um Biólogo e um Arquiteto. Desde esta época me deparei e percebi a importância de um trabalho interdisciplinar, ainda sem ter a real noção do que o termo significava.

No estágio em Nova Petrópolis, além de auxiliar nos projetos paisagísticos, cursos ministrados e produção de mudas em cultivo protegido, senti imenso prazer em participar da implantação do “Jardim dos Sentidos”, direcionado aos deficientes visuais, bem como, para pessoas que com os olhos vendados possam passar pela experiência e sentir empatia, se colocar no lugar do outro. O jardim foi composto por inúmeras espécies com diferentes texturas, odores, além de pedras e água para sentir nos pés descalços. É o segundo jardim neste estilo no Brasil, o primeiro está localizado em Curitiba, Paraná.

Dentre as atividades em Cachoeira do Sul, cabe destacar a experiência do projeto de paisagismo em uma Universidade. Aos finais de semana frequentava o Parque Witeck, um lugar extraordinário, que incredivelmente não é um parque natural. Composto por espécies vegetais dos cinco continentes, que para minha surpresa se adaptaram totalmente e convivem em harmonia, inclusive com lagos artificiais; idealizado por um médico apaixonado por plantas, que percorreu o mundo coletando sementes. O parque é considerado referência mundial e, recebe visitas e expedições de estudos de escolas e Universidades. Neste local são produzidas mudas também utilizadas em rearborizações urbanísticas.

Com certeza, somado as experiências futuras, estes estágios, práticas e ações foram decisivos para complementar e qualificar minha formação e posterior aprovação em concurso público, e nas atividades que atuo até o momento, além de me proporcionar a convivência, a ressignificação e o crescimento humano.

O dia da formatura é uma emoção inexplicável em palavras, impossível descrever todos os sentimentos e os agradecimentos que o momento requer, mas escolho ressaltar uma frase do discurso de nossa paraninfa: “Vocês são responsáveis pela produção de alimentos no mundo”. O que me deixou tranquila, pois durante a faculdade sempre me interessei pelas disciplinas relacionadas à preservação, agroecologia, agricultura orgânica e diminuição de impactos ambientais, ao contrário disso, a profissão é apenas referida quanto à poluição, desmatamento, destruição que causa, e infelizmente não por acaso, mas pela falta de consciência, de responsabilidade, de ética, de racionalidade, por ambição e as questões econômicas à cima de tudo.

Após alguns meses trabalhando em uma Empresa de Paisagismo e Jardinagem, voltei à universidade para um treinamento de algumas semanas no laboratório de Cultura de Tecidos Vegetais, onde substituí a professora responsável por três meses, e permaneci por dois anos. Auxiliei no término de implantação do laboratório, em conjunto com o Polo de Inovação Tecnológico, com o objetivo de cultivar mudas de morango repassadas para pequenos agricultores. Além disso, comecei a produzir e pesquisar orquídeas e violetas, testando meios de cultivo e concentrações, o que rendeu algumas apresentações em eventos científicos.

Também realizei um treinamento na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) Clima Temperado, em Pelotas e logo após, no Laboratório de Cultura de Tecidos do Instituto de Biotecnologia (referência nacional na área), da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Neste momento surgiu a oportunidade de fazer o Mestrado, pelo qual voltei para seleção e realizá-lo um tempo depois.

Em 2002 iniciei uma atividade no Centro de Atendimento à Criança e Adolescente de Uruguaiana (CACAU), local onde são levados menores de idade retirados dos pais por maus tratos. Antes de irem para adoção, há tentativas de reintegração das crianças, com os pais ou outros membros da família. Conheci histórias extremamente chocantes, uma triste realidade de agressões, estupros, descaso e abandono. No município de Caxias do Sul tive a oportunidade de atuar em uma Instituição que cuidava de Adultos e Crianças com Câncer e posteriormente, um local similar ao CACAU em Porto Alegre.

No ano de 2003 parti para o mestrado em Biotecnologia em Caxias do Sul, onde recebi uma bolsa parcial do CNPq, ajuda de custo de bancada. Durante o curso, além de muito estudo, trabalhos, palestras, dois componentes me despertaram interesse especial, Controle Biológico de Pragas e Controle Biológico de Doenças. Entre eventos e cursos um dos mais marcantes o Congresso de Agroecologia, levando sempre a novas reflexões. Minha dissertação: “Micropropagação, Cultura de Tecidos e Análise dos Constituintes Majoritários de Extratos Não Voláteis de *Ocimum selloi* Benth”. Meu objetivo inicial acabou se expandindo; realizando parte do mestrado no Laboratório de Química, pois me questionava, porque se justificava micropropagar uma planta, se não é muito conhecido seu uso? Ressalto que quando se confirma o potencial da espécie, um dos objetivos de micropropagá-la é diminuir o impacto ambiental, por uma possível extração indiscriminada, podendo levar até a sua extinção. A partir das leituras, encontrei relatos do uso por índias de uma tribo Caingang, na localidade de Cacique Doble. Assim, analisei a constituição química para verificar as propriedades.

Desta etapa, guardo a lembrança de um tempo de crescimento imensurável. Primeira vez que “saía de casa” definitivamente, morar com pessoas desconhecidas, dividir tarefas domésticas, dificuldades normais do curso, experiências sociais, superar distâncias, saudade da família e amigos. Fui acolhida com muito carinho, foram irmãos de coração que convivo até hoje.

Paralelamente, continuava a dar assistência técnica, projetos, execuções e manutenção de jardins, em condomínios, residências e empresas, mudando-me definitivamente para Porto Alegre. Minha trajetória no Paisagismo, mais estritamente, ocorreu durante quase dez anos, acreditando no objetivo de tornar ambientes mais agradáveis, aconchegantes, buscando maior qualidade de vida.

Outra rica experiência foi ser convidada, como Engenheira Agrônoma, para compor uma Empresa de Assistência Técnica Ambiental, com diversos profissionais, Biólogos, Engenheiro Químico e Engenheiro Ambiental. Desenvolvemos alguns projetos, laudos de impacto ambiental, e logo, para minha grata surpresa, fui aprovada no concurso da Unipampa. Novamente minha vida mudaria completamente, alegria de regressar para minha cidade de origem, após quase sete anos, valorização e percepção da responsabilidade de um cargo público federal.

Pouco conhecia da Universidade e suas particularidades, como a distribuição multicampi em dez municípios. Felizmente pela boa colocação no concurso pude optar por Uruguaiana, e lá estava eu de volta à minha querida cidade natal, à minha família e aos meus amigos, após posse coletiva de 272 pessoas em Bagé, para diversos cargos. A paixão pelo meu trabalho veio rápida e definitivamente. Desde então, há mais de dez anos, trabalho no Laboratório de Farmacognosia, área que realizei o mestrado, entre outros, como de Toxicologia e de Microbiologia, realizando atividades de ensino, pesquisa, extensão e organização de eventos. Acredito que nem todo mundo, mas posso dizer que me sinto realizada e que tenho prazer em ir trabalhar todo o dia, sempre me senti fazendo parte da construção da Unipampa.

Um tempo depois ingressei na Comissão de Coleta Seletiva Solidária (CCSS), como sempre, acredito que aquela “vocação” ambiental insiste em se manifestar inesperadamente; era o início da implantação desta na Unipampa. O objetivo da comissão, imprescindível e obrigatória nas Universidades como institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, é além da separação adequada e coleta em si, que a destinação destes resíduos

seja para as Associações de Catadores. Avançamos lentamente, por distintos fatores; foram realizadas reuniões com funcionários da limpeza passando informações e reiterando sua importância no processo, e com os outros setores da instituição. Readequaram-se materiais, requereram-se outros, os quais foram caracterizados, identificados segundo sua classificação, e distribuídos nas salas de aula e demais locais do campus. Dentre as dificuldades, infelizmente a conscientização da comunidade acadêmica ainda não é a ideal. Denomino essa fase como o meu “recomeço” propriamente dito na temática socioambiental.

Em seguida fui convidada para ministrar a Disciplina de Práticas em Educação Ambiental, no curso de Especialização de Educação em Ciências. A indicação foi pelo meu trabalho e visibilidade da CCSS; o primeiro intuito foi dizer não, depois que pensaria. Conversei com pessoas que eu trabalhava e convivia diariamente, perguntando se achavam que eu seria capaz. E assim, respirei fundo, mesmo achando que não estava totalmente pronta e em condições necessárias ainda, resolvi a arriscar e acreditar que eu aprenderia mais na prática. Queria me inteirar sobre o curso e acabei sendo banca da primeira seleção. Trinta foram os ingressantes e tive dois orientandos.

Tive receio, pois o curso era muito amplo, em distintas áreas, muitos não eram da área biológica, então tentei demonstrar o quando a Educação Ambiental é responsabilidade e parte da vida de todos nós, do nosso cotidiano, desde que acordamos. A disciplina era teórico-prática, fizemos diversas visitas técnicas a partir de contatos e indicações que busquei principalmente na Secretaria do Meio Ambiente (SEMA); oficina de confecção de sabão a partir da reutilização do óleo de cozinha e atividades prático-avaliativas. Ao final, pude participar de duas bancas de avaliação dos Trabalhos de Conclusão de Curso de orientandos de outros colegas.

Outro marco importante em minha caminhada foi a criação da ONG Projeto Patas, que auxilia, resgata, cuida e trata animais abandonados e maltratados, em condições de rua e encaminhados para adoção. A arrecadação de fundos é feita a partir da produção de artesanato e artefatos

através do reaproveitamento de materiais recicláveis, como por exemplo, vidro, pneus, latas, tecidos, madeira, plástico, na confecção de camas e roupas para “pets”, por exemplo.

Cabe ressaltar minha paixão por viajar, sempre que possível uma prioridade, experiência social sem igual. Preferencialmente me atraem destinos com paisagens naturais, distintos Biomas, locais de conservação e preservação ambiental, que pude conhecer em praticamente todas as regiões do país, exceto a região Norte, e alguns países. Pude apreciar lugares nos estados da região sul, da Serra ao Litoral, nos estados Rio de Janeiro e São Paulo, na região central Goiás, Tocantins e Brasília, além de alguns estados do Nordeste. Dentre países como Uruguai, Paraguai, Argentina, um dos mais impressionantes e emocionantes, foi o Peru. Lima, Cusco, Vale Sagrado e Macchu Picchu, difícil explicar em palavras, apenas sentir a história, energia daqueles lugares e daquele povo simples e sofrido. Viajar é um investimento pessoal, à cima de qualquer custo material. Viajar é vivenciar outras culturas, realidades, conhecer o novo, conviver e aprender com o diferente.

Na sequência realizamos a segunda edição da Especialização de Educação em Ciências, aceitei ser Coordenadora Substituta, desta vez 44 vagas. As atividades foram realizadas da melhor maneira possível, devido ao grande número e mais de 80% dos alunos concluíram o curso. Aceitei três orientandos e uma co-orientação, posteriormente duas orientandas, devido à troca de orientadores. Por um lado muito feliz, pelas seis concluírem o curso, e muito realizada pelas práticas que demos continuidade; quase maluca com tanto trabalho, mas vale a pena quando se faz o que gosta. Algumas tiveram graves problemas pessoais e pensaram inúmeras vezes em desistir, acabei me envolvendo bastante, na prática e pessoalmente. Ao final, oito bancas, incluindo duas que fui convidada a participar. Nem poderia imaginar que tudo isso contribuiria para minha aprovação no doutorado.

Há muito tempo, inclusive sobre pressão pessoal, profissional e familiar, pensava em realizar o doutorado, mas não me sentia à vontade em

fazer na Bioquímica, no campus, nem em viajar toda a semana. Enquanto isso, os docentes da Especialização Educação em Ciências se movimentavam para entrada em uma ampla associação, em conjunto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Universidade Federal do Rio Grande (FURG), do Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde, mesmo assim, não sabia se me encaixaria no perfil do curso.

Após meses e inúmeras reuniões, surge o edital de seleção. Conversei com o possível orientador, professor Edward Pessano, sobre minhas ideias, iniciei a escrita do projeto, “A Formação em Educação Ambiental de Licenciados do Curso de Ciências da Natureza”; e estudar, estudar outra área, estudar muito. Algumas vezes pensei em desistir, como quando descobri os 32 inscritos para quatro vagas. Ou quando lia e não terminava o primeiro livro; quando lia e não entendia tudo. Enchia os olhos de lágrimas, sem desabafar (contei a poucas pessoas, nem familiares), respirava fundo, pensava: “se não continuar aí sim não conseguirei”. Alguns ficaram pelo caminho, dos que realizaram a prova escrita, a maioria da área da Educação, Licenciatura, Pedagógica, ao contrário de mim. No momento que apenas cinco passaram nessa fase, tive a esperança. Enfim, após outras etapas, agradeço muito ao meu currículo e ao desempenho prova, conquistei a segunda colocação. Hoje estou na metade do curso.

Paralelamente, deu-se início a Especialização em Educação Ambiental, onde ministrou a componente de Poluição e Resíduos Sólidos, em andamento na segunda edição. Assim como na Especialização Educação em Ciências, busco sempre pesquisar, me atualizar e buscar mostrar aos estudantes a realidade local, especialmente quanto à geração e destinação dos resíduos. A partir da definição dada por uma aluna, hoje denominamos este trajeto de “Caminho do Lixo”, o qual passou a constar na agenda ambiental da cidade, realizado anualmente pelo Programa de Educação Ambiental da Rede Municipal de Ensino (PEARME).



Sou muito grata por participar do PEARME, a convite do professor Ailton Dinardi, por quem tenho grande admiração e carinho, também meu co-orientador no doutorado. O programa é uma parceria entre a Secretaria Municipal de Educação (SEMED), a Unipampa e a SEMA. Tem a participação de todas as escolas municipais, através de seus representantes, os quais se tornam multiplicadores das mais diversas ações relativas às questões ambientais.

Dentre minhas experiências na área, me é muito caro o relacionamento e aprendizagens com os catadores de resíduos, em especial a Associação de Catadores Amigos da Natureza (ACLAN), coordenada pela Dona Maria Turgira e Jalusa, e a Associação de Catadores de Materiais Recicláveis de Uruguaiana (ACMRU), representada pela Dona Neiva e Eliane. A vivência com estas pessoas me fez perceber que sua importância no processo vai muito além dos já inúmeros benefícios ao meio ambiente. A temática que para muitos de nós está relacionada principalmente à atividade profissional, para estes é sua própria vida. Sua própria história de superação, de subsistência, sua essência e sua superação. Fez-me refletir, por terem responsabilidade socioambiental, por apenas quererem trabalhar, melhorar suas condições e quererem respeito. No entanto, perante nós sociedade, são “invisibilizados”, menosprezados, sem o merecido reconhecimento.

Ainda sobre o “Caminho do Lixo”, realizado com meus alunos das Especializações, de Educação em Ciências e de Educação Ambiental, ademais das visitas às associações, ressalto a importância de termos em nossa cidade uma indústria de Fundação de metais “Reciclar”, que além da relevância ambiental, compra materiais de catadores e produz verdadeiras obras artísticas. Contamos também com a Usina de Triagem e Processamento de Materiais recicláveis “Catito”, a qual comercializa a maior parte coletada pelas associações e catadores informais, bem como, uma empresa de coleta de resíduo eletrônico “Pôr-do-Sol”.

A caminhada se mostra bastante longa ainda, às vezes lenta, às vezes pensamos em fraquejar, nos parece não ser efetivo nosso trabalho, mas

agradeço por este início, por tentar, por fazer parte de uma trajetória socio-ambiental que vem sendo construída aos poucos, com paciência e compartilhando experiências com indivíduos ímpares, com quem aprendo a cada dia.

## Capítulo 11

### Uma relação de amor entre o campo e a cidade

*Cristiane Trindade Botta*

Fui convidada para fazer está escrita pelo professor Ailton Jesus Dinardi, confesso que senti uma enorme satisfação e ao mesmo tempo uma indagação: tenho algo para contar? Que bagagem da Educação Ambiental compartilharei neste documento? E assim, diante de um cenário anormal, confinada em meio a uma pandemia Covid-19, com os pulsos acometidos por síndrome do túnel do carpo, aceito e me arrisco neste desafio, auxiliada na digitação de minha amiga inseparável Ione Woditski.

Minha narrativa simples como foi e continua sendo minha existência propõe de certa forma uma reflexão do quanto o meio em que vivemos indiferentes da época, nos torna indivíduos preocupados ou não com o ambiente e que este ciclo nascer, desenvolver, reproduzir, envelhecer e morrer se não interrompido segue seu curso e colabora para provável evolução humana.

Nascida em São Borja - RS em 16 de abril de 1975, mas criada no campo na época interior do Município de Itaqui - RS, filha de pequenos agricultores, ambos com ensino fundamental incompleto; meu pai descendente de alemães nascido em 1945 (final da 2ª Guerra Mundial) e minha mãe descendente de missionários nascida em 1954 (ano da morte de Getúlio Vargas). Encontraram - se nas barrancas<sup>1</sup> do Rio Uruguai e formaram família de três filhas e um filho.

---

<sup>1</sup>Às margens do Rio Uruguai.

Cresci entre um plantio e outro, acompanhando os cuidados da lavoura e colheita da soja, marcante por ser meu aniversário – comemorava esta data a bordo da colheitadeira.

Neste período, tínhamos uma ligação muito forte com a Maria, mulher negra querida por nós e nossa segunda mãe, madrinha de meu irmão. Que nos cuidava quando minha mãe precisava ausentar-se. Da mesma forma, a casa de minha avó materna Nahir (1924) era nossa “segunda casa” amparados e amados por ela.

Através do transporte escolar, percorrendo longas distâncias em estradas não pavimentadas, tinha acesso ao estudo formal, séries iniciais, fundamental e médio na Escola Estadual de 1º e 2º grau Encruzilhada. Escola pública situada na zona rural do Município de Itaqui, mais tarde tornou – se escola técnica em agropecuária.

Recebi o incentivo dos professores desta instituição de ensino e da comunidade escolar desta localidade, na minha formação, na busca de informações para meu crescimento pessoal, minha subsistência e no aprendizado do uso consciente dos recursos naturais.

Sempre que possível participei de feiras de Ciências, Olimpíadas Rurais... Na base curricular das séries finais do ensino fundamental recebia aulas teóricas e práticas nas disciplinas de Moral e Cívica, Técnicas Agrícolas, Técnicas Industriais e Técnicas Domésticas (inesquecíveis).

Fundamentalmente estas disciplinas traziam o amparo da moral e valores que conseqüentemente trariam mudanças no comportamento e no cotidiano individual e coletivo. Aprender a utilizar e cuidar na teoria e prática os recursos naturais de modo sustentável, já que os recursos financeiros eram escassos e estávamos sendo orientados para provavelmente alcançar o sucesso utilizando – se de maneira correta dos meios disponíveis que o ambiente nos oferecia.

A partir de problemas que afetavam nossa vida familiar, enfrentados durante toda minha infância e adolescência como a falta de água e energia

elétrica, fez com que compreendesse a necessidade da busca para a sobrevivência e alternativas que proporcionassem melhorias das condições de vida, além da minha família, vizinhos e amigos da comunidade local.

Muitas eram as dificuldades encontradas no campo como: lavar roupa na sanga<sup>2</sup>, trazer água para casa da vertente de longas distâncias, de barril, tracionada por um animal cavalar (utilizada para beber e necessidades de higiene pessoal e da casa), e nos meses mais críticos utilizava para irrigação de plantas da horta familiar, frutíferas e jardim. Leite e ovos eram produzidos na propriedade, ainda havia o sistema troca – troca<sup>3</sup>. Não havia banheiro instalado somente latrina, banho na bacia e/ou chuveiro de campanha.

O que não era produzido na propriedade familiar era adquirido na cidade mais próxima, São Borja - RS, distante setenta quilômetros. Nesta época os pequenos agricultores recebiam assistência técnica da EMATER – RS, uma parceria atuante que trazia alternativas sustentáveis e ambientalmente corretas. Como a utilização do baculovírus<sup>4</sup>; doação e plantio de mudas de plantas frutíferas e nativas para produção de madeira (eucalipto, angico); sementes para produção de melancias, abóboras, morangas e hortaliças.

Nesta experiência do inseticida biológico havia a contribuição familiar onde fazíamos a coleta manual das lagartas na plantação da soja, já contaminadas pelo vírus para serem utilizadas em uma nova aplicação. Meu pai com sua vivência agrícola, nesta época já possuía consciência ambiental e passava para os filhos essas informações.

Minha mãe mulher simples do campo, nos ensinou atividades domésticas, parceira nos cursos ministrados pelo SENAR/RS nos incentivava para aprendermos a fabricação de sabão caseiro, tecelagem artesanal com

---

<sup>2</sup> Córrego que seca com facilidade.

<sup>3</sup>Transferência mútua entre pessoas ou coisas sem que estejam envolvidas troca de dinheiro.

<sup>4</sup>Inseticida biológico, como alternativa ao controle químico da lagarta-da-soja (*Anticarsia gemmatilis* Hübner), no Brasil remonta à década de 70.

lã crua ovina, curso de produção de silagem para alimentação dos animais. Religiosa, nos mostrou o catolicismo.

No ano de 1990, houve uma grande perda de produção de grãos, devido ao clima e outros fatores de mudanças externas, o governo proporcionou a securitização<sup>5</sup> aos agricultores. Portanto, muitos desfizeram – se de seus bens e máquinas agrícolas, quitaram suas dívidas com o banco público resultando em dificuldades financeiras, que foi o caso de meu pai. Enfrentamos juntos às adversidades.

Em meados de 1993 encontrei o meu par ideal, casamo-nos e residimos em uma fazenda localizada 30 km de meus pais, meu esposo como único trabalhador responsável pelos animais na propriedade.

Lembro – me ainda que em meados de 1996, foram liberados os primeiros créditos rurais PRONAF<sup>6</sup>, que iniciou significativas mudanças nas pequenas propriedades. No ano anterior, já havia iniciado o estudo do curso de Técnico em Agropecuária incentivada por meu companheiro que nunca mediu esforços para que eu realizasse o desejo de continuar meus estudos apesar de todas as dificuldades, nesta etapa recebi o apoio de Maira de David (veterinária) e Décio de David (agrônomo), ambos meus professores da escola técnica.

Após dois anos, saímos da fazenda e retornamos para a propriedade de meus pais. Com algumas dificuldades financeiras mesmo auxiliando pessoas próximas, candidatos na primeira eleição para o município recém emancipado Maçambará-RS (1995) antes pertencente a Itaquí, não recebi a chance de demonstrar o meu trabalho e continuar na zona rural, foi necessário deixar o campo e procurar uma nova perspectiva de vida.

A partir dessa vivência, fui à busca de outras oportunidades que me proporcionassem mais conhecimentos e ir ao encontro de aperfeiçoamento para aprofundar estudos sobre o meio ambiente e educação ambiental, temas que sempre me acompanharam e que faziam parte do

---

<sup>5</sup>Transformação de um crédito em um título passível de negociação.

<sup>6</sup>Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar. Política Pública, criado durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

meu cotidiano. Segundo a Política Nacional de Educação Ambiental - Lei nº 9795/1999, Art 1º.:

Entende-se por **educação ambiental** os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (PNEA,1999).

Internalizei mais tarde este conceito por se tratar da forma como se deu a minha trajetória inicial de vida e profissional, mesmo que as mudanças ocorram somos seres em transformação e consigo fazer agora um paralelo com a fala tenaz de meu professor Álvaro Cunha na aula inaugural do curso de pós-graduação em EA sobre o complexo de Gabriela “eu nasci assim, eu cresci assim, eu sou mesmo assim, vou ser sempre assim... Gabriela, trecho da música escrita por Dorival Caymmi que nos remete ao modo como nos comportamos diante dos acontecimentos do meio sejam políticos, sociais e econômicos.

E, assim abandonei o campo... A oportunidade surgiu em Uruguaiana no ano de 1999, com uma filha recém-nascida e meu esposo fixamos residência, fui chamada para trabalhar na empresa PUCRS apoiada pelo funcionário e Técnico em Agropecuária Juvenal Bitencourt, onde eu havia realizado com êxito o estágio curricular em 1998, do curso de Técnico em Agropecuária.

Nesta empresa obtive o aprendizado prático e teórico na produção de alimentos no setor CTL – Centro Tecnológico do Leite – uma parceria entre a PUCRS e Governo do Estado do Rio Grande do Sul; na área laboratorial, animal e vegetal, reforçando a bagagem que a vida no campo e o curso técnico me proporcionaram.

Fez parte do quadro de pessoal meu chefe direto Jorge Schafhauser, Zootecnista, com um conhecimento ímpar em gado de leite, hoje pesquisador da EMBRAPA – Pelotas/RS e como Responsável Técnico o Veterinário Douglas Thompson.

O aprendizado vem como fruto de conquistas profissionais e pessoais, por conta disto, agraciada por muitas amizades entre tantas outras, inesquecíveis Jeferson Rosa Soares e Luciana Carvalho, ambos nesta época técnicos em enfermagem e sargentos temporários do Exército Brasileiro, assim: “Longas amizades continuam a crescer, mesmo a longas distâncias.” – William Shakespeare, dramaturgo e poeta inglês 1564 – 1616.

Neste intervalo de tempo, conquistei a graduação em Licenciatura de Matemática (2003) e Pós-Graduação em Métodos Matemáticos (2005). Continuando com o interesse em trabalhar com assuntos ambientais, minha monografia final da pós foi uma pesquisa relacionada a “Qualidade e aspectos sanitários dos queijos consumidos na cidade de Uruguaiana-RS.” PUCRS-Campus Uruguaiana.

Ao encerrar o curso citado, em 2005 abriu edital para concurso do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, concorri e classifiquei-me para vaga de professor de Matemática fiquei no aguardo.

Ao ocorrer minha demissão em 2007, a Universidade particular PUCRS já estava em tratativas com o governo do estado para que Uruguaiana recebesse a Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA sai insatisfeita desta empresa por não ter visualizado o trabalho responsável que poderia ter sido feito por quem de fato deveria do descarte de resíduos sólidos e líquidos da industrialização de produtos lácteos.

No próximo ano iniciei um trabalho de assistência técnica para um produtor rural, onde continuei o contato e cuidados com plantas frutíferas e ornamentais e na elaboração de produtos lácteos com leite de caprino e bovino.

Esta propriedade possuía plantação de videiras para produção de vinhos, foi danificada e aniquilada pela deriva de agrotóxicos. Possui ainda placas de energia solar, horta, pomar e animais. Evitamos o uso de agrotóxicos, com novos experimentos para produção e alimentação saudável incentivando funcionários que lá residem e trabalham rumo ao agroecológico, lá se vão doze anos nesta atividade.



Em 2009, após várias tentativas de permanecer na iniciativa privada, concomitante ao trabalho citado anteriormente, aceitei o desafio e passei a trabalhar na sala de aula. Contratada no estado como professora dos anos finais do ensino fundamental, a partir da classificação do concurso prestado no ano de 2005, mas não nomeada, desde então até os dias de hoje.

Quando fui contratada pela SEDUC - RS, já iniciei o trabalho como Multiplicadora da 10<sup>a</sup> CRE na Assessoria Ambiental e de Saúde nas escolas em que trabalhava. Incentivada sempre pela professora Marlise Grecco, responsável pela pasta. Onde participamos em diversos projetos, viagens, seminários, feiras..., eventos nacionais e internacionais.

Inicialmente assumi turmas com a disciplina de Matemática, na Escola Estadual de Ensino Fundamental República do Uruguai na gestão da professora e diretora Elvira Rosa Pereira e sua vice-diretora professora Mari Rosângela Fanti. Por pouco tempo também assumi uma turma na EEEF Getúlio Vargas.

Os chamados Temas Transversais<sup>7</sup> eram abordados e planejados juntamente com as atividades matemáticas, alguns professores entusiasmavam-se um pouco na prática, porém não se dispunham a planejar juntos pela pouca experiência em projetos.

Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) (BRASIL, 1998) comentam a importância de se educar os brasileiros para que ajam de forma responsável e sensível para com o ambiente; para que se modifiquem tanto interiormente quanto nas suas relações com o meio onde estão inseridos.

Nesse sentido, de acordo com Dias (2004) Educação Ambiental tem como finalidade:

promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as

---

<sup>7</sup>Ética, saúde, meio ambiente, orientação sexual, trabalho, consumo, pluralidade e cultura; hoje abordado pela BNCC (2017) como Temas Transversais Contemporâneos.

peçoas a possibilidade de adquirir conhecimento, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para seus problemas ambientais, como forma de elevação de sua qualidade de vida (DIAS, 2004. p. 83).

Como nem tudo são “flores” na finaleira do ano de 2010 entre notas e encerramento do ano nas escolas fui acometida de uma trombose venosa profunda, resultado de um procedimento de retirada de um cálculo renal em Porto Alegre. Com esta experiência lembrei-me do fato dos anos em que consumi água com grande concentração de cálcio, salobra, no interior de Uruguaiana-RS. Recuperei-me durante as férias escolares e retornei as atividades.

Na escola continuei meu trabalho normalmente, os alunos na sua grande maioria participavam efetivamente das atividades que para eles eram “diferenciadas” e os pais apoiavam essas ações.

Destas ações cito em destaque na Escola República do Uruguai: organização da IV Conferência Nacional Infante Juvenil pelo Meio Ambiente, o projeto escolhido pela comunidade escolar foi apresentado pelos alunos Brenda Bolson e Guilherme Barbat na Câmara de Vereadores de Uruguaiana e receberam um prêmio para a escola.

Foram realizadas diversas atividades relacionadas ao Meio Ambiente, onde foi confeccionado o Relógio do Corpo Humano<sup>5</sup>, um projeto da EMATER -RS, plantio no jardim, canteiros com hortaliças, produção de mudas de árvores frutíferas, condimentares, aromáticas e ornamentais.

A parceria para os projetos na maioria das vezes contava com os próprios alunos, pais e equipe diretiva. Com poucos recursos financeiros conseguíamos realizar o planejado, assim Fazenda (2012) diz que a necessidade de um projeto inicial que seja suficientemente detalhado, coerente e claro para que as pessoas, nele envolvidas, sintam o desejo de fazer parte dele.

Minha estreita relação com a comunidade escolar chamou a atenção de um funcionário Hermeto Gonçalves que se tornou efetivo parceiro nas

ações realizadas. Auxiliou-me na caixinha, venda de materiais reciclados, que incentivava os alunos e professores na coleta de latas e garrafas pet do projeto de reciclagem.

Concomitante, com a escola urbana iniciei meu trabalho na escola rural Fundamental Uruguaiana. Obtive a grata experiência de trabalhar em uma escola do Campo e de Tempo Integral inicialmente com o Diretor Eloi Boldori, em torno de oito anos e lá também contei com parcerias, mais uma vez encontrei uma funcionária preocupada além de seus afazeres com a saúde dos que ali se encontravam Gisele Bordignon.

Esta escola em particular, um Laboratório vivo, animais, horta, pomar, jardim. Um espetáculo para pôr em prática projetos e alimentar a ideia do possível contato com o meio ambiente mais natural levando em conta o trabalho para melhorar a consciência ambiental da comunidade escolar e o compartilhamento com outras escolas da rede.

Este entendimento parte do princípio de que somos seres sociais em formação, conforme Freire (1996) “a consciência de nosso inacabamento, que nos difere dos animais, tornamos alguém com compromissos éticos e morais em relação ao mundo em que vive.”

Em 2012 prestei concurso e aprovei no município para o cargo de professor de Técnicas Agrícolas. Em meio aos cursos e seminários em 2014 engravidei do meu segundo filho, um menino. Fui convocada para assumir a vaga no interior em João Arregui em 2015, não assumi pela distância por preocupação em deixar meu filho bebê.

No final do ano de 2015 meu diretor Eloi Boldori partiu para sua tão aguardada aposentadoria, assumindo a direção da escola a Professora Ione Woditski. Fui convidada e aceitei trabalhar com a disciplina de Ciências Naturais na escola do campo, mais um desafio e assim conquistamos com os alunos várias atividades como a produção de um vídeo editado por eles mostrando “qual a importância dos líquens no meio ambiente”, a montagem prática de cadeia alimentar e da pirâmide alimentar, esquemas em cartazes demonstrando os sistemas do corpo humano. No início de 2019

perdemos o Tempo Integral da escola e retornei 20 horas para Escola Estadual de Ensino Médio Senador Salgado Filho. Nas disciplinas de Matemática e Ciências Naturais para os 6º e 7º anos.

Durante esse período, minha atuação atraiu a atenção e disponibilidade de profissionais de universidades, da área da Educação Ambiental.

Insisti na conquista da Pós-Graduação em Educação Ambiental – UNIPAMPA-RS e atuação em diversos trabalhos junto às escolas, universidades e comunidade escolar em que atuei. Essas atividades foram devidamente registradas em forma de projetos, artigos, relatórios.

Neste meio tempo sofri a perda de meu único irmão homem de uma forma trágica, somente consegui seguir adiante com o curso ao receber o conforto de colegas, amigos e familiares. E assim continuamos unidos e fortes na oração: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te esforço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça”. Isaías,41:10.

O trabalho de conclusão do curso citado anteriormente foi um artigo escrito após o desenvolvimento do projeto proposto inicialmente com o Título “A utilização de hortas orgânicas como uma ferramenta interdisciplinar: experiências de escola rural em Uruguaiana/RS.”

Na escola para efetivação das ações, trabalhamos em conjunto na horta escolar e demonstrei para colegas, equipe diretiva, alunos e comunidade como esta é uma ferramenta interdisciplinar que bem utilizada rende a aprendizagem significativa, este estudo registrado como artigo de defesa do curso de Pós-Graduação em EA, publicado como capítulo de E-book – Educação Ambiental discussões através de práticas pedagógicas, organizado pelo coordenador Ailton Dinardi e demais organizadores.

Em meio à quase desistência do curso um encontro digamos que “cultural” com meu amigo já citado Jeferson Rosa Soares, Doutorando em Educação em Ciências-UFRGS, que me incentiva na escrita científica, demonstra paciência, orienta e sugestiona com sensatez. Pontuarei a seguir alguns dos trabalhos realizados e escritas em conjunto com demais coautores.

Participamos do I Simpósio Internacional de Educação Ambiental e Sustentabilidade – Santa Maria – RS (2018), como palestrante do evento o ilustre Ph. D. Genebaldo Freire Dias (autor da obra *EDUCAÇÃO AMBIENTAL: Princípios e Práticas*). Apresentamos o artigo com o Título: “Educação Ambiental na visão de professores em uma escola pública no Município de Uruguaiana/RS”, teve como objetivo utilizar as macrotenências classificadas por Layrargues e Lima (2014) na visão dos professores entrevistados.

Em continuidade dos trabalhos e escrita, quando adotamos o trevo de acesso à escola, onde os alunos além das práticas como construção de vasos, peças feitas de pneus retirados da natureza, efetivaram a consciência do cuidado com o outro e o respeito com as próximas gerações.

Resultou em um artigo com o título “Concepção de Estudantes sobre Meio Ambiente em uma Escola Estadual de Ensino Fundamental de Tempo Integral no município de Uruguaiana – RS” com o objetivo de registrar as concepções em MA destes alunos após trabalho realizado na escola e publicado no livro *Interdisciplinaridade em Ação* – Editora Plataforma Acadêmica.

Não paramos aí, ao abordar temas da saúde e prevenção na escola, realizamos uma escrita sobre o “Setembro Amarelo” prevenção ao suicídio, as atividades projetadas em relação às competências da BNCC<sup>8</sup> foram realizadas com os alunos e apresentado no SIEP – UNIPAMPA 2019. Nesse mesmo evento contamos com um trabalho realizado em escola municipal com o Título: “A pirâmide alimentar como instrumento na promoção da saúde do Ensino Fundamental”.

O projeto de confecção de Camas para cães com a reutilização de pneus também incentivou a comunidade escolar nos cuidados com a saúde, o trabalho envolveu toda a questão da prevenção à Dengue e os cuidados necessários para evitar a propagação da doença.

---

<sup>8</sup>Base Nacional Comum Curricular.

Nessa busca do aperfeiçoamento da escrita científica a qual tomei muito gosto, também conta com os trabalhos publicados para futuramente obter um currículo mais recheado e qualificado e experiências para a melhoria do trabalho realizado em sala de aula.

Em contraponto, o cenário das escolas do campo sofreu drásticas mudanças a começar pela diminuição do número de alunos e a imposição de fechamento pelo Governo do Estado para aquelas que possuíam número menor que 100 alunos, a EEEF Uruguaiana enquadrava – se para fechamento. Juntamos esforços e em 2019 escrevi um projeto na tentativa de aumentar a clientela e revigorar nossas ações com o título: “Transformação do espaço escolar em um Pólo para Disseminação de Tecnologias de base Agroecológica em uma Escola do Campo no Município de Uruguaiana/RS”.

Deixei este documento escrito e não consegui dar continuidade, pois, perdi totalmente o espaço na escola do campo, no ano de 2020, houve redução de alunos e de turmas e a prioridade é para os professores nomeados do estado. Esta mudança a princípio, me trouxe certa frustração, pois meu perfil profissional e pessoal identifica-se com esta clientela de alunos e espaço físico.

Por outro lado, hoje estou integralmente lecionando em escola urbana às margens do Rio Uruguai (outro laboratório vivo) EEEM Senador Salgado Filho, muito bem recebida pela diretora Isabel Ribeiro.

Acredito que enfrentar e aceitar desafios são minhas características pessoais e profissionais. Diante das diferentes mudanças tecnológicas e humanas percebo quão fácil é minha adaptação, apesar das adversidades momentâneas, que a vida nos apresenta.

Continuo com a meta de cursar Mestrado em Educação Ambiental, curso que ainda não dispunha em Uruguaiana. Após estudos mais aprofundados em relação à EA percebo o quanto meu pensamento e ações “conservacionistas” sofreram mudanças, percebo os diferentes conceitos e concepções. Entre erros e acertos com uma enorme vontade de acertar.

Além de minha realização pessoal, com certeza advém uma vontade enorme em incentivar colegas para que não caiam no esquecimento: escrever e publicar seu trabalho que são belíssimos e ficam no interior das escolas. Para que as pessoas conheçam e reconheçam o potencial do profissional da educação.

Como centros de nossas escritas estão os protagonistas desta história que são nossos alunos. Como mediadora do conhecimento, reconheço o brilho no olhar deles quando elogiados, ou em apresentações que resultam de suas ações, isto não tem preço.

Nesta percepção, reconheço também as dificuldades que estes enfrentam, na maioria das vezes dividindo seus problemas e inquietações, principalmente sobre a sua realidade socioeconômica.

A EA possui cunho ambiental e social, a escola não deve de maneira nenhuma colocar o ser humano afastado da história e da degradação ambiental, portanto, precisa trabalhar para a formação dos alunos com responsabilidade ambiental e social, deve promover a melhoria da qualidade de vida que produzam efeitos sobre os recursos ambientais.

Vejo com tranquilidade a forma como estou percorrendo caminhos, aprofundando o conhecimento e continuando a luta por espaço para que eu não seja “sempre assim...” com a certeza que posso contribuir socialmente levando comigo a criticidade e a imaginação sobre o espírito crítico fundamentais para a defesa da educação pragmática.

Desta forma, contínuo comprometida em estimular o processo de conscientização dos indivíduos sabendo da importância da posição que ocupo, tendo em vista as questões inerentes ao processo educacional e, consequentemente a vida humana.

Ao concluir, digo do meu orgulho em conseguir compartilhar minha trajetória até aqui, de tudo o que vivi, sofri, chorei. Mas, com a plena certeza de que em tudo fiz o meu melhor.

## Referências:

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. **Política Nacional do Meio Ambiente**. Disponível em: <https://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/pol%C3%ADtica-nacional-de-educac%C3%A7%C3%A3o-ambiental.htm> Acesso em: 12 junho 2020.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e prática**.- 9.ed.- São Paulo: Gaia, 2004. p.83.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. - São Paulo: Paz e Terra, 1996. - (Coleção Leitura).

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa**. - 18ª Ed.-Campinas, SP: Papirus, 2012. - (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.



## Considerações finais

Hoje, 10 de outubro de 2020, me coloco a frente do computador para tentar escrever as considerações finais deste sonho intitulado **EXPERIÊNCIAS DE VIDA E FORMAÇÃO: A dimensão ambiental nas narrativas e trajetórias de educadores e educadoras na fronteira**. Assim como uma mãe que sonha com o nascimento de seu filho, da mesma forma que um agricultor que espera pela germinação de uma semente plantada, a concretização deste trabalho foi sendo realizada e sonhada por todos os autores e autoras, que aqui deixaram registrados, um pouco de suas vivências. Confesso que ansiava pela sua concretização e finalização e posso dizer que vibrava a cada texto recebido dos colegas.

Tudo começou no mês de abril, quando já em meio a pandemia e ao isolamento, busquei por uma leitura para passar o tempo, para me distrair e fugir um pouco do cenário nada fácil que vislumbrava. Peguei nos meus arquivos o livro *Trajetoórias e narrativas através da Educação Ambiental*, organizado pelos professores Marcos Reigota, Raquel Possas e Adalberto Ribeiro, lá nos idos do ano de 2003. O livro fora escrito em capítulos, por alunos de um programa de pós-graduação da Universidade Federal do Amapá e ao realizar as leituras de forma não sequencial, fui mergulhando em um mundo de riquíssimos relatos de experiências vividas por seus autores, ora com resgates históricos, de contação de histórias de vida, ora com incríveis descrições de cenários que me fazia fechar os olhos e imagina-los.

Muito antes de terminar a leitura dos capítulos, já vislumbrava que o processo poderia ser repetido nesse outro extremo do Brasil. Rascunhei os nomes de amigos queridos, pessoas com formações diversas e que a seu modo militam na área socioambiental. Confesso que não pensei em títulos; pensei em curiosidades, em histórias, em proporcionar a esses amigos a

possibilidade de um registro - mesmo que minúsculo, parcial - de suas vivências e assim contribuir para que outros possam se encorajar a contar suas histórias ou se inspirar a partir delas.

E foi assim que tudo foi acontecendo: os convites foram feitos e no tempo de cada um, as onze escritas foram chegando, uma mais linda que a outra!

Quando olho para os títulos, fico a imaginar as escolhas dos recorte e registros de cada caminhada. Por exemplo, qual o motivo, porquê a necessidade de trazer para o título “a guria” e “o guri”, nos títulos “*Da guria curiosa à guia de trilhas ecológicas*” (Maria Elisabeth Valls de Moraes) e “*Quem és tu guri? Trajetórias de um estudante que se apaixonou pelo pampa*” (Luís Roberval Bortoluzzi Castro). Por outro lado, não passa despercebida a inclusão da docência nos textos “*Percurso formativo de uma professora à luz da educação ambiental*” de Cadidja Coutinho e “*Registros da dimensão ambiental na docência*” de Álvaro Luís Ávila da Cunha. Também há as distâncias de olhares sobre a proposta que encontramos nos textos de Filipi Vieira Amorim “*Educação Ambiental como educação filosófica: ensaio (auto) formativo*” e Cristiane Trindade Botta com seu olhar intitulado “*Uma relação de amor entre o campo e a cidade*, um falando de filosofia e outro de amor. Os temas específicos discutidos pelo Argemiro da Rosa Rocha, que busca e luta por uma tríplice fronteira com menos aramado em “*Meu ambiente sem fronteiras*” e da Dona Maria Tugira da Silva Cardoso em “*Quem tem fome, tem pressa*”, que relata todo o embate e enfrentamento necessário na busca por mais dignidade aos catadores de resíduos de Uruguaiiana. E para completar os capítulos, as escritas de Raquel Ruppenthal com “*O caminho se faz ao caminhar: reflexões sobre a formação de uma identidade ambiental*”, o relato de Karina Braccini Pereira, com “*Trajetória ambiental e pessoal: a vida feita de oportunidades, escolhas e adaptações*” e as minhas, com “*Resiliência: condição para a transformação socioambiental*”, nas quais há relatos e registros pontuais que nos trouxeram até aqui e sem nos aperceber, nos fizeram ambientalistas. Neste interim, fico a pensar sobre a forma como cada um buscou

por seus registros, naquilo que talvez esteja relacionado as suas representações sociais, ou seja, aquilo que mais salta nas memórias de cada um.

E por falar em representações sociais, importante falar da escolha e do convite ao nosso mestre Marcos Reigota para apresentar e prefaciar esta obra. Não foi algo inicialmente pensando! Mas resolvi fazer o convite, sem conhece-lo, sem seu contato. E em pouco tempo, recebi uma sinalização positiva de aceite, nos brindando com um texto sublime, que inspira e que nos coloca em movimento por uma sociedade mais justa, mais igualitária. Um texto ímpar, de alguém com a vivência e a sensibilidade, de quem milita e luta a tempos, por uma sociedade mais justa, mais harmônica e em se falando de equidade, mais sustentável.

Para finalizar, agradeço imensamente aos colegas que aceitaram o desafio da escrita e assim como lá, em meio ao Bioma Amazônico, esperamos que este livro, que estes relatos, que na sua maioria perpassam o Bioma Pampa, possam contribuir com as reflexões sobre as questões socioambientais dessa região, que também precisam ser discutidas. Se você leu essa obra coletiva até aqui, espero que sinta-se desafiado a buscar nas tuas vivências o muito que já fez ambientalmente, e principalmente, te motives a seguir realizando as ações necessárias e possíveis.

## **Autores**

### **Ailton Jesus Dinardi**

Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), campus Uruguaiiana. Doutor em Ciência Florestal. E-mail: [ailtondinardi@unipampa.edu.br](mailto:ailtondinardi@unipampa.edu.br)

### **Álvaro Luís Ávila da Cunha**

Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Uruguaiiana. Contato: [alvarocunha@unipampa.edu.br](mailto:alvarocunha@unipampa.edu.br)

### **Argemiro da Rosa Rocha**

Formado em Tecnologia da Informação pela UNISUL (SC) é ativista cultural, empresário e jornalista. Fundador da ONG Atelier Saladero, constituída para desenvolver atividades no âmbito histórico, ambiental e cultural. Atualmente é Presidente do Conselho Municipal de Meio Ambiente e do Conselho Municipal de Turismo do município da Barra do Quaraí-RS. Criou e mantém o portal [www.trinacional.com](http://www.trinacional.com) que reflete os sonhos de integração transfronteiriça das comunidades envolvidas em partilhar costumes, experiências e progressos. Contato: [argemiro@trinacional.com](mailto:argemiro@trinacional.com)

### **Cadidja Coutinho**

Licenciada em Ciências Biológicas (UFSM). Mestre e Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde (UFSM). Professora Adjunta Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito (UNIPAMPA, Dom Pedrito-RS). Líder do Grupo Colaborativo Flexilhas. Contato: [cadidjacoutinho@unipampa.edu.br](mailto:cadidjacoutinho@unipampa.edu.br)

### **Cristiane Trindade Botta**

Licenciada em Matemática, Especialista em Métodos Matemáticos e em Educação Ambiental (2017 - 2018), na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA. Docente da rede estadual de ensino atuando nos anos finais da EEEM Senador Salgado Filho. Participa como Multiplicadora da 10ª CRE na Assessoria Ambiental e de Saúde. Contato: [tbcris@hotmail.com](mailto:tbcris@hotmail.com)

### **Filipi Vieira Amorim**

Professor Adjunto no Instituto de Educação – área de Filosofia – da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Contato: [filipi\\_amorim@yahoo.com.br](mailto:filipi_amorim@yahoo.com.br)

### **Karina Braccini Pereira**

Engenheira Agrônoma pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Mestre em Biotecnologia pela Universidade de Caxias do Sul; Doutoranda em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Técnica de Laboratório de Biologia e docente da Especialização em Educação Ambiental da Unipampa. E-mail: [karinapereira@unipampa.edu.br](mailto:karinapereira@unipampa.edu.br)

### **Luís Roberval Bortoluzzi Castro**

Biólogo, Professor, passarinho, apaixonado pelo Pampa e Doutorando no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguiana. Contato: [lbortoluzzi@gmail.com](mailto:lbortoluzzi@gmail.com)

### **Maria Elisabeth Valls de Moraes**

Graduada na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-graduada Lato Sensu em Educação Ambiental na Universidade Federal do Pampa– Campus Uruguiana e participante do grupo de pesquisa Tuna. Guia de trilhas e passeios na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai. Contato: [melisabethmoraes@gmail.com](mailto:melisabethmoraes@gmail.com)

### **Maria Tugira da Silva Cardoso**

Foi fundadora e presidente da Associação de Catadores de Lixo Amigos da Natureza (Aclan). Pela sua atuação à frente desta associação, foi reconhecida pelo trabalho que realiza há mais de 30 anos em Uruguiana, na Fronteira Oeste, como catadora e recebeu o convite para narrar a própria história de luta em um documentário. Foi indicada e ganhou o prêmio de melhor atriz em curtas metragens do Festival de Cinema de Gramado de 2018, na serra gaúcha. Contato: [aclan.cssuruguiana@gmail.com](mailto:aclan.cssuruguiana@gmail.com)

### **Raquel Ruppenthal**

Professora do curso de Licenciatura Ciências da Natureza – campus Uruguiana. Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. Apaixonada por trilhas, cachoeiras e natureza. Contato: [raquelruppenthal@unipampa.edu.br](mailto:raquelruppenthal@unipampa.edu.br)

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)